REVISTA DO
CENTRO DE CULTURA SOCIAL
nº 2 — outubro de 2022

ESPECIAL
RICARDO FLORES MAGÓN

PIERCE OIL Co. LONDON
STANDARD OIL Co. N.Y.
TIERRA
LIBERTAD
PLAN DE SN LUIS
1905
"REGENERACION"
REVOLUCION SOCIAL
1906/1907

REVISTA DO
CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Uma publicação do
Centro de Cultura Social de São Paulo.

*O **Centro de Cultura Social de São Paulo** é remanescente de uma prática comum do movimento libertário no Brasil. Tem como principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos. Para tanto lança mão de meios como palestras, cursos, seminários, filmes, peças teatrais, entre outros, além de manter um acervo de arquivo e biblioteca voltados principalmente para o anarquismo. Desenvolve assim formas de ação e de formação de militantes e de livres pensadores, tendo sido comum a formação de diversos centros de cultura ou congêneres no primeiro meado do século XX. A finalidade do CCS é, inclusive estatutariamente, estimular, apoiar e promover nos meios populares o estudo de todos os problemas que se relacionam com a questão social, não somente de cunho anarquista, mas de maneira plural, havendo o especial cuidado de manter-se distante de qualquer instrumentação externa, seja de partidos políticos ou não. O CCS é independente de qualquer outra organização. Tem constituição de pessoa jurídica e tem seu funcionamento regido pelo seu estatuto. A gestão se dá pela comissão administrativa do CCS, eleita anualmente, cumpridora das deliberações de assembleias de seus sócios efetivos, havendo a participação de seus sócios contribuintes. Sendo uma entidade sem fins lucrativos, o CCS mantém-se apenas por contribuição de seus sócios e simpatizantes.*

O CCS mantém desde a sua fundação o seu caráter apartidário, plural e libertário, em que todos são bem-vindos a opinar e debater, se resguardando em não fazer proselitismo religioso ou partidário, não impingir restrições identitárias e nem posicionamentos sectários.

Centro de Cultura Social
Rua General Jardim, 253 sala 22
Vila Buarque – São Paulo –SP
CEP 01223-011

Caixa Postal 105
São Paulo – SP
CEP 01031-970

Colaboraram nessa edição:

Antonio Carlos Oliveira
Bárbara Maria Baltazar de Jesus
Benjamin Maldonado Alvarado
Cassio Brancaleone
Cibele Troyano
Jamile Gonçalves
Juan Carlos Beas Torres
Marcolino Jeremias
Mario Rui Pinto
Mayume Horibe
Nilton Melo
Renato Mendes
Rodrigo Thurler Nacif

Traduções:

Antonio Carlos de Oliveira
Cibele Troyano
Jamile Gonçalves

Capa: coloração de foto de fichamento policial de Ricardo Flores Magón de 1918.

Contracapa: fragmentado de mural no Palácio Nacional, México, *História de México através de los siglos* de Diego Rivera, 1931,

Quarta capa: *Les femmes mexicanes dans larmeé révolutionnaire,* ilustração de *Le Petit Journal*, Paris, 06/11/1913, sobre a ação das mulheres na Revolução Mexicana.

Esta é uma publicação do Centro de Cultura Social de São Paulo. Qualquer parte pode ser reproduzida desde que citada a fonte.
Informações e programação das atividades do CCS no endereço www.ccssp.com.br e nas redes sociais

Revista do Centro de Cultura Social nº 2 (outubro de 2022). São Paulo: Centro de Cultura Social, 2022. 52 pp.

ISSN 1983-4691

1. Ricardo Flores Magón. 2. Anarquismo. 3. Flores Magón, Cipriano Ricardo 1874-1922.

CDD 320.57

SUMÁRIO

Apresentação 5

Biografia de Flores Magón 7
Mário Rui Pinto

Ricardo Flores Magón: índio anarquista 11
Juan Carlos Beas Torres

Ricardo Flores Magón acorrentado aos altares do Estado Mexicano 16
Benjamín Maldonado Alvarado

Solidariedade operária latino-americana: a Revolução Mexicana e seus impactos no Brasil 21
Marcolino Jeremias

Anarquismo, magonismo e zapatismo 28
Cassio Brancaleone

Contos 31
Textos Ricardo Flores Magón / Seleção e tradução de Jamile Rai Gonçalves

O PLM e a questão indígena na Revolução Mexicana 41
Rodrigo Thurler Nacif

Mulheres, Anarquistas e o apagamento histórico na Revolução Mexicana 47
Bárbara Maria Baltazar de Jesus

CENTRO DE CULTURA SOCIAL
SÃO PAULO * BRASIL

Poster de Fermín Sagristà em *Regeneración* nº 122, 01/01/1913.

APRESENTAÇÃO

O número 2 da revista do Centro de Cultura Social é dedicado aos 100 anos da morte do revolucionário Ricardo Flores Magón, que participou da Revolução Mexicana de 1910 a 1917, e cujo nome, suas lutas e sua contribuição à Revolução Internacional são pouco ou nada conhecidos fora dos meios libertários.

O primeiro texto "Ricardo Flores Magón, uma biografia" é de Mario Rui, que traça um interessante perfil desse personagem, destacando que ele é o criador da corrente chamada anarcoindigenismo; pelo seu caráter rebelde passou por várias prisões nos EUA e México; colaborou na fundação de diversos jornais. Mario nos apresenta um Magón que não nasceu anarquista e foi, sim, influenciado por outras ideias da época, que muito rapidamente abandonou, trazendo para o anarquismo mexicano as influências das tradições indígenas e transformando o PLM (Partido Liberal Mexicano) em um espaço de articulação e conspiração. Magón foi tão perseguido que todos que publicassem seus artigos poderiam ir para a prisão ou receber uma multa. Mesmo fora do México, os tentáculos do Estado mexicano em conluio com os capitalistas norte-americanos continuam a persegui-lo. Se o Estado, para combater a revolução, extrapola os limites das fronteiras, os libertários pelo mundo unem-se solidariamente na defesa dos revolucionários, assim foi a participação, entre outros, de Emma Goldman e Alexander Berkman. Muitas lutas, muitas histórias, pouco ou nada conhecidas.

Em "Ricardo Flores Magón: índio anarquista", Carlos Beas começa por fazer uma contextualização considerando a luta caudilhista pelo poder, de um lado, e a revolução social, de outro. Uma revolução que mobilizou e trouxe para o campo das realizações as utopias acarinhadas e alimentadas durante muito tempo. Essa história, como infelizmente é comum, foi diminuída, menosprezada, silenciada nas narrativas oficiais das lutas sociais, e seu caráter libertário foi apagado. Carlos faz um resgate histórico de muitos aspectos dessa luta, das traições, das articulações, das escaramuças e lutas que ocorrem em várias regiões do México. Muito interessante os relatos das participações das mulheres e indígenas em todo esse período, do relevante papel que desempenharam. Ao resgatar parte dessa história, Carlos demonstra o quanto as lutas magonistas estão presentes nas conquistas alcançadas pelo povo mexicano.

Benjamín Maldonado nos traz a indevida, vergonhosa e totalmente descabida apropriação da figura de Ricardo Flores Magón que está sendo realizada pelo governo mexicano, que tenta associar a figura de Magón às políticas e ações governamentais. Assim, faz uma vergonhosa falsificação da história para atender às suas necessidades eleitoreiras. Nada mais contraditório do que associar a vida, lutas e história desse grande revolucionário a qualquer governo. É como se, novamente, não só estivessem assassinando Magón, como também destruindo tudo aquilo por que lutou.

A Revolução mexicana também chegou ao Brasil, como nos relata Marcolino em "Solidariedade operária latino-americana: a Revolução Mexicana e seus impactos no Brasil", que traz a importante relação entre os anarquistas em todo continente americano, inclusive como a imprensa anarquista brasileira acompanhou e refletiu os acontecimentos desse importante movimento. Aqui no Brasil foram criados grupos de apoio que fizeram comícios, lançaram manifestos, recolheram dinheiro para concretamente apoiar os revolucionários. Tamanha foi essa mobilização que até a imprensa burguesa teve de trazer à tona aquilo que a burguesia adora esconder: um movimento que lutava pelo fim da propriedade privada, por formas mais horizontais, plurais, solidárias e autogestionárias de organização da sociedade.

No texto "Anarquismo, magonismo e zapatismo", Cassio Brancaleone reflete hoje, 100 anos após a morte de Magón, sobre a influência e confluência do anarquismo, magonismo e zapatismo nas lutas camponesas e indígenas, do movimento operário internacional e do antiautoritarismo. Trata do surgimento das lideranças políticas e militares de Zapata, Villa e Magón e

do deslocamento de um equivocado olhar, muito eurocêntrico, sobre as lutas anarquistas, para uma visão mais global, dando ênfase às lutas com forte influência indígena, como a dos Zapatistas mexicanos, a partir de 1994.

A seguir, temos seis contos que foram publicados em números diversos do jornal *"Regeneración"*, semanário dos revolucionários mexicanos, e traduzidos pela companheira Jamile Gonçalves, do Centro de Cultura Social de São Paulo.

Em "O sonho de Pedro", Pedro, humilde trabalhador, após ler o *"Regeneración"*, começa a se fazer uma série de questionamentos sobre temas caros ao anarquismo, como, por exemplo: "Como viver sem governos? Sem leis e juízes? Quem tem interesse que esse sistema econômico, social e político continue?" Pedro tem um lindo sonho sobre um mundo diferente.

Em "Viva a terra e a liberdade", em plena luta, Juan se pergunta: "Por que se fez a revolução? Quem venceu a Revolução? Quando tudo permanece exatamente igual?" Grande surpresa!

"A Liberdade Burguesa" coloca em questão algumas das formas de representatividade em que o eleito se emancipa do eleitor, das contradições dessa forma de organização e dos resultados das lutas que, ao invés de emancipar, nos aprisionam...

No conto "O pudim de pão", o próprio pudim narra sua incompreensão ao ver como as pessoas se comportam diante dele, exposto em uma vitrine. Ah, o pudim de pão, alimento tão simples, mas tão desejado, um pudim que não entende como não pode matar a fome das pessoas: "Se não for comido, serei desperdiçado. Por que não me tomam a força? Por quê...?"

Em "Cobrando Méritos" O diálogo entre o Presídio e a Igreja nos possibilita a reflexão sobre duas das piores formas de aprisionamento do corpo e do espírito.

Em "O Fuzil", quem toma a palavra é a própria arma: "Sirvo a quem? E para que sirvo?" Muito curiosa essa indagação, afinal depende de em quais mãos ela esteja e para qual finalidade será usada.

Como os leitores perceberão, uma das características marcantes dessa publicação é a ênfase no papel desempenhado pelas comunidades indígenas do México. Rodrigo Thurler em "O PLM e a questão indígena na revolução mexicana" traz um questionamento sobre essa origem indígena dos irmãos Magón, sobre as influências indígenas dentro do liberalismo mexicano, e tenta traçar uma relação entre as ideias propriamente anarquistas e a sua confluência com as lutas para conquistar e garantir direitos aos povos indígenas, por exemplo, a expropriação e devolução de terras para essas populações. O artigo aborda também as lideranças indígenas e suas organizações guerrilheiras e militares.

Barbara, da CAFI (Coletiva Anarcofeminista Insubmissas), traz uma importantíssima contribuição com a reflexão, muitas vezes apagada, sobre a participação das mulheres na história do movimento anarquista e em particular na Revolução Mexicana. Das "soldaderas" como Adelita e coronelas como Dolores Jiménez, María Quinteras ou Petra Herrera que se vestiu como homem para participar da luta e se proteger contra as diferentes formas de violência, da general transgênero Amelio Robles e inúmeras mulheres, nesse caso especificamente anarquistas, entre essas, Maria Tavalera, sua filha Lucia Norman que participaram com Magón do Partido Liberal Mexicano e contribuíram para o jornal "*Regeneración*".

Desejamos uma boa leitura!

RICARDO FLORES MAGÓN: UMA BIOGRAFIA

Mario Rui Pinto [1]

"Não sou magonista, sou anarquista.
Um anarquista não tem ídolos."

Ricardo Flores Magón é uma das figuras mais importantes na História do Anarquismo, não só pelo papel que teve antes e durante a revolução mexicana iniciada em novembro de 1910, mas também por ser o inspirador de uma corrente do anarquismo, hoje chamada de anarcoindigenismo, que se revela extremamente atual nos seus pressupostos e objetivos.

Ricardo nasceu na comunidade indígena de San Antonio Eloxochitlán, no estado mexicano de Oaxaca, em 16 de setembro de 1874. O pai, Teodoro Flores, era um indígena mazateco nascido em 1829, enquanto a mãe, Margarita Magón, nascida em 1842, era filha de um imigrante espanhol, operário vidreiro, e de uma indígena. Para além de Ricardo, o casal teve mais dois filhos: Jesús, nascido em 1871, e Enrique, em 1877. Em 1878, os Flores Magón mudaram-se para a Cidade do México, onde o pai encontrou trabalho numa fábrica. Apesar da família ser pobre, os três irmãos estudaram, tendo Ricardo frequentado a Escola Nacional de Jurisprudência durante três anos, abandonando depois os estudos para se dedicar plenamente à luta revolucionária.

A sua vida foi marcada pelas muitas prisões (mais exatamente nove, entre México e Estados Unidos da América); pela fundação e/ou colaboração em diversos jornais (sendo *"Regeneración"* o mais famoso, com um total de 381 números distribuídos irregularmente por quatro épocas devido às várias proibições); e por uma atividade constante e intransigente em prol dos mais explorados e despossuídos.

Em 1892 foi preso pela primeira vez, juntamente com outros estudantes, por discursar numa manifestação em protesto contra a segunda reeleição do ditador Porfirio Díaz. Em 10 de fevereiro de 1893, com o primeiro número do jornal *"El Demócrata"*, Ricardo iniciou a sua atividade na imprensa escrita. Jornal efêmero porque, na noite seguinte à publicação do quarto número, a polícia invadiu as instalações. Jesús foi preso, mas Ricardo conseguiu fugir e refugiar-se na cidade de Pachuca. Em 7 de agosto de 1900, saiu o primeiro número do jornal *"Regeneración"*, que tinha como lema inicial "*Periódico Jurídico Independiente*", substituído por "*Periódico Independiente de Combate*" a partir do número 20 e até ao fim da 3ª época, para finalmente, na sua 4ª época, a mais longa, assumir o lema "*Periódico Revolucionario*". Esta alteração de subtítulo foi um reflexo da radicalização do pensamento de Ricardo e da orientação do Partido Liberal Mexicano (PLM) em direção ao comunismo anarquista. Sobre esta questão, importa explicar o seguinte: Ricardo não "nasceu" anarquista. O seu percurso político começou no liberalismo — entenda-se obviamente o velho liberalismo do século XIX, de matriz democrática, anticlerical e justicialista, e não o (neo) liberalismo atual — até desembocar no anarquismo. Um anarquismo profundamente influenciado por Kropotkin e Malatesta, mas adaptado à realidade social do México. Ricardo teorizou um anarcocomunismo original, mestiço, autóctone, incorporando as tradições de organização socioeconômica das comunidades indígenas. O próprio PLM não era um partido político tradicional, mas sim um espaço de articulação e conspiração que tinha como objetivo pôr fim à ditadura de Díaz e estabelecer o comunismo libertário, através de um movimento revolucionário. Alguns anarquistas europeus, com o seu eurocentrismo, nunca conseguiram perceber esta originalidade.

Em fevereiro de 1901, Ricardo participou no 1º Congresso dos Clubes Liberais, no qual, para além de fazer um discurso extremamente violento e direto contra Díaz, também conheceu Librado Rivera, uma das figuras relevantes do anarquismo mexicano e seu companheiro de luta, literalmente, até à morte. Preso pela segunda vez em 21 de maio de 1901, juntamente com Jesús, acusados de

[1] Da Editora Barricada de Livros – Lisboa. Publicou, dentre outros, o livro *Terra e Liberdade: antologia de textos escolhidos (documentos — artigos — contos) — 1906–1918.*

difamação pelo ex-governador de Oaxaca. O jornal "*Regeneración*" continuou, devido ao esforço de Enrique, mas acabou por ser proibido pelo regime em 7 de outubro, só reaparecendo em 1904, já no exílio norte-americano.

Em 30 de abril de 1902, Ricardo e Jesús foram postos em liberdade, mas este último abandonou a luta para se casar, assumindo mais tarde posições reformistas. Em 16 de julho, para burlar a proibição de *"Regeneración"*, Ricardo alugou um jornal humorístico já existente, *"El Hijo del Ahuizote"*, dando-lhe um caráter político, mas uma nova acusação de difamação, esteve na origem de mais uma prisão, em setembro, só sendo solto em 23 de janeiro do ano seguinte.

Em consequência de ter discursado em mais uma manifestação contra nova reeleição de Díaz, Ricardo voltou a ser preso, em 16 de abril de 1903, juntamente com Enrique e outros membros do PLM. Na prisão, conseguiram manter o contato com o exterior e redigir o jornal por mais algum tempo, até que a ditadura o liquidou de vez. Seguiu-se uma série de jornais, como *"El Nieto del Ahuizote"* ou *"El Bisnieto del Ahuizote"*, todos com uma vida efêmera porque foram rapidamente proibidos. Por fim, Díaz promulgou um decreto que permitia processos judiciais a qualquer publicação que divulgasse os artigos de Ricardo, para além de punir quem os imprimisse com dois anos de prisão, cinco mil pesos de multa e a confiscação da impressora. Libertado no final de 1903, Ricardo decidiu exilar-se nos Estados Unidos da América, pensando que na "terra da liberdade" seria mais fácil prosseguir a luta contra a ditadura mexicana. Puro engano! O regime corrupto de Díaz era um aliado importante para algumas grandes empresas norte-americanas, pelo que também lá foi perseguido e preso, cabendo às autoridades locais a tarefa de reprimir os magonistas.

O ano de 1904 marcou, assim, uma nova etapa na sua vida. Em 4 de janeiro, juntamente com Enrique, instalou-se na cidade fronteiriça de Laredo no Texas, mas, porque continuava a ser perseguido pela polícia mexicana, os dois irmãos foram mudando para cidades cada vez mais afastadas da fronteira: primeiro San Antonio, onde reapareceu o jornal *"Regeneración"* para a sua 2ª época; depois Saint Louis, no Missouri.

Em 1905 foi fundado o PLM, sendo Ricardo o Presidente da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano (JOPLM), mas, em 12 de outubro, Ricardo foi preso pela quinta vez, juntamente com Enrique e Juan Sarabia, devido a (mais) uma acusação de difamação.

O ano de 1906 revelou-se de intensa atividade conspirativa. Ricardo saiu da prisão em janeiro após pagamento de uma fiança, cujo montante foi angariado por Emma Goldman e Alexander Berkman. Em 1º de fevereiro iniciou-se a 3ª época do *"Regeneración"*, que foi suspenso em 1º de agosto. Mas, apesar das prisões sucessivas e dos obstáculos à divulgação do jornal, os magonistas iam ganhando força entre a classe operária mexicana, como se verificou nas diversas greves que ocorreram ao longo deste ano, sendo a mais importante a da empresa de mineração *The Cananea Consolidated Copper Company*, de capitais norte-americanos. Em agosto, Ricardo inciou uma nova fase da luta contra a ditadura, ao desencadear a primeira tentativa de guerrilha insurrecional dentro do México, envolvendo cerca de 60 grupos constituídos principalmente por trabalhadores mexicanos emigrados nos Estados Unidos (*braceros*) e indígenas Yaqui, com combates em várias localidades.

Logo no início de 1907, a JOPLM mudou-se para Los Angeles, onde Ricardo já se encontrava desde finais de 1906, escondido em casa de María Brousse Talavera e de sua filha Lucía Norman, duas mulheres que iriam revelar-se fundamentais na sua vida e na história do PLM. María já era uma ativista importante do partido em Los Angeles mas, com a chegada de Ricardo, o seu envolvimento passou a ser mais do que apenas ideológico. Com as prisões de Ricardo e de outros membros da JOPLM, María e Lucía começaram a desempenhar um papel fulcral: primeiro, como elementos de ligação entre Ricardo e o resto do partido; depois, sobretudo a partir de 1912, elas próprias como líderes, escrevendo no *"Regeneración"*, dinamizando angariações de fundos, discursando em atos públicos do PLM e participando em ações armadas. A sua ação foi crucial nos últimos anos do partido, quando este começou a declinar e os seus dois mais proeminentes membros no exílio, Ricardo e Rivera, se encontravam na cadeia e enfrentavam, na prática, sentenças de prisão perpétua.

Em 7 de agosto de 1907, Ricardo, Rivera e Villarreal foram alvo de uma tentativa de rapto perpetrada por uma agência de detetives a serviço do governo mexicano, que já oferecia uma recom-

pensa de 25 mil dólares pela captura de Ricardo. O embaixador do México em Washington tentou a deportação dos três ativistas, embora sem sucesso devido aos inúmeros comitês de apoio que se formaram e às diversas manifestações operárias realizadas. No entanto, em 23 de agosto, Ricardo e seus dois companheiros foram presos, sob acusações forjadas pelas autoridades dos dois países. Uma delas, "violação das leis da neutralidade", serviu para os manter presos e abrir um processo judicial.

Embora preso, Ricardo continuou a conspirar, preparando uma nova insurreição marcada para 25 de junho de 1908, na qual se estimava a participação de 40 a 60 grupos. A interceptação da correspondência e as prisões efetuadas pela polícia mexicana na véspera mostraram-se eficazes, mas não impediram o início do levantamento: destacamentos magonistas atravessaram a fronteira e atacaram algumas povoações nos estados de Coahuila e Chihuahua. Constatando que Ricardo conseguia manter a sua atividade conspirativa apesar de preso, as autoridades norte-americanas decidiram transferir os três prisioneiros, em agosto, para uma penitenciária de alta segurança no Arizona, onde ficaram aguardando julgamento. Ainda em junho de 1908, Ricardo e Rivera assinaram uma carta, dirigida a Enrique e a Práxedis Guerrero, na qual, pela primeira vez, se assumiram como anarquistas.

Em 14 de maio de 1909, foram condenados a um ano e meio de prisão e a cem dólares de multa cada um, sendo libertados em 3 de agosto de 1910 e regressando de imediato a Los Angeles, onde chegaram dois dias depois.

Em 3 de setembro de 1910 o *"Regeneración"* voltou a ser editado, iniciando a sua 4ª e última época, que incluiu 262 números. A decisão de Díaz de se candidatar de novo a Presidente e a subsequente fraude eleitoral foram o detonador primário da revolução mexicana. A sublevação iniciou-se em 20 de novembro de 1910, com a participação ativa das forças magonistas, que conquistaram diversas localidades. No entanto, em 30 de dezembro de 1910, o movimento sofreu um duro revés com o desaparecimento de um dos seus principais dinamizadores, Guerrero, morto em circunstâncias nunca esclarecidas, após a sua coluna ter conquistado a cidade de Janos, no estado de Chihuahua. A decisão de Guerrero de partir para território mexicano à frente de uma coluna foi pessoal e tomada à revelia da JOPLM, já que era suposto que Ricardo iria assumir este papel.

No início de 1911, apesar da morte de Guerrero, as forças magonistas atuavam em diversas regiões do México, como Chihuahua, Veracruz, Sonora, Oaxaca, Coahuila, Tlaxcala e Morelos, para além da Baixa Califórnia, que merece uma referência especial devido à dimensão territorial que teve. Com o apoio de filiados do sindicato Industrial Workers of the World (Trabalhadores Industriais do Mundo - IWW) e de anarquistas de diversas nacionalidades, os magonistas organizaram uma expedição a partir de território norte-americano e ocuparam toda a região da Baixa Califórnia, capturando cidades importantes como Mexicali e Tijuana. O objetivo era criar um imenso laboratório de experimentação anarquista, passando pela reapropriação da terra e sua distribuição por comunas livres. Esta ocupação provocou uma reação enérgica dos dois governos, porque a Baixa Califórnia estava nas mãos de grandes empresas norte-americanas que contribuíam financeiramente para sustentar o esforço de guerra de Díaz. O governo federal deslocou um número importante de efetivos militares para aquela região e iniciou uma campanha de difamação, apelando ao nacionalismo, proclamando que os magonistas tinham anexado a Baixa Califórnia, auxiliados por aventureiros, para a entregar aos "vizinhos do Norte". Por sua vez, o governo dos Estados Unidos não só também enviaram um destacamento militar, como prenderam alguns membros do PLM no exílio, entre os quais Ricardo. Importante notar que, já depois da queda do ditador Díaz, o governo interino de León de la Barra continuou a combater a experiência anarcocomunista magonista na Baixa Califórnia até conseguir derrotá-la, em finais de junho de 1911.

A chegada efetiva de Francisco Madero ao poder não significou o fim da luta armada, já que tanto Ricardo como Zapata se opuseram ao novo governo, cujo programa não ia além de um liberalismo reformista. Assim, o PLM aderiu ao chamado Plano de Ayala, promovido por Zapata em novembro de 1911, que preconizava o derrube do governo de Madero e propunha uma reforma agrária controlada pelas comunidades camponesas. Magonistas e zapatistas aproximavam-se politicamente e nos objetivos da luta. Antes disto, em 13 de junho, Ricardo recebeu em Los Angeles uma delegação enviada por Madero, da qual fa-

zia parte o seu irmão Jesús, oferecendo-lhe a vice-presidência da República, em troca de renegar os seus ideais e abandonar a luta. Obviamente que esta oferta foi recusada, pelo que logo no dia seguinte, Ricardo foi preso pela sétima vez, juntamente com Enrique, Rivera e Anselmo Figueroa, sob as acusações de "conspiração para organizar uma expedição armada contra o México" e de "violação das leis da neutralidade". Todos foram soltos mediante pagamento de fiança, mas ficaram a aguardar o respectivo processo judicial. No ano seguinte, a 25 de Junho de 1912, a sentença das autoridades judiciais norte-americanas foi de 23 meses de prisão a serem cumpridos na penitenciária federal da ilha McNeil, uma das mais duras do país, onde chegaram em 4 de julho e de onde saíram em meados de janeiro de 1914, notavelmente enfraquecidos e com sintomas claros de envenenamento.

O jornal *"Regeneración"*, que foi mantido em circulação devido aos esforços de María, Lucía, William C. Owen, entre outros e outras ativistas, suspendeu a sua publicação no final de 1914 devido à falta de fundos, só reaparecendo em 29 de outubro de 1915. As autoridades judiciais norte-americanas mudaram de estratégia e começaram a acusar os membros da JOPLM mais pelas ideias que professavam, do que pelas ações que praticavam. O resultado prático desta alteração foi o agravamento de multas, fianças e penas, para além da revogação da franquia postal grátis a que o *"Regeneración"* tinha direito. A questão financeira tornou-se, assim, de primordial importância para a sobrevivência do partido e do jornal.

Ainda em 1915, Ricardo, María, Lucía, Rivera, Enrique e Teresa Brousse Talavera, sua companheira e irmã de María, e mais cerca de vinte magonistas decidiram fundar uma quinta comunitária em Edendale, na Califórnia, com um duplo objetivo: por um lado, assegurar uma forma de subsistência a um grupo alargado de pessoas, pondo em prática o comunismo anarquista; por outro, com a venda dos produtos da quinta, arranjar mais uma fonte de financiamento para o jornal. Esta experiência comunitária terminou em fevereiro de 1916, quando Ricardo sofreu a sua oitava prisão, juntamente com Enrique, acusado, para variar, de "escrever artigos difamatórios". A verdadeira razão foi uma série de artigos denunciando atrocidades cometidas no Texas, pelas autoridades norte-americanas, contra trabalhadores mexicanos. Em julho, graças aos esforços de Goldman e Berkman, conseguiu-se juntar a fiança necessária para os dois irmãos saírem em liberdade.

Em 16 de março de 1918, o número 262 e último do jornal *"Regeneración"* publicou um manifesto da JOPLM, assinado por Ricardo e Rivera, dirigido aos membros do partido, aos anarquistas de todo o mundo e aos trabalhadores em geral, o qual postulava as mais puras concepções do ideal libertário. Porém, as autoridades norte-americanas encararam a mensagem política veiculada por este manifesto como muito perigosa e decidiram pôr fim à presença incômoda no seu território de revolucionários irredutíveis, pelo que, em 18 de março, prenderam ambos sob a acusação de "violação da Lei de Espionagem". Ricardo e Rivera foram condenados a penas duríssimas, verdadeiras sentenças de morte: respectivamente, 20 e 15 anos de prisão e cinco mil dólares de multa cada um. Foi a última prisão de Ricardo, à qual não conseguiu (ou não o deixaram) sobreviver. Na noite de 20 para 21 de novembro de 1922, ele morreu na penitenciária federal de Leavenworth, no Kansas, na sequência de uma parada cardíaca, segundo o relatório do médico da prisão. No entanto, Rivera, que viu o corpo no necrotério da prisão, sempre afirmou que Ricardo fora assassinado por estrangulamento ou, pelo menos, deixado morrer sem assistência médica.

Quando o presidente mexicano da época, Álvaro Obregón, reclamou o cadáver para lhe dar honras de funeral de Estado, Enrique e María recusaram-se a entregá-lo, mas aceitaram o pedido da Federação dos Trabalhadores Ferroviários para transportar o corpo até à Cidade do México. No dia do funeral, milhares de trabalhadores deslocaram-se ao local para se despedirem de quem lutou, durante tantos anos, pelos direitos de operários e camponeses e por justiça social e liberdade, levando nos ombros a urna até ao cemitério.

Atualmente, o seu corpo encontra-se no Mausoléu dos Homens Ilustres do Panteón Civil de Dolores, na Cidade do México.

RICARDO FLORES MAGÓN: ÍNDIO ANARQUISTA

Juan Carlos Beas Torres [1]

Você vai jogar bola,
eu vou fazer a revolução.

A partir de 1910 e de maneira generalizada, estouraram no México duas revoluções. Uma política, que procurava a renovação dos poderes políticos, e outra agrária e social, que buscava defender e obter direitos para os oprimidos. Duas revoluções que em alguns momentos chegaram a coincidir, mas em outros chegaram a enfrentar-se numa luta de morte.

A história oficial da revolução mexicana concentra-se numa sangrenta lista de fatos violentos. É uma grande sucessão de enfrentamentos, traições e de uma intensa luta dos caudilhos pelo poder. Madero sobe na onda revolucionária substituindo o General Díaz; "O Chacal" Huerta assassina Madero; Huerta é sucedido pelo Convencionalismo e este pela presidência do ex-governador porfirista Carranza; Don Venustiano enfrenta a todos derrotando os zapatistas e villistas, mas é encurralado em 1920 por ordens de seu aliado Álvaro Obregón e, dizem, foi suicidado. E etc. Todo o resto é anedótico. A morte e o sofrimento de milhões de pessoas é somente o cenário que acompanha esta luta pelo poder. Na história dos governantes o povo só existe para não existir.

Sem dúvida, a outra revolução, a revolução social, aquela que reclamava direitos, a que significou uma amplíssima mobilização cidadã, a que transformou radicalmente a vida cotidiana de milhões de pessoas, a que retrata a divisão e o enfrentamento familiar, essa é a qual a história oficial minimizou ou ocultou. A história daqueles e daquelas que reivindicavam uma mudança radical que ia para além do reconhecimento de direitos do povo foi silenciada, essa que foi desfigurada pelos governantes para nutrir seu poder, essa história de rebeldias é a inominável, onde nos encontramos com a intensa participação das mulheres; essa que é a lembrança das pestes, fome extrema e povoados queimados, essa tão trágica como a vida de centenas de meninos e meninas órfãos que vagavam pelos caminhos carregando seu desamparo, essa história que rememora o esforço de povos inteiros que em prolongadas assembleias decidiram seu futuro, essa é considerada secundária e marginal.

O magonismo não foi apenas um movimento precursor .

O magonismo não existe.

Ricardo Flores Magón

A história oficial minimizou o movimento mais radical da revolução mexicana e quis reduzi-lo a uma etapa anterior ao estouro de 20 de novembro de 1910; sem o esforço de milhares de mulheres e homens, as conquistas do processo revolucionário estariam reduzidas a pequenas reformas. Apesar de terem sido derrotados, os e as magonistas deixaram seu rastro estampado em muitos dos direitos conquistados pelo povo mexicano. A figura de Ricardo Flores Magón, um personagem rebelde, coerente com suas ideias e inimigo de todo governo, tem sido utilizada por diferentes autoridades para enaltecer seus próprios projetos. Se Ricardo vivesse…

Com a palavra "magonismo" denominou-se um ideário e um movimento político independente, um amplo conjunto de ações de diferentes tipos ocorridas entre os anos de 1892 até 1922, relacionadas aos irmãos Flores Magón; sem dúvida, o termo "magonistas" contrariava Ricardo, que argumentava que seu movimento não era personalista, que buscava distanciar-se daqueles per-

[1] Ativista do movimento indigena, ex-assessor do EZLN nos Diálogos de Paz, fundador do Congresso Nacional Indigena e integrante da União de Comunidades Indígenas da Zona Norte do Istmo de Tehuantepec, escritor e colaborador de peródicos do movimento indigena e libertário — pai e às vezes mãe de 5 filhas.

sonagens que aspiravam chegar ao poder, como Madero, Carranza ou Obregón. Em seus primeiros anos, este movimento foi parte do setor antirreeleição que se opunha ao ditador Díaz, mas até 1904 evoluiu para posições radicais tornando-se parte importante dos atores que deram vida à revolução social e agrária.

Os irmãos Flores Magón eram nativos da serra mazateca de Oaxaca, filhos de Teodoro Flores Reyes e de Margarita Magón Grajales. Teodoro, herói da guerra contra os franceses, se reconhecia descendente de mexicas e nativo de Oaxaca. Enrique, o mais novo dos irmãos, recorda estas palavras de seu pai:

> "Nós somos nativos de Oaxaca em virtude de termos nascido lá. Toda a terra ao redor de cada um de nossos povos pertence à comunidade. Todas as manhãs saímos para trabalhar na terra. Todos, exceto os enfermos, inválidos, velhos, mulheres e crianças. Alegremente vão todos os que estão aptos, animados pelo pensamento de que o trabalho que fazem é para o benefício de todos. Chega o tempo da colheita. Observem, filhos meus, como se dividem as colheitas entre os homens da tribo. Cada um recebe de acordo com suas necessidades. Entre nós —e levantou um dedo para dar ênfase à sua observação— não há ricos nem pobres […]. Supunha-se que fosse eu quem mandava neles —sorriu meu pai—, porque eu era o líder. Certo, eu era o chefe, mas até o dia em que saí de Teotitlan, não dava ordens. Não exercia nenhuma autoridade coercitiva. Só funcionava como conselheiro e árbitro. Nenhuma autoridade se impõe a nós. Não é necessário, meus queridos filhos. Não temos juízes. Nem cárceres. Nem sequer um simples policial. Vivemos em paz, estima e amor de uns aos outros como amigos e irmãos."

O ideário dos irmãos Flores Magón, em princípio, foi liberal e sua atividade política muito cedo se concentrou no jornalismo. Participaram do movimento estudantil de 1892, e em 1900 fundaram o periódico "*Regeneración*", que seria sua principal arma de combate contra o despotismo do governo porfirista, que os perseguiu e encarcerou em pelo menos três ocasiões entre 1900 e 1904. Como consequência da constante perseguição que sofreram e que punha em perigo sua vida, Ricardo e Enrique exilaram-se nos Estados Unidos e, em 1905, criaram com outros revolucionários a Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano. Por volta de 1906 seu ideário havia evoluído ao Anarquismo, identificando-se com o pensamento dos anarcocomunistas Piotr Kropotkin, Sebastián Faure, Errico Malatesta e Elisée Reclus. O anarcocomunismo do Partido Liberal Mexicano (PLM) é uma combinação das práticas autônomas da comunalidade e da resistência indígena, assim como do pensamento e prática do comunismo libertário.

Dos Estados Unidos impulsionaram a criação de uma rede de organizadores, chamados delegados, que participaram da distribuição do "*Regeneración*" e da criação de organizações sociais que promoveram greves, insurreições e ataques armados. Uma das organizações criadas pelo impulso dos pelemitas foi o Grande Círculo de Operários Livres, em abril de 1906, em cuja constituição estiveram diretamente envlvidos os operários José Neira Gómez e Juan Olivar, ambos delegados do Partido Liberal Mexicano. O Grande Círculo promoveu numerosas greves e tinha sólida presença entre os trabalhadores têxteis de Puebla, Valle de México, Tlaxcala, Querétaro e Veracruz. O magonismo impulsionou a organização operária e as greves de Río Banco, Cananea e La Hormiga, entre muitas outras. O historiador norteamericano John M. Hart escreve:

> "Durante o ano de 1906, em meio ao crescente descontentamento dos operários, "*Regeneración*", patrocinado por pequenas doações reunidas ao longo de todo México, chegou aos 30.000 exemplares por número. Por volta de 1906, o PLM contava com 44 unidades guerrilheiras clandestinas e vários clubes que operavam dentro das cinco zonas em que haviam dividido o México. Operários radicais conduzidos por nove mexicanos identificados e sete norte-americanos foram responsáveis pela famosa greve de Cananea em 1906…"

Nas diversas etapas da vida do Partido Liberal Mexicano participaram homens e mulheres provenientes de regiões distintas, de ocupações diversas e de grupos étnicos diferentes. As mulheres desempenharam um papel muito importante neste movimento, entre elas lembramos de

Margarita Ortega, Juana Belem, Modesta Abascal, Conchita Rivera, Basilia Franco, Lucía Norman, María Talavera, Voltairine de Cleyre e Trinidad Saucedo entre muitas outras mais; participaram também outras pessoas de várias ocupações como os professores Manuel Zárate y Librado Rivera, pequenos comerciantes como Felipe Carrillo Puerto, curandeiras como Teresa Urrea, jornalistas como Anselmo L. Figueroa ou Lauro Aguirre; indígenas como Fernando Palomares, Ignacio Gutiérrez, Donaciano Pérez, Javier Huitemea, ou Lázaro Gutiérrez de Lara; mineiros como Esteban Vaca Calderón ou Manuel M. Diéguez, operários têxteis como José Neira ou Juan Olivar; profissionais como o engenheiro Nicolás T, Bernal ou o médico Luis Rivera Cruz; ferroviários como Cándido Donato Padua. Guanajuatenses como Práxedes G. Guerrero; Prisciliano Silva e Manuel Chao, de Chihuahua; do Istmo, como Adolfo C. Gurrión; potosinos como Antonio Díaz Soto y Gama e michoacanos como Primo Tapia. De Tabasco: Domingo Magaña, da mixteca oaxaqueña: Hilario Carlos Salas e nativo de Texcoco, Ángel Barrios.

O Partido Liberal Mexicano organizou um número importante de ações armadas entre 1906 e 1914 principalmente nos estados de Chihuahua, Veracruz, Sonora, Tamaulipas e Coahuia. Numa destas ações, ocorrida em 30 de dezembro de 1910, durante o assalto ao povoado de Janos em Chihuahua, morreu o guerrilheiro Práxedes Gilberto Guerrero. Para desenvolver seus planos armados, a Junta Organizadora criou uma confederação de grupos do Exército Liberal e para operar havia dividido territorialmente o país em cinco zonas militares; também estabeleceu uma estreita aliança com movimentos indígenas que resistiam há muitos anos, como os yaquis, os rarámuri, popolucas, nahuas e os mayas; acompanhou rebeliões indígenas como a de Acayucan ao sul de Veracruz e, em 1911, junto com integrantes da organização operária internacional Industrial Workers of the World (IWW), tomou a região de Mexicali, na Baixa Califórnia, para estabelecer uma zona liberada. A história oficial, nesses anos, tratou o PLM como um grupo de revoltosos, bandidos, facínoras, traidores e inclusive de flibusteiros.

Os membros do Partido Liberal Mexicano foram os primeros a realizar as ações armadas que levaram à queda do governo do ditador Díaz. Por meio da agitação conseguiram criar as condições para que amplos setores da população se somassem à luta antiporfirista. Mas, uma vez concluída a fuga de Don Porfirio, continuaram combatendo as forças leais a Francisco I. Madero. Em 24 de maio de 1911, Ricardo Flores Magón publicou um manifesto, em que aponta Madero como traidor; este posicionamento iria provocar uma divisão interna entre os pelemitas: uns apostariam no movimento democratizador de Madero e outros seguiriam impulsionando a revolução social. Antes da ruptura definitiva entre Ricardo e Panchito Madero, este último enviou Jesús Flores Magón e Juan Sarabia para oferecer-lhe a vice-presidência da República, Ricardo, fiel a seus princípios anarquistas, nem sequer quis conversar com os comissionados. Madero acabou traindo o movimento que o levou à presidência da República, uma vez que nomeou como integrantes de seu gabinete conhecidos porfiristas e, em particular, um militar alcoólatra e sanguinário, originário de Jalisco: Victoriano Huerta. Logo depois Zapata e Pascual Orozco pegaram as armas, mas desta vez contra o chefe da revolução democratizadora, que pagou muito caro por seus erros, sendo assassinado em meio a uma rebelião ocorrida em fevereiro de 1913. Panchito, que era espírita, não previu o perigo de nomear Victoriano Huerta como Ministro da Defesa sendo que era um dos inimigos da revolução. Victoriano foi um militar de linhagem, torpe e cruel, com fama de maconheiro e de assassino de indígenas yaquis e maias, a quem o povo dedicava ironicamente uma popular canção, adaptada à época: La cucaracha.

Em 1911, o PLM mantinha três frentes de luta, uma contra o governo de Madero, outra contra os traidores e a última contra o governo dos Estados Unidos, que ordenou a detenção dos integrantes da Junta Organizadora e os prendeu por mais de três anos na longínqua prisão da ilha McNeil no estado de Washington. O isolamento a que foram submetidos os irmãos Enrique e Ricardo, Anselmo Figueroa e Librado Rivera tornou muito difícil a articulação e comunicação dos grupos do PLM com a Junta Organizadora, fazendo com que pessoas e milícias relacionadas com o PLM se dispersassem; uns somaram-se ao projeto maderista, outros, como José Inés Salazar e Emilio P. Campos aliaram-se às forças coloradas de Pascual Orozco e alguns ao movimento zapatista.

Sem dúvida, entre os anos de 1911 a 1914, houve vários levantamentos armados em nome do PLM. Em 1911 cerca de 500 guerreiros yaquis atacaram o quartel militar em Pitahaya, Sonora, derrotando os federais e expondo a bandeira vermelha com o lema *Tierra y Libertad*. Ao Sul de Veracruz e Tabasco, Cándido Donato Padua e Ignacio Gutiérrez, à frente de um grupo guerrilheiro, batiam-se com os federais e, por sua vez, Santana Pérez, rarámuri, sobrevivente da matança de Tomochic, encabeçou um grupo armado que também ergue a bandeira do PLM nas serranias de Chihuahua. Em Coahuila, a milícia liderada por Primitivo Gutiérrez, em 9 de fevereiro de 1912, em nome do Partido Liberal Mexicano, derruba a Constituição de 1857 e decreta o Comunismo Libertário no povoado de Vacas, Coahuila; em 1912, o PLM realizou também algumas ações armadas en Tamaulipas, quando um grupo de camponeses com Hilario Tanguma à frente levantaram-se em armas e dividiram as terras no município de Aldama.

Entretanto, até 1914, como já vimos, Hilario Carlos Salas, indígena mixteco, dirige um grupo guerrilheiro que realiza ações armadas na serra de Soteapan, ao sul de Veracruz e em Sonora, divisões de yaquis rebeldes continuam combatendo agitando a bandeira vermelha de *Tierra y Libertad*.

Por causa do encarceramento dos editores de "*Regeneración*", das dificuldades econômicas e dos problemas para sua distribuição, a tiragem reduziu-se a mais ou menos 13 mil exemplares. A edição do combativo periódico ficou a cargo de Antonio de Padua Araujo, Rafael Romero e Blas Lara, publicando o manifesto de 23 de setembro de 1911, no qual a Junta Organizadora expressa uma posição abertamente anarquista, declarando guerra a todo governo.

Em 1913, alguns membros do Partido Liberal Mexicano haviam se somado ao movimento zapatista, que levantava a bandeira de *Tierra y Libertad*. Nesse mesmo ano, Antonio de Padua encontrou-se em Morelos com Emiliano Zapata. Tempos depois, Antonio convidou Ricardo Flores Magón para editar o periódico em terras morelenses, sob o controle dos zapatistas. Proposta que nunca chegou a concretizar-se.

Os irmãos Flores Magón foram encarcerados de novo em 1916, saindo livres poucos meses depois, graças a uma intensa mobilização internacional. Em 1918, em plena I Guerra Mundial, divulgou-se, por meio de "*Regeneración*", um novo manifesto, dirigido aos anarquistas do mundo, sendo presos Ricardo e Librado Rivera Godínez, acusados de conspiração pelo governo dos Estados Unidos e condenados a 20 e 15 anos de prisão respectivamente. Esta seria a última prisão de Ri-

cardo, pois morreria, presume-se, assassinado, em 1922. O professor Rivera foi libertado pouco depois e deportado ao México, cruzando a fronteira com os pés descalços, sem dinheiro e usando uma corda como cinta. O velho e doente Librado continuou lutando incansavelmente até a sua morte em 1932. Morreu pobre, já que nunca quis aceitar a pensão que o governo lhe ofereceu. Pobre, mas rico em dignidade e coerência como seu correligionário Ricardo Flores Magón.

Muitos dos direitos alcançados pelo povo mexicano neste processo têm a marca magonista; os direitos sociais contidos na Constituição de 1917, como o direito de greve, a reforma agrária e o fim do latifúndio, a jornada laboral de 8 horas, a educação gratuita e laica, entre outros mais, haviam sido já declarados pelo Partido Liberal Mexicano em seu Programa de 1906. E foram reivindicados a sangue e fogo, por milhares de homens e mulheres valentes, arriscando suas vidas, heróis e heroínas anônimas, cujos feitos se diluíram com o tempo, de cuja memória só resta o aroma das rosas que emana da tumba de um esquecido povo do deserto do Arizona, onde se diz, repousam os restos de Teresa Urrea, a santa menina rebelde.

Referências Bibliográficas

BEAS, Carlos; BALLESTEROS, Manuel; MALDONADO, Benjamín. *Magonismo y Movimiento Indigena en México*. Ce-Acatl. Mexico, DF, 2004

GÓMEZ-QUIÑONES, Juan. Sin frontera, sin cuartel: Los anarcocomunistas del PLM, 1900-1930. *Tzintzun, Morelia,* n. 47, p. 161-196, jun. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-28722008000100006&lng=es&nrm=iso>.

PEÑA RAMÍREZ, César Gabriel. Luis Olvera, *La revolución social en el norte de México y las comunas anarquistas del Partido Liberal Mexicano 1911-1915.* Oficio. Revista de historia e interdisciplina, [S. l.], n. 14, p. 135–137, 2022. Disponível em: <https://www.revistaoficio.ugto.mx/index.php/ROI/article/view/241>

Manifiesto a los Anarquistas del Mundo. Regeneración, 16 de marzo de 1918. INEHRM.

Regeneración, 24 de marzo 1917, número 255. Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana (INEHRM).

RICARDO FLORES MAGÓN ACORRENTADO AOS ALTARES DO ESTADO MEXICANO

Benjamín Maldonado Alvarado [1]

Reiteradamente o Estado mexicano tem tentado apropriar-se da figura de Ricardo Flores Magón com o duplo objetivo de dar alguma solidez e argumento positivo às suas políticas e ações governamentais e de adoçar a trajetória de um personagem nacional ácido, colocando-o à força no curral dos mártires que "nos deram Pátria e Liberdade".

Primeiro, especulou-se que ele teria sido o precursor da revolução mexicana, o que significa dizer que ele antecedeu Francisco I. Madero e o maderismo. Isso é errado, mas acima de tudo insustentável. Seus conceitos, intenções e ações são antagônicos, diametralmente opostos e são claramente expressos em seus escritos contemporâneos. Acontece que Madero não fez um trabalho político de agitação e seu triunfo parece ter vindo do nada. Fazia-se necessário um antecedente, que não poderia ser o liberalismo, porque não se estendeu por toda a década de 1900, foi então que se recorreu a Magón.

Velório durante o traslado (por volta de 26 de novembro de 1922). Funerária Breese. Rua Figueroa, 855, Los Angeles, Califórnia, EUA (Fototeca Nacional, INAH. Tomada de http://archivomagon.net/sin-categoria/galeria-mag-24/

No mesmo sentido, a história oficial destaca as greves de Cananea (1906) e Río Blanco (1907) como dois momentos fundamentais do movimento que deu sentido à revolução mexicana, ou seja, ao maderismo e às subsequentes disputas de poder. A explicação volta a ser a de que a chamada revolução mexicana não teve antecedentes importantes de organização. Mas a desrazão está no fato de que ambas as greves não faziam parte de nenhum movimento de trabalhadores da mineração ou indústria têxtil, por isso não tiveram continuidade após a repressão.

A verdade é que para Flores Magón a greve não era uma estratégia fundamental na luta revolucionária (como ele escreveria alguns anos depois) e o que importava eram os movimentos de insurreições que estavam organizando de 1905 a 1906 no país. Em carta endereçada aos irmãos Villarreal Márquez, de Laredo, Texas, em 5 de dezembro de 1905, Ricardo Flores Magón diz: "Devemos organizar calmamente a revolução. Devemos preparar centros de rebelião em todo o país para que a conflagração seja geral e não de um único ponto da República" (Fabela, 1966, p. 19).

E após a greve de Cananea e sua repressão, uma carta a Tomás D. Espinosa, de 2 de agosto de 1906, esclarece o interesse na insurreição em Cananea:

> "Muito querido colega: a Junta recebeu com alegria a notícia que você envia de ter distribuído com felicidade o Programa do Partido, na cidade mineira da Cananea [Sonora]. Receba nossos parabéns e aplausos pelo bom desempenho de sua comissão. Envio a você um documento credenciando-o como comissário-chefe

[1] UNAM, Faculdade de Estudos Superiores Aragão.

para organizar a revolução nos pontos que você julgar apropriados, e especialmente em Cananea, Douglas [Arizona] e Nacozari [Sonora]. [...] É bom certificar-se de que há dois mil rifles no porão da loja de Cananea. Se esses rifles existirem realmente, o que deve ser feito é cair sobre eles no momento apropriado, antes que [William] Greene possa armar sua gente. É por isso que você tem que fazer tudo com muita discrição. Que eles não descubram as intenções dos liberais de pegar as armas de surpresa. [...] Rogo que me diga se isso pode ser feito com chance de sucesso, ou seja, apropriar-se das armas, porque então vamos calcular a força do partido. Também é bom que a dinamite seja coletada por nossas forças, para fazermos voar as vias férreas". (www.archivomagón.net/Obras Completas/Correspondencia/1906).

Também nas "Instruções Gerais para os Revolucionários", de 1906, preparando os grupos insurrecionais, diz:

"II.- Se eclodir em Cananea a revolta que se espera atualmente, todos e cada um dos grupos revolucionários se levantarão imediatamente, sem esperar por aviso da Junta. III.- Se não houver revolta em Cananea, mas em outro ponto, sendo membros do Partido Liberal aqueles que a iniciarem, levantar-se-ão igualmente todos e cada um dos grupos revolucionários, sem esperar por aviso da Junta" (www.archivomagón.net/Obras Completas/Manifiestos y Circulares/1906).

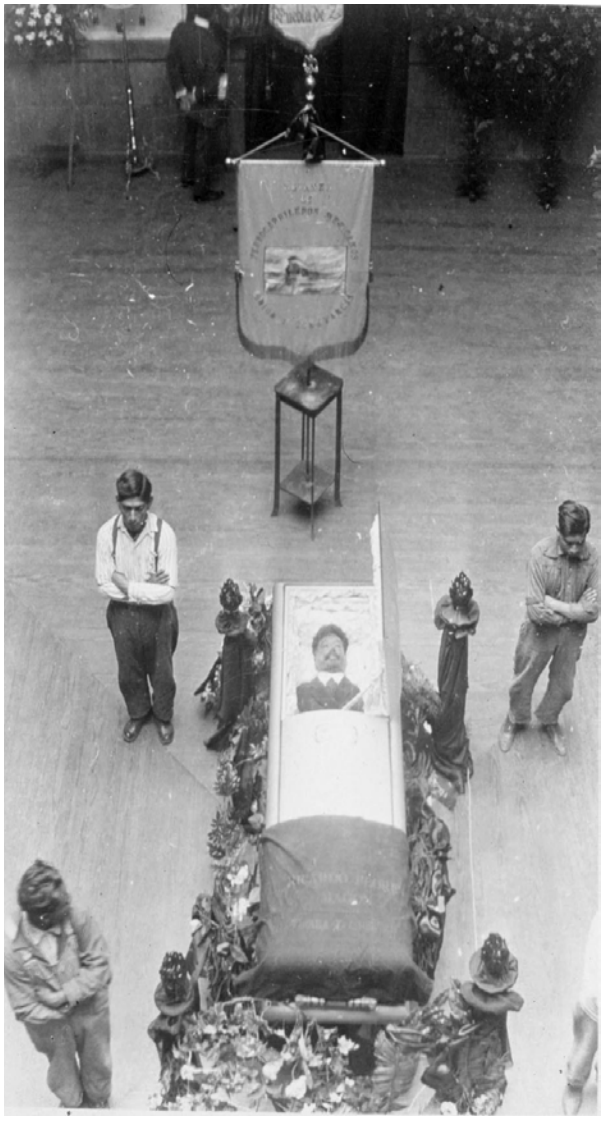
Estas Instruções não são datadas, mas provavelmente foram publicadas antes de setembro de 1906.

Então, quando Ricardo Flores Magón morreu, o Estado iniciou a disputa sobre seus restos mortais: Quando a notícia foi conhecida e tornada pública em seu discurso perante o Congresso mexicano em 22 de novembro de 1922 (http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/politica/discursos/3.html), o ex-magonista e zapatista Antonio Díaz Soto y Gama, então deputado federal, reconheceu ser um dos inventores do mito do precursor que ocuparia a história oficial:

"Ricardo Flores Magón, eu disse, foi o precursor da revolução e o autor intelectual dela; Ricardo Flores Magón preparou o terreno para Madero, e Madero e o maderismo encontraram o terreno preparado, a mesa posta, pelo menos o terreno ideológico da preparação das massas; mas desde que Madero triunfou, ele é o ídolo; como Ricardo Flores Magón morreu em uma prisão, Flores Magón talvez passará despercebido pelos olhos ingratos."

Ele também deixou clara sua posição em relação ao Estado mexicano:

"Ricardo Flores Magón teve o gesto de grandeza de rejeitar a pensão que esta Câmara decretou em sua honra, e não serei



Velório no Distrito Federal (15 de janeiro de 1923). Sede Alianza Ferrocarrilera. Calle de Rosales, Cidade do México. (Fototeca Nacional, INAH). Tirada de http://archivomagon.net/sin-categoria/galeria-mag-25/

> eu quem manchará seu nome pedindo que, assim como se obscurece a tribuna por um magistrado ultrapassado, representante das velhas ideias, se obscurece esta tribuna que não é digna da figura de Flores Magón, porque ele era mais do que a Câmara, ele era mais do que a Representação Nacional, porque ele era a inspiração, a antevisão que levou o povo à revolução."

Mas, independentemente dos argumentos contra o insulto de transformar Flores Magón em mártir da nação e seu sistema, a Câmara dos Deputados resolveu: "Único. Trazer para descansar no solo da pátria, em nome do Governo mexicano, os restos mortais de Ricardo Flores Magón" (Carmona, 2022). Isso não aconteceu porque os trabalhadores impediram.. A Confederação dos Trabalhadores Ferroviários do México e vários sindicatos norte-americanos estavam encarregados de embalsamar seu corpo, transferindo-o do Kansas para o Distrito Federal organizando noites para ser velado em diferentes estações de trânsito, comprando um túmulo no Panteão Francês e enterrando-o lá em 16 de janeiro de 1923.

Finalmente, em 1º de maio de 1945, seus restos mortais foram removidos do Panteão Francês

Zócalo del DF, 1945. Homenagem antes da transferência de seu caixão para a Rotunda dos Homens Ilustres. Retirado de Hernández (1950, s/p)

e transferidos por instruções governamentais para a Rotunda dos Ilustres Homens, para uma tumba miserável.

Também haveria uma disputa sobre sua memória. Ele acabou tornando-se um herói incômodo para o governo mexicano, pois foi acusado de filibusterismo, quando a terceira tentativa revolucionária na Baja Califórnia em 1911, foi considerada uma ação para entregar seu governo aos Estados Unidos. O chefe desta acusação foi o jornalista oaxaqueño Rómulo Velasco, de filiação porfirista, que em junho de 1920 publicou seu

Estado de sua pequena tumba na Rotunda, em 1992 (Fotos: BMA). No livro da velha tumba dizia: "Camponês: quando você está na posse da terra você terá justiça, porque a liberdade e a justiça não são decretadas, elas são o resultado da independência econômica, ou seja, de tirar vantagem para si mesmo, para os seus, do produto integral do seu trabalho."

Estado atual do túmulo (Foto: BMA). O ano de nascimento foi corrigido e o texto do livro foi alterado..

livro "Os Estados Unidos da América tomarão posse da Baja Califórnia? A invasão filibusteira de 1911." Foi a partir de 1931 que a acusação e os argumentos de Velasco tornaram-se relevantes, e por mais de uma década inflamariam debates a favor e alguns contra, até que finalmente o governo mexicano convenceu-se da "honestidade" e do "patriotismo" de Flores Magón e o recompensou com uma pequena tumba na Rotonda.

E, claro, haveria também a luta pelo seu nome, para poder levá-lo ao altar legislativo (sede da Câmara dos Deputados). Após ter sido, por quatro décadas, exaltado como um abnegado precursor da revolução que se institucionalizou e depois humilhado como traidor da pátria, foi finalmente absolvido. Em outubro de 1963 o Senado dirigiu aos deputados um "projeto de lei para registrar, com letras de ouro, nessa Câmara colegisladora, o nome de Ricardo Flores Magón, e promover a homenagem à sua memória em todo o país, em 22 de novembro, aniversário de sua morte." E haveria projetos de vários deputados em 1972, 1984, 1985, 1987, 1988, 1993 e algumas propostas menores de reconhecimento. Mas foi só muitos anos depois que, em 2000, o Congresso aprovou um decreto: "Artigo Único. - Registro em Letras de Ouro no Muro de Honra do Palácio Legislativo de São Lázaro, o nome do Ilustre Revolucionário Ricardo Flores Magón". E a publicação no Diário Oficial coube a outro presidente tão magonista e revolucionário como o atual: Ernesto Zedillo (LIX Legislatura, 2006).

Finalmente, ele seria novamente arrancado de sua pequena tumba e da parede do Congresso pelo Estado, e colocado no altar da morena 4T: O presidente López Obrador decidiu declarar 2022 como o Ano de Ricardo Flores Magón no centenário de sua morte, insistindo em canonizá-lo como precursor da revolução institucionalizada.

Alguns de seus argumentos são óbvios, mas outros são ideias muito ignorantes e até mesmo falsidades insultantes, por exemplo, que Flores Magón teria conseguido sua libertação e estaria a dias de ser libertado pelo presidente Obregón quando morreu. Ou o jornal "Regeneración" teria sido criado nos Estados Unidos, ou que o Programa PLM ainda estaria em vigor (ousando compará-lo com o Plano de Seis Anos de Lázaro Cárdenas e com o seu próprio). Levando ao limite o mito do precursor, na mesma conferência de imprensa em que fez o anúncio de sua decisão, ele disse que os magonistas foram radicalizados e se levantaram em armas em 1906 e 1908 contra Díaz, mas que foi Madero "quem conseguiu levantar o povo em armas na convocação à luta de 1910. É por isso que este ano é dedicado a Ricardo Flores Magón" (https://www.youtube.com/watch?v=K1u1u51gmNs, minuto 62). Ideologicamente, ele o identifica como um anarquista, "mas de um anarquismo muito bom e social, que contribuiu muitíssimo. Foram os precursores". Um anarquista radical, banhado nas águas do governo, para ser ungido como a imagem do Estado que ele lutou para exterminar. Parece ser uma recompensa por sua derrota exibir sua cabeça separada de seu corpo.

López Obrador também disse que este ano, essa dedicatória aparecerá em todos os papéis oficiais. Mas, em mais um de seus atos de autoritarismo carismático, enquanto anunciava, no início de 2022, o ano de Magón, no Congresso discutiu-se e aprovou-se, dois meses depois, em 2 de março, e o decreto foi publicado dia 18, entrando oficialmente em vigor no dia seguinte, embora com

Logotipo oficial do ano de 2022.

21 de novembro de 1994 (Foto: BMA). O túmulo de Ricardo Flores Magón digno por um ato maciço de Magonistas Mazatec e outros, após o evento anual do governo, alguns dos quais participantes surpresos são vistos ao fundo. A Rotunda foi alcançada marchando do Zócalo.

cinismo em seu segundo artigo transitório se lê: "Segundo.- Em estrita adesão ao princípio da distribuição de competências, os entes federativos, municípios e demarcações do território nacional são convidados a aderir a essa declaração". Dois meses antes de oficialmente convidar para aderirem à sua proposta, Andrés Manuel López Obrador (AMLO) havia imposto sua vontade a todo o país em 3 de janeiro de 2022. E antes de mudar de assunto naquela conferência, tendo como pano de fundo a imagem de Ricardo Flores Magón, ele cumprimentou outro presidente de sua estatura dizendo: "Desejo que o presidente Bolsonaro saia bem de sua intervenção, porque foi hospitalizado".

Palavras Finais

Após uma trajetória turbulenta em todas as situações, Ricardo Flores Magón foi sacrificado várias vezes pelo Estado nacional: no altar da história, no panteão dos heróis, na parede dos mártires e no imaginário do neoliberalismo populista.

Hoje ele foi colocado contra a parede como uma imagem religiosa, um santo que abençoa as boas obras do 4T. Parece estar lá para justificar o trem maia, o corredor transístmico o novo aeroporto, os projetos de lei, a vontade popular enganada através de consultas sujas etc., como se os desejos revolucionários de Magón coincidissem com as imposições do obradorismo.

Bibliografía

Carmona, Doralicia (2022). *Ricardo Flores Magón, 1873-1922*. En: Memoria Política de México. https://www.memoriapoliticademexico.org/Biografias/FLM73.html

Fabela, Josefina F. de (1966). *Documentos históricos de la revolución mexicana, Tomo X Actividades políticas y revolucionarias de los hermanos Flores Magón. México*: Ed. Jus.

Hernández, Teodoro (1950). *La historia de la revolución debe hacerse*. México, edición de autor.

LIX Legislatura (2006). *Letras de Oro. Ricardo Flores Magón*. México: Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión, Colección Muro de Honor. En: https://www.diputados.gob.mx/sedia/sia/re/RE-ISS-04-06-51.pdf

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA LATINO-AMERICANA: A REVOLUÇÃO MEXICANA E SEUS IMPACTOS NO BRASIL

Marcolino Jeremias [1]

Logo após a organização dos primeiros sindicatos ou ligas de resistência, orientados pelos anarquistas e sindicalistas revolucionários no Brasil, é possível constatar que já havia uma constante comunicação entre as associações operárias sul-americanas, como podemos notar no periódico "*La Voz Del Destierro*", número único, publicado em São Paulo, nos idiomas português, espanhol, francês e italiano, em solidariedade aos trabalhadores argentinos que estavam sendo vítimas de uma lei de expulsão[2]. Nesse mesmo sentido, o periódico anarquista *"Kultur"* falava sobre "as relações de boa camaradagem que nos vão prendendo cada vez mais aos nossos camaradas da imprensa social da Argentina e Uruguai. Livres de preconceitos e das rivalidades que os políticos burgueses e mesmo os nossos pretensos literatos alimentam".[3]

"*O Amigo do Povo*" publicou uma nota da Federação dos Estivadores e Afins da Argentina e do Uruguai, na qual ela manifestava o desejo de relacionar-se com as sociedades ou federações do mesmo ramo existentes no Brasil[4]. Notamos, portanto, que já havia um contato entre as organizações brasileiras, argentinas e uruguaias e que esses vínculos foram se fortalecendo com o passar do tempo.

A relação de solidariedade entre as organizações argentinas e brasileiras alcançou outro nível, em outubro de 1904, quando a União dos Operários Estivadores, que na época contava com cerca de 800 sócios[5], realizou duas conferências, uma no Cassino Comercial e outra no Cassino Espanhol, onde falaram Constante Carballo, secretário geral da Sociedad de Resistencia de los Estibadores de Buenos Aires e Manuel Vázquez, secretário da Federación Obrera Regional Argentina (FORA), para um público numeroso, repleto de estivadores e trabalhadores de outras profissões.

O discurso dos operários argentinos tinha um forte teor internacionalista, antimilitarista, anticlerical e antiparlamentarista, chegando a fazerem afirmações como: "Voltaire – pronunciando a célebre frase – Se não houvesse Deus, seria preciso inventá-lo, enganou-se redondamente. A razão está com Bakunin, afirmando que, se houvesse Deus, seria preciso destruí-lo". E também:

> "Outro ponto para qual o orador pede o estudo dos seus colegas é a eleição. Não votem. Seria contribuir para elevar os verdugos do povo, um contrassenso. O sufrágio leva ao poder os que, saídos do povo, é contra o povo que atiram os seus golpes, criando impostos, dificultando-lhes a vida".

Falaram ainda sobre o 1º de Maio, que não deveria ser considerado como uma data de festa do trabalho, e sim como um protesto veemente contra o capital, explosão irreprimível da indignação da massa operária contra os que a exploram. Chamavam também a atenção dos trabalhadores para a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), como marco inicial das lutas socialistas modernas, e que o desenvolvimento e a ação daquela poderosa sociedade deixaram ensinamentos que mereciam a meditação de todos os trabalhadores.[6]

---

[1] Membro do Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (Guarujá–SP) e pesquisador do movimento anarquista brasileiro.

[2] *"La Voz Del Destierro"* (São Paulo), 6 de janeiro de 1903, número único. O periódico incentivava os trabalhadores a não migrarem para a Argentina por causa da repressão.

[3] *"Kultur"* (Rio de Janeiro), setembro de 1904, número 4, ano 1, página 35.

[4] *"O Amigo do Povo"* (São Paulo), 23 de abril de 1904, número 51, ano 2, página 3.

[5] *"Gazeta de Notícias"* (Rio de Janeiro), 15 de outubro de 1904, página 2. Em *"La Protesta"*, segundo informações do foguista brasileiro, Candido João dos Santos, consta que a União dos Operários Estivadores teria 1.800 sócios e a Sociedade dos Foguistas, 1.600 sócios. *"La Protesta"* (Argentina), 16 de outubro de 1904, número 425, ano 8, página 1.

[6] *"Gazeta de Notícias"*, 24 de outubro de 1904, pá-

Por fim, o objetivo dessas conferências era unir as diferentes classes de operários que trabalhavam nos portos do Brasil, da Argentina e do Uruguai. E durante esses eventos foi firmado um pacto de solidariedade entre os estivadores sul-americanos do qual fizeram parte a União dos Operários Estivadores do Rio de Janeiro e a Sociedade Internacional União dos Operários de Santos, além dos trabalhadores portuários argentinos e, posteriormente, uruguaios.

Em 1909, ainda antes do início da revolução mexicana, o periódico anarquista *"Liberdade!"*, editado por Manuel Moscoso, demonstrava estar muito bem informado sobre aquele contexto político-social, registrando que a agitação revolucionária no México continuava com energia e paixão e que demonstrações populares contra o governo de Porfirio Díaz se espalhavam pelo país inteiro, inclusive, com sublevações ocorrendo dentro de setores militares. Afirmavam:

> "Os rebeldes, com as armas, dispersaram-se cantando hinos revolucionários [...]. Contam-se agora mais de dois mil camponeses armados nas montanhas. O governo não ousa atacá-los. Por outro lado, os revolucionários preparam-se para a revolução, contando com o apoio de todos os homens de coração".[7]

Após o advento da revolução mexicana, em 20 de novembro de 1910, as primeiras informações sobre os levantes armados foram chegando ao Brasil, através do serviço telegráfico dos diários comerciais. Aos poucos, a imprensa operária e libertária brasileira, também passou a receber e narrar informações sobre o conflito mexicano, alguns episódios tinham contornos bem marcantes e dramáticos, como a batalha de Parras de la Fuente, quando as tropas federais se apoderaram de um templo jesuíta e fizeram dele um forte militar. Os revolucionários derrubaram a igreja com dinamite, resultando tão grande o número de mortos, que foi necessário queimá-los porque era impossível enterrar todos. Ao mesmo tempo, os revolucionários da região de Mexicali, na Baixa Califórnia, solicitavam o envio de obras sociológicas para difundir ao povo ideias emancipadoras e, assim, fortalecer a conquista feita através das armas.[8]

Os principais periódicos que divulgaram os acontecimentos da revolução mexicana foram *"A Lanterna"* (SP), *"La Battaglia"* (SP), *"O Proletário"* (Santos), *"A Voz do Trabalhador"* (RJ), *"A Luta"* (RS) e *"A Guerra Social"* (RJ) que, naquele momento, era o mais importante jornal especificamente anarquista em língua portuguesa. O jornal anticlerical *"A Lanterna"*, por exemplo, foi o primeiro periódico brasileiro que conseguiu contato direto com o coletivo editorial que publicava *"Regeneración"*, semanário dos revolucionários mexicanos, porém, *"A Guerra Social"*, que tinha um núcleo editorial no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, tornou-se o principal porta-voz dos revolucionários mexicanos no Brasil.

A partir do momento que os objetivos do Partido Liberal Mexicano foram sendo conhecidos e assimilados em meio ao operariado brasileiro, a simpatia popular pela causa dos revolucionários mexicanos foi aumentando, e inúmeras demonstrações de solidariedade foram realizadas. Em São Paulo, no dia 28 de maio de 1911, os anarquistas se reuniram na sede da Associação Feminina de Educação Moderna, na rua 15 de Novembro, número 50, 3º andar, e formaram o Grupo de Solidariedade Internacional que tinha como objetivo apoiar a revolução mexicana por todos os meios que estavam ao seu alcance, em especial, distribuindo manifestos, organizando comícios de protesto e arrecadando dinheiro para enviar aos revolucionários mexicanos.[9]

No Rio de Janeiro, o grupo editor de "*A Guerra Social*", mesmo antes da publicação do seu primeiro número, através da imprensa oficial, convocava a população para um comício popular a ser realizado no dia 18 de junho, na sede da Federação Operária do Rio de Janeiro:

> "Revolução Mexicana – Ao Povo! O povo mexicano acha-se em aberta luta com os seus opressores. Não quer mais tiranos e por isso a renúncia de Porfirio

gina 2. Ver também: *"O Libertário"* (Rio de Janeiro), 1º de novembro de 1904, número 2, ano 1, página 4. Esse número também registrava a colaboração financeira de Manuel Vázquez para esse periódico, editado pelo anarquista brasileiro Carlos Dias.

[7] *"Liberdade!"* (Rio de Janeiro), 8 de setembro de 1909, número 2, ano 1, página 3.

[8] *"O Proletário"* (Santos), 15 de julho de 1911, número 3, ano 1, página 1.

[9] *"A Lanterna"*, 17 de junho de 1911, número 91, ano 10, página 3.

> Díaz e a vitória de Francisco Madero não terminou a revolução popular que aspira conquistar: Terra e Liberdade! Com o fim de manifestar nossa solidariedade moral e material aos revolucionários mexicanos, convidamos o povo em geral para que assista ao comício que realizaremos domingo, 18 do corrente, às 2 horas da tarde, na rua General Câmara, número 335, sobrado, onde um camarada exporá as condições de luta e escopos almejados".[10]

Em Santos, o grupo editor de *"O Proletário"*, convidou a população santista para participar de um comício em prol da revolução mexicana "no qual se explicará a origem e tendência emancipadora dessa insurreição libertária que tenta destruir todas as tiranias e pôr a terra à disposição de todos os habitantes, garantindo-lhes o pão e a liberdade". O comício foi realizado, no dia 20 de julho, na sede da Federação Operária Local, na rua General Câmara, número 83 (sobrado). Falaram Domingos Alexandre, Annibal Marcos, Carlos Zeballos, Luiz Caiaffa e Primitivo Raymundo Soares, na ocasião ficou constituída a Comissão Pró-Revolução Mexicana, que permanecia em sessão permanente na sede da Federação Operária.[11]

Nesse período, estava em Santos o jornalista colombiano L. Lopera Berrio, que fez algumas conferências e escreveu para os jornais da região, falando sobre as questões sociais latino-americanas e, por consequência, sobre o contexto político mexicano. Ao escrever contra o imperialismo ianque, afirmava que "nada nos une, tudo nos separa".[12]

No dia 30 de julho, houve um novo comício de protesto em Santos, com a participação de militantes de São Paulo, que novamente se reuniu na sede da Federação Operária Local, depois saíram em passeata pelas ruas da cidade e a manifestação terminou com um comício público na praça Telles, com a presença de cerca de 600 pessoas. Na ocasião, foi feita a leitura do seguinte manifesto anti-imperialista:

> "O povo de Santos, reunido em pública manifestação resolveu solidarizar-se com os seus irmãos, que no México lutam pela liberdade e completa emancipação dos trabalhadores, prestar-lhe todo o auxílio possível e deixar patente a sua indignação contra a intervenção dos Estados Unidos nas questões internas do México e contra o governo de qualquer outra potência que lhe seja o exemplo".[13]

Os comícios públicos em solidariedade à revolução mexicana continuaram acontecendo, pelo menos, até o ano seguinte, incorporando outras demandas do contexto político-social latino-americano. Como no caso do comício público, realizado no dia 3 de março de 1912, na praça Telles, que tinha como objetivo demonstrar solidariedade aos revolucionários mexicanos e, ao mesmo tempo, protestar contra a repressão que estava ocorrendo na Argentina. Estavam representadas na manifestação a Comissão Pró-Revolução Mexicana, o Comitê Pró-Liberdade Argentina de Santos, a Federação Operária Local, o Grupo Anarquista Renovação, a Federación Obrera Regional Argentina e o Comité Central Pro-Libertad Argentina de Montevidéu. Na presença de uma numerosa multidão operária que entoava hinos libertários, utilizaram a palavra: Primitivo Raymundo Soares, Edgard Leuenroth, Carlos Zeballos, J. B. da Silva, Zeferino Oliva, M. Garrido, J. Vidal. No final do comício, a população caminhou até a sede da Federação Operária Local, por entre brados de protesto e ao canto da Internacional, e da sacada falaram Luis La Scala, Galileu Sanches, José Louzada, entre outros trabalhadores.[14]

Edgard Leuenroth apresentou a seguinte moção pública que foi aprovada:

> "O operariado de Santos, reunidos [sic] em comício na praça Telles, para protestar contra a pressão brutal exercida na Argentina sobre os trabalhadores conscientes e todos os homens de ideias livres. Considerando que a solidariedade entre os oprimidos de todos os países deve ser a base da luta que se vem desenrolando em prol da sua emancipação. Considerando que os autocratas daquele país, sob a capa da democra-

[10] *"Jornal do Brasil"* (Rio de Janeiro), 18 de junho de 1911, página 4.

[11] *"Diário de Santos"*, 16 e 21 de julho de 1911, página 2.

[12] *"Diário de Santos"*, 23 de julho de 1911, página 1.

[13] *"A Tribuna"* (Santos), 29 de julho de 1911, página 2. *"Diário de Santos"*, 31 de julho de 1911, página 1.

[14] *"Diário de Santos"*, 2 de março de 1912, página 2. *"A Tribuna"*, 4 de março de 1912, página 1.

A REVOLUÇÃO MEXICANA

AO POVO DO BRASIL

O povo do Mexico está neste momento sustentando uma luta heroica, grandiosa contra os tyrannos que o exploram, que o escravizam. A revolução mexicana não é uma revolução de mesquinhos fins politicos, de que constantemente lançam mão os exploradores da boa fé do povo, para a conquista do poder. O povo que está em luta no campo de batalha no Mexico tem aspirações mais justas, mais dignas: — o pão para todos e para todos a liberdade.

Lêde o appello que esses heroes fazem aos trabalhadores de todo o mundo:

O appello dos revolucionarios

Companheiros: Vai para quatro mezes que a bandeira vermelha do proletariado flameja nos campos de batalha do Mexico, sustentada por operarios emancipados, cujas aspirações se compendiam neste sublime grito de guerra: **Terra e Liberdade.**

O povo do Mexico está neste momento em franca rebellião contra os seus oppressores e, tomando parte na geral insurreição, encontram-se os defensores das ideias modernas, "os convencidos da inefficacia das panaceias politicas para redimir o proletariado da escravidão economica, os que não creem na bondade dos governos paternaes nem na imparcialidade das leis elaboradas pela burgueria, os que sabem que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores, os partidarios da acção directa, os que desconhecem o *sagrado* direito de propriedade, os que nunca empunharam as armas para fazer subir amos, mas sim para destruir a cadeia do salariato. Estes revolucionarios [illegible] pela junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, (519½ E. 4th St., — Los Angeles, Cal., U.S.A.) cujo orgão official, *Regeneración*, explica com clarividencia as suas tendencias.

O Partido Liberal Mexicano não luta para derrubar o dictador Porfirio Diaz e pôr em seu logar um novo tyranno. O Partido Liberal Mexicano toma parte na actual insurreição com o deliberado e firme proposito de expropriar a terra e os utensilios de trabalho para os entregar ao povo, isto é, a todos e a cada um dos habitantes do Mexico, sem distincção de sexo. Este passo consideramo-lo essencial para abrir as portas da emancipação effectiva ao povo mexicano.

Pois bem: encontra-se igualmente com as armas na mão um outro partido: o Anti-reelecionista, cujo chefe, Francisco Madero, é um millionario que tem visto augmentar a sua fabulosa fortuna com o suor e com as lagrimas dos colonos de suas fazendas. Este partido, luta para tornar «effectivo» o direito de votar e fundar, em summa, uma republica burgueza, como a dos Estados Unidos. Este partido, essencialmente politico e capitalista é, naturalmente, inimigo do Partido Liberal Mexicano porque vê na actividade dos liberaes um perigo para a superviven cia da republica burgueza, que permitte aos politicos, aos candidatos a empregos publicos, aos ricos, a todos os ambiciosos, aos que querem viver á custa do soffrimento e escravidão do proletariado, a continuação da desigualdade social, a subsistencia do systema capitalista, a divisão da familia humana em duas classes: a dos exploradores e a dos explorados.

A dictadura de Porfirio Diaz está prestes a cair; a Revolução, porém, não terminará por esse facto: sobre a tumba dessa infamante dictadura ficarão de pé e, frente a frente, com as armas na mão, as duas classes sociaes: a dos fartos e a dos famintos, pretendendo, a primeira, a preponderancia da sua casta, e, a segunda, a abolição desses privilegios por meio da implantação dum regimen que garanta a todo o sêr humano o Pão, a Terra e a Liberdade.

Esta luta formidavel das duas classes no Mexico é o primeiro acto da grande tragedia universal que, bem depressa, terá por scenario a superficie de todo o planeta e cujo acto final será o triumpho da formula generosa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, que as revoluções politicas da burgueria não poderam crystalizar em factos porque não se atreveram a fazer em pedaços a espinha dorsal da tyrannia: capitalismo e autoritarismo.

Companheiros de todo o mundo: a solução do Problema Social está nas mãos dos desherdados de toda a terra; pois sómente exige a pratica duma grande virtude: a **Solidariedade.** Vossos irmãos do Mexico tiveram o valor de desfeitar [illegible] mas não para fazer dela um pueril alarde em inoffensivas manifestações pelas ruas e praças, que quasi sempre terminam com a prisão e espancamento dos manifestantes pelos cossacos dos tyrannos senão para sustenta-la firmemente nos campos de batalha como um repto galhardo á velha sociedade que pretendemos esmagar, para fundar em terreno solido a Sociedade Nova de justiça e de amor.

Nossos esforços, por generosos e abnegados que sejam, seriam aniquilados pela acção solidaria da burguezia de todos os paizes do mundo. Pelo só facto de ter effectuado a sua apparição a bandeira vermelha nos campos de batalha do Mexico, a burguezia dos Estados Unidos obrigou o presidente Taft a enviar vinte mil soldados á fronteira do Mexico e navios de guerra aos portos mexicanos! Que fazem, entretanto, os operarios de todo o mundo? Cruzam os braços e contemplam como nas cadeiras dum theatro as pessoas e os transes deste tremendo drama, que deveria commover todos os corações, que deveria sublevar todas as consciencias, que deveria fazer vibrar intensamente os nervos de todos os desherdados da terra e pôrem-se a pé, como um só homem, para deter as esquadras de guerra e opporem-se á invasão dos escravos de uniforme de todos os paizes.

Agitação: é o supremo recurso do momento. Agitação individual dos operarios conscientes; agitação collectiva das sociedades operarias e das de livre-pensamento; agitação na rua, no theatro, no bonde, nos centros de reunião, no seio da familia, em todos os logares onde possa haver ouvidos dispostos a executar, consciencias capazes de se indignar, corações que não tenham sido empedernidos com a injustiça e a brutalidade do meio; agitação por meio de cartas, de manifestos, de folhas volantes, de conferencias, de comicios, por todos os meios que sejam possiveis, fazendo comprehender a necessidade de agir, immediatamente, com energia, em pról dos revolucionarios radicaes do Mexico, que precisam de tres coisas importantes: protexto mundial contra a intervenção das potencias nos assumptos mexicanos, operarios conscientes decididos a propagar as doutrinas de emancipação social entre os inconscientes e DINHEIRO E MUITO DINHEIRO para sustentar a Revolução Social no Mexico.

Companheiros: Reemprimi este manifesto, traduzam-no em todos os idiomas e façam-no circular por todos os ambitos do mundo. Peçam á imprensa operaria que o publique nas suas columnas, leiam a *Regeneración* e remettam o vosso obulo á Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano: 519½ E.ª 4th st., Los Angeles, California, U. S. A.

Nossa causa é a vossa: é a causa do triste escravo da gleba, do pária da usina e da fabrica, do galeote da marinha, do presidiario da mina, de todos os que soffrem a tyrannia do systema capitalista. Nossa causa é a vossa: si permaneceis inactivos quando vossos irmãos encontram a morte na peleja heroica, em prol da nossa libertação, dareis com vossa inacção um rude golpe á causa do proletariado.

Não nos occuparemos em vos demonstrar o que tem sido a vossa indifferença, a vossa falta de solidariedade, o desconhecimento do dever que tendes de unir-vos para precipitar o advento da Revolução, a que se deve o retardamento lamentavel da Era Nova em que existirá a patria universal dos homens livres e irmãos. Agora tendes á vista a Revolução Social no Mexico, ¿que esperais para agir? ¿Aguardais que este generoso movimento seja esmagado para encher o espaço com vossos protestos que serão impotentes para restituir a vida aos vossos melhores irmãos e para expulsar dos peitos o desanimo que provocaria o fracasso, fracasso que vós mesmos terieis preparado com a vossa indifferença?

Meditae, companheiros, e agi immediatamente, sem perda de tempo, antes que o vosso apoio chegue demasiado tarde.

Comprehendei o perigo em que nos achamos, defronte a todos os governos do mundo, que veem no movimento mexicano a apparição da Revolução Social, a unica de que temem os poderosos da terra.

Companheiros: cumpri a vosso dever.

Da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, na Cidade de Los Angeles, California, U. S. A., em 3 de Abril de 1911.

Ricardo Flores Magon
Antonio de P. Araujo
Librado Rivera
Anselmo L. Figueroa
Enrique Flores Magon

Em S. Paulo constituiu-se um comité com o encargo de angariar recursos a favor dos revolucionarios.

O seu endereço é: Grupo de Solidariedade Internacional,

Caixa do Correio, 208 - S. PAULO

Este comité convocará o povo de S. Paulo para um comicio de solidariedade, que se realizará por estes dias.

Manifesto da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, publicado pelo Grupo de Solidariedade Internacional de São, Paulo — 1911.

> cia procuram, por meio da violência, deter a expansão do pensamento, resolvem enviar os seus ardentes protestos de solidariedade aos que estão lá sofrendo os rigores da reação, assim como as suas sinceras saudações aos bravos que no México lutam pela emancipação do povo". [15]

Na ocasião, ainda foi realizada uma coleta, que angariou uma quantia regular que foi remetida ao Comitê do Partido Liberal Mexicano.

Trabalhadores brasileiros contribuíram financeiramente para a causa da revolução mexicana, as listas de subscrições vinham de regiões como: São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Niterói, Poços de Caldas, Porto Alegre, Capivari, Amparo, Votorantim, Campinas, entre outras cidades. Inicialmente, as doações eram enviadas por intermédio de algum anarquista do exterior como Neno Vasco ou mesmo Emma Goldman, até o contato ser feito diretamente com o comitê do Partido Liberal Mexicano. Os anarquistas santistas, por exemplo, não tinham o menor pudor em pedir que a população ajudasse os revolucionários mexicanos a comprar armas e munições:

> "A única desvantagem com que lutam os trabalhadores mexicanos é por não terem bastante armas e munições, e para isso é que os trabalhadores de todo o mundo devem deitar uma mirada, pois a vitória do povo mexicano beneficiará os deserdados de todo o mundo. E é por isso que de todas as partes o operariado deve mandar elementos para que os lutadores mexicanos possam adquirir armas e aplastem os inimigos do povo".[16]

O protesto dos libertários brasileiros além de estar nas ruas e nos jornais operários, também alcançava a imprensa oficial. Nas páginas do diário carioca *"A Época"*, o anarquista Orlando Correa Lopes afirmava:

> "O movimento anarquista transformou-se no México nessa sangrenta revolução de que diariamente os jornais nos dão notícias, sem lhe atribuir a importância que lhe cabe na solução do problema social. O que se está passando no México não é uma luta entre partidos políticos que disputam o governo; não é uma guerra civil como se pensa e se afirma. A revolução dividiu a sociedade mexicana em dois campos perfeitamente distintos – de um lado está a sociedade burguesa ameaçada em seus fundamentos e agarrando-se com unhas e dentes às suas propriedades e aos seus privilégios; do outro lado a grande massa dos trabalhadores proletários e camponeses, empenhados em destruir a ordem atual para reorganizar o México nos moldes do comunismo anarquista".[17]

O mesmo jornal publicou uma entrevista com um antigo negociante mexicano, chamado Francisco, que se encontrava refugiado no Brasil. Ao falar sobre o México, o entrevistado declarou:

> "O fim dessa revolução popular no México é trabalhar para abolir em toda a parte do mundo, começando pelo México, toda a propriedade privada, que a terra pertença a todos os que trabalham, a todos os seus habitantes, a abolição completa do dinheiro, dos governos, da magistratura, do clero, do militarismo, de tudo enfim que concorre para a desigualdade social [...]. Muitos Estados do México já estão nas mãos do povo, que já está de posse de tudo quanto lhes pertence, desfrutando em comum o que todos consideram um direito, porque é o produto do trabalho de todos, tendo já desaparecido dessas terras conquistadas todos os parasitas que gozavam o trabalho dos outros".

Sobre o movimento operário brasileiro, tinha a seguinte impressão:

> "Aqui o operariado também já começou a despertar e, tendo até a pouco só conhecido os livros e doutrinas de Bebel, Ferrer e Karl Marx, começa também a conhecer a escola racionalista e, quando começarem a ler com atenção os jornais e revistas verdadeiramente operários, e a obra dos grandes filósofos russos

[15] *"A Lanterna"*, 9 de março de 1912, número 129, ano 11, página 3.

[16] *"O Proletário"* (Santos), 1 de janeiro de 1912, número 7, ano 1, página 4.

[17] *"A Época"* (Rio de Janeiro), 21 de fevereiro de 1913, página 1. Esse texto que publicamos apenas um trecho, também foi editado no periódico *"Regeneración"* (Los Angeles/CA), 17 de maio de 1913, número 141, página 3.

> Bakunin, Kropotkin, dos italianos [sic] Malatesta e do francês Émile Zola, estarão abalados os alicerces de sua pequena propriedade".[18]

As manifestações dos trabalhadores brasileiros também vão chegar ao "*Regeneración*", órgão oficial dos anarquistas do Partido Liberal Mexicano, e o primeiro anarquista brasileiro a publicar um artigo no periódico será justamente o pedreiro santista Domingos Alexandre, mais tarde conhecido pelo pseudônimo de Sylvio Floreal:

> "Avante, pois, irmãos de miséria, nos organizemos e ao lutar com afinco e valor, abandonemos de uma vez por todas as vaidades e questões triviais. Tratemos de estudar com habilidade e ardor sublime a grandiosa questão social porque ela é a única que integralmente vai nos redimir quiçá num futuro não muito distante deste opróbrio material e moral que tanto degrada a grande família universal trabalhadora, dos que tudo produzem e nada usufruem [...]. Organizemo-nos e trabalhemos com perseverança e estoicismo em uma luta titânica e sem trégua ao capital, nosso eterno inimigo e fonte de todas as desigualdades e penúrias sociais".[19]

Em outubro de 1915, o então anarquista Astrojildo Pereira, em nome da Confederação Operária Brasileira, assinava e difundia o seguinte manifesto pela imprensa diária:

> "A comissão confederal da COB, em sua última reunião, a 9 do corrente, resolveu enviar aos ministros representantes dos governos que projetam intervir no México, o mais enérgico dos protestos contra tal ameaça. Com que direito vão os governos estrangeiros intrometer-se nos negócios íntimos do México? O valente povo mexicano não quer governos, não quer patrões: há cinco anos que, de armas em punho, ele se bate, em um esforço inaudito, pela conquista da liberdade e do bem-estar. '*Tierra y Libertad*!' é o grito magnífico, síntese das suas justíssimas aspirações. O povo mexicano quer ser livre e há de ser livre. Ele conta com o apoio, com a inteira solidariedade do proletariado organizado de todo o mundo. Contra qualquer projeto de intervenção estrangeira, nós estaremos alerta [sic], para protestar e impedir, por todos os meios possíveis, a sua concretização. Pela comissão confederada".[20]

É importante salientar que mesmo após o advento da revolução mexicana, os anarquistas latino-americanos permaneceram em contato, inclusive, brasileiros e mexicanos, mesmo em contextos político-sociais de extrema adversidade em seus países, como demonstrado na realização da conferência anarquista realizada em Guadalajara, em janeiro de 1926, que tinha como objetivo organizar um congresso internacional latino-americano.

Em uma entrevista concedida para o diário mexicano "*Excelsior*" [21], o anarquista brasileiro Joca de Algarbe, declarou que:

> "Como anarquista e representante da Federação Operária do Brasil, não posso deixar de me sentir satisfeito em ter respondido a um convite da Confederación General de Trabajadores Mexicana, a fim de que o movimento operário libertário do continente se reúna em uma conferência preliminar do grande congresso que se levará à cabo para o final do presente ano [...]. Depois do confucionismo que trouxe ao movimento operário o bolchevismo, depois de tantos agentes russos na organização revolucionária, que não apenas se contentavam em levar suas ideias ditatoriais, assim como pretendiam controlar os trabalhadores com rubros, depois de uma era de reação e, por fim, depois de sofrer as aventuras de políticos assaltantes do poder com o clássico caudilhismo dos povos da América, podemos apresentar uma organização que, se não é grande por seu número, é por sua moral e por suas ideias. É chegada a hora de formar no México, na Argentina, na República Oriental (do Uruguai) e no Brasil, a

[18] *"A Época"* (Rio de Janeiro), 1 de março de 1913, página 7. O entrevistado refere-se ao fim da propriedade privada.

[19] *"Regeneración"*, 9 de novembro de 1912, número 115, página 4.

[20] *"Jornal do Brasil"* (Rio de Janeiro), 31 de outubro de 1915, página 10. Nesse período, *"A Voz do Trabalhador"*, órgão oficial da Confederação Operária Brasileira, já tinha deixado de circular.

[21] "*Excelsior*" (México), 6 de janeiro de 1926, página 1. Acreditamos que Joca de Algarbe trata-se de um pseudônimo.

vanguarda de um novo movimento que é de resistência e não é como o francês, por exemplo, sindicalista, mas que tem sua finalidade anárquica".

O entrevistado reforçava os objetivos de formar uma organização federativa latino-americana e, talvez, continental, ao mesmo tempo que criticava uma certa postura eurocêntrica das associações europeias:

> "Além da *Federação Operária do Brasil*, temos a *Federación Obrera Regional Argentina*, a *Federación Obrera Regional Uruguaya*, a nascente *Federación Obrera Chilena*, a *Confederación Nacional Obrera de Cuba* e a dos nossos amigos mexicanos, a *Confederación General de Trabajadores*. Mas esperamos uma nova corrente de partidários dos Estados Unidos da América do Norte, depois da cisão que se registrou, faz pouco tempo, entre os membros da *Industrial Workers Of The World*, devido ao seu comitê de Chicago descobrir que estava comprometido com os chefes de Moscou. [...] O que queremos é formar uma organização continental, pois os companheiros da Europa pouco se preocupam com nossos conflitos e sempre acreditaram que cabe a eles nos tutorear. Mesmo no movimento operário se encontra esse espírito dos conquistadores de quatro séculos atrás. Mas além de querer nos livrar dessa tutela, também queremos fazer frente aos desvios do marxismo, entre os quais se inclui o sindicalismo de Estado que se manifestou preferencialmente no Brasil, México e alguns países do México".

Os principais objetivos desse novo organismo operário seria a conquista da jornada de seis horas de trabalho e a organização dos trabalhadores do campo:

> "Antes de tudo temos que lutar pelo estabelecimento da jornada de seis horas, que será um incentivo maior para os trabalhadores explorados por tantos séculos. Todos os trabalhadores da América estão de acordo em tomar parte dessa luta, esperando conquistar a dita jornada para um futuro próximo. Os amigos mexicanos já nos ensinaram o caminho que se deve seguir com respeito aos trabalhadores rurais e já que em todo o continente a situação desses proletários é similar, esperamos tomar uma resolução definitiva para não tornarem os trabalhadores do campo instrumentos fáceis dos partidos que aspiram o poder".

Finalizando este breve apanhado histórico, evocamos as memórias de um dos principais protagonistas desses acontecimentos, Edgard Leuenroth, que nos anos 60, ao recordar os reflexos da revolução mexicana no Brasil, salientava:

> "Quando irrompeu no México a revolução contra a ditadura lá imperante, foram os anarquistas que aqui saíram à praça pública para desfazer as errôneas e malévolas informações com que eram apresentados os revolucionários, apontados como bandoleiros vulgares. Na imprensa libertária e também por meio de prospectos e conferências, os anarquistas divulgaram os princípios pelos quais lutavam os combatentes da terra asteca, principalmente do Partido Liberal Mexicano, orientado por militantes anarquistas, o mesmo sendo feito com referência ao seu órgão *'Regeneración'*".[22]

[22] *"Anarquismo – Roteiro da Libertação Social"*, Edgard Leuenroth, Editora Mundo Livre (Rio de Janeiro), agosto de 1963, página 124.

ANARQUISMO, MAGONISMO E ZAPATISMO

Cassio Brancaleone [1]

> "Esforcémonos por hacer que nuestros hermanos de miseria se convenzan de que el triunfo de la Revolución no consiste en que se encarame un individuo a la silla presidencial y desde allí expida leyes protectoras de los pobres. No; eso no sería el triunfo de la Revolución, sino su fracaso, porque la misión de todo gobierno es proteger al rico. El triunfo de la Revolución consistirá en este hecho: en el traspaso de las manos de los capitalistas a las de los trabajadores, de todo cuanto detentan, de la riqueza entera".[2]
>
> Ricardo Flores Magón (*Regeneración*, 24 de fevereiro de 1917)

A proximidade do centenário da morte de Ricardo Flores Magón, ocorrida em 21 de novembro de 1922, na Penitenciária de Leavenworth, Kansas (EUA), figura como uma valiosa oportunidade para revisitar seu pensamento e o legado das lutas às quais esteve vinculado. Aqui se entrecruzam, nas coordenadas da América Latina, lutas camponesas e indígenas, movimento operário, internacionalismo e antiautoritarismo. A partir dessa constelação de fenômenos, me proponho a realizar uma breve reflexão sobre as conexões entre anarquismo, magonismo e zapatismo no contexto da Revolução Mexicana.

A Revolução Mexicana (1910-1917) foi uma das mais épicas, fantásticas e trágicas páginas escritas com o sangue dos de baixo na história moderna da América Latina. Por mobilizar fundamentalmente setores populares como protagonistas das ações insurgentes, seu principal resultado foi o combate ao monopólio e à concentração de terras com a realização de um padrão de reparto agrário democratizante. O processo de modernização capitalista em curso durante o regime autoritário de Porfirio Díaz despertou verdadeiras placas tectônicas, pondo em movimento forças sociais incalculáveis e incontroláveis, que reagiram às dinâmicas de expropriação fundiária e desterritorialização, típicas dos processos de acumulação capitalista. Os levantes camponeses e indígenas, que foram a energia mais criativa e intempestiva da revolução, não estavam apenas sob o controle e direção dos generais ilustrados da elite dissidente (como Francisco Madero e outros), mas produziram suas próprias lideranças políticas e militares, das quais Emiliano Zapata e Pancho Villa são as mais conhecidas e notáveis.

O anarquismo mexicano se insere no processo global de constituição das redes de luta e resistência promovidas pelo movimento operário revolucionário internacionalista. Os fluxos migratórios eram intensificados em múltiplas direções do planeta, na corrente dos circuitos comerciais que se consolidavam e davam sua morfologia ao capitalismo como uma nova matriz civilizacional da modernidade, se por um lado este foi pautado pela desterritorialização, atomização individualista e mercantilização da vida, também contribuiu para semear ideias, indivíduos e comunidades ao redor do mundo, que em cada região encontraria seu modo próprio de aclimatização. Se o anarquismo consiste em uma enunciação discursiva que teve como *lócus* a Europa dos de baixo do século XIX, sua constituição como cultura operária global de resistência transcende essas fronteiras e se retroalimenta de um movimento que é francamente transumante e transnacional. O anarquismo dificilmente pode ser entendido fora de uma práxis internacionalista. E por isso em grande medida o século XX, com o florescimento dos na-

---

[1] Um sciólogo andante — é professor e investigador da UFFS e Membro da Coordenação da Seção Sindical do/as Docentes da UFFS.

[2] "Esforcemo-nos para convencer nossos irmãos de miséria de que o triunfo da Revolução não consiste em um indivíduo subir à cadeira presidencial e de lá promulgar leis para proteger os pobres. Não; isso não seria o triunfo da Revolução, mas seu fracasso, porque a missão de todo governo é proteger os ricos. O triunfo da Revolução consistirá neste feito: na transferência das mãos dos capitalistas para as dos trabalhadores, de tudo o que possuem, de toda a riqueza." (Tradução nossa.)

cionalismos de esquerda ou de direita, lhe foi um ambiente visceralmente hostil.

Das comunidades intencionais inspiradas pelo exemplo dos falanstérios de Fourier (como vislumbrou um Plotino Rhodakanaty), à formação de escolas racionalistas (Escuela del Rayo y del Socialismo), bibliotecas, jornais e ateneus, o anarquismo no México também é o antecedente de suas principais agremiações operárias e sindicais. Na cidade do México foi muito importante a criação da Casa del Obrero Mundial (COM) em 1912 e, posteriormente, da Confederación General de los Trabajadores (CGT) em 1921, por onde fluíam as principais energias do anarcossindicalismo. Além do mais, a fronteira norte do país com os EUA foi uma região emblemática para a agitação anarquista, especialmente para o desencadeamento de greves muito intensas (Cananea, em 1906) e relevante palco de operação da luta armada (Baja Califórnia, em 1911), com valiosa contribuição do movimento operário e anarquista estadunidense, como a Industrial Workers of World (IWW).

Embora Ricardo Flores Magón e seus irmãos Jesus e Enrique fossem originários do interior de Oaxaca, foi na cidade do México que iniciaram a vida estudantil e tiveram seu batismo político na luta contra o regime de Díaz. E o exílio de Ricardo e Enrique nos EUA a partir de 1904, na região fronteiriça com o norte do México, os inseriram contundentemente no circuito anticapitalista global. O significado desse espaço fronteiriço como cenário político privilegiado da ação política antiporfirista e anarquista, nos aspectos que lhe são comuns, mereceria muito mais atenção e estudos à parte. Não é exagero considerar as mobilizações produzidas nessas coordenadas como precursoras da própria Revolução Mexicana.

O processo de ingresso de Ricardo Flores Magón nas fileiras do anarquismo é outro tema muito curioso. Suas posições políticas amadureceram do liberalismo democrático anticlerical mexicano, partindo de suas próprias práticas políticas e jornalísticas, que por sua vez o levaram a estabelecer contato com atores mais radicalizados do movimento operário e dos círculos intelectuais que lhes foram próximos. Como um dos fundadores do Partido Liberal Mexicano (PLM) e do jornal *"Regeneración"*, ele se projetou como um dos grandes nomes da oposição ao regime de Díaz, o que faria da alcunha *magonista*, rechaçada por ele, paradoxal e simultaneamente, um dispositivo de desqualificação difundido pelo governo e a imprensa oficial a respeito do seu papel enquanto "chefete e seus acólitos", e um gradual signo de identificação política por parte dos setores sociais e populares mais consequentes e afinados com a perspectiva libertária. Não deixa de ser inusitado e causar estranhamento quando percebemos que o PLM, nominalmente liberal, um pouco antes do processo de desencadeamento da revolução em 1910, se tornaria um dos mais apaixonados defensores da expropriação de terras e fábricas; a favor de camponeses e operários, assim como da abolição do Estado. Anarquistas em pele de cordeiro?

O jornalismo de combate, como se autodefinia o jornal *"Regeneración"*, foi o principal veículo de ação política de Ricardo Flores Magón. Ele identificava esse meio de comunicação como imprescindível ferramenta de instrução, denúncia, agitação e propaganda no contexto das lutas sociais travadas em seu tempo. E em que pese o alto nível de analfabetismo do país às vésperas da revolução, é inegável o significado que os jornais de oposição da época, em particular o *"Regeneración"*, tiveram no processo de criação da atmosfera intelectual dissidente e formação do ambiente de indignação generalizado, potencializando enlaces entre setores médios e proletarizados escolarizados e segmentos populares.

É nesse contexto extremamente conturbado das dinâmicas insurgentes que outra figura central floresceu no sul do país: Emiliano Zapata. Oriundo de uma família de camponeses pobres, com provável ascendência indígena (se comunicava no idioma *nahuatl*), Zapata foi o pivô do Ejército Libertador del Sur, uma das mais expressivas forças político-militares da revolução. Seus principais lemas *"la tierra es de quien la trabaja"* e *"tierra y libertad"* são uma verdadeira síntese do tipo de agrarismo na qual sua luta se inseria. A prioridade das demandas econômicas e socializadoras sobre as reformas políticas é um elemento que aproximou muito Zapata de Magón. A propósito, os lemas mencionados chegaram até Morelos através do *"Regeneración"* e de companheiros que estiveram ao lado de Magón que também circularam pelo sul do país (como Soto y Gama). Inclusive, o general camponês convidou os editores do *"Regeneración"* em 1914 para que se instalassem sob sua proteção em seu território, convite do

qual Magón declinou por acreditar que teria melhores condições de seguir com a publicação no outro sul (o dos EUA).

Por sua vez, a alcunha de zapatista também foi mobilizada de modo pejorativo e no quadro interpretativo das lutas políticas da época: caudilhos e seus exércitos lutando por poder. Zapata, apesar de ter se aproximado em determinadas circunstâncias de figuras como Francisco Madero, o primeiro presidente do período revolucionário, estava muito longe da visão estereotipada de caudilho. Sem dúvida, era um chefe militar. Mas sua prática política, ensaiada na conjuntura da liberação de territórios por onde seu exército circulou, estava fundada na distribuição de terras segundo a lógica da comunalidade e dos municípios livres. Não há liberdade política fora da igualdade econômica.

Ambos, Zapata e Magón, tinham suas diferenças, mas também convergiam em muitas coisas. Na edição do *"Regeneración"*, de 24 de fevereiro de 1917, Magón dedicou um artigo à Zapata, no qual explicitou um ponto de contato crucial: a revolução deveria seguir seu curso expropriador, e canalizar toda sua energia socializadora para promover o bem-estar e a liberdade do camponês e do operário. Outro aspecto importante era a centralidade da questão indígena, muitas vezes subsumida (cultural e legalmente) em uma leitura nacional-uniformizadora da questão camponesa. Os indígenas não somente participaram com significativo peso dos movimentos organizados por Zapata e Magón, como estavam situados em seus projetos políticos como protagonistas e demandantes legítimos de direitos.

O zapatismo de 1994, do Ejército Zapatista de Libertación Nacional (EZLN), retoma muitos desses pontos e os ampliam, considerando sua conexão com problemas contemporâneos das populações indígenas e os impasses dos projetos de emancipação das esquerdas atuais. Apesar de não se identificar politicamente como anarquista, o (neo)zapatismo reivindica as bandeiras de Zapata e Magón. E o que mais nos interessa: sua prática política e econômica nos territórios recuperados depois de 1994 estão muito mais próximos das proposições e teses do anarquismo do que do marxismo, do qual ele se "origina ideologicamente".

Para concluir, podemos considerar que o magonismo foi a principal expressão do anarquismo durante a revolução mexicana, e de forma muito peculiar, também lhe antecedeu e a influenciou enquanto movimento insurgente. Nas expressões mais radicalizadas do agrarismo revolucionário que foi o espírito (ou o espectro) da revolução, o anarquismo encontrou terreno fértil para se conectar, através do magonismo, com o zapatismo. E suas principais consequências práticas consistiram em coibir as forças que lutavam pelo poder a constitucionalizar o reparto agrário, o estatuto comunal das terras (na forma de *ejidos*) e colocar um fim às reeleições para cargos presidenciais (leitura de quem está no poder do que significa "limitar o poder"). Mas como Magón e Zapata não lutavam pelo poder, tiveram que ser silenciados, e depois de mortos, dada a incontestável presença de suas ideias no movimento insurgente que se institucionalizara entre 1917 e 1929, foram convertidos em heróis nacionais. Mas longe dos palácios e monumentos, não temos dúvidas de que seus avatares continuam a caminhar silenciosamente em terra firme, indígena, camponesa ou periférica, engendrando delicadas raízes que, de tempos em tempos, insistem em brotar caules, ramos e árvores, onde menos se espera.

CONTOS

textos de Ricardo Flores Magón
seleção e tradução de Jamile Rai Gonçalves [1]

O sonho de Pedro

Sentado na soleira da porta da casa humilde, Pedro, o boia-fria forte e espirituoso, pensa, pensa, pensa. Ele acabou de ler *Regeneración*, que um trabalhador magro, tenso e de um olhar esperto lhe dera ontem quando estava chegando em sua casa. Nunca tinha lido aquele jornal, embora tivesse ouvido falar dele, às vezes com desprezo ou raiva, outras vezes com entusiasmo.

Sentado na soleira da porta, Pedro pensa, pensa, pensa e dentro de seu crânio gira, a ponto dele sentir um mal estar físico, esta simples pergunta: como será possível viver sem governo?

Tudo, Pedro aceita tudo, menos que se possa viver sem governo, e, sentindo a cabeça queimar, levanta-se e começa a andar sem rumo, enquanto, dentro de seu crânio, ronda a pergunta atormentadora: como será possível viver sem governo?

São oito da manhã do último dia do mês de abril. As rosas abrem as pétalas para que o sol as beije, as galinhas atarefadas cavam a terra em busca de minhocas, enquanto os galos, galantes, arrastam elegantemente as asas ao redor delas, pedindo por seu amor.

Pedro caminha, caminha. As palmeiras balançam suas folhas sob o céu luminoso; as andorinhas carregam lama para construir seus ninhos; Pedro está no meio do campo, o gado pasta tranquilamente, sem necessidade de um guarda para espancá-lo; as lebres jogam sem a necessidade de legisladores para torná-las felizes por meio de leis; os pardais gozam da alegria de viver, sem que haja, entre eles, alguém que diga: "Eu mando, obedeça-me!"

Pedro experimenta a sensação de estar livre de um grande peso e exclama: "Sim, sim é possível viver sem governo!".

O espetáculo da vida animal lhe deu a resposta, e a pergunta deixou de dar voltas dentro das paredes de seu crânio. Esses rebanhos que ele vê não precisam de governo para viver. Como não existe propriedade privada entre eles, não há necessidade de alguém proteger essa propriedade dos ataques de quem nada tem. Todos têm, em comum, a bela campina e a água cristalina, e quando o sol lança furiosamente seus raios, compartilham, em comum, da sombra projetada pelas árvores. Sem governo, esses animais dignos não destroem uns aos outros, nem precisam de juiz, carcereiros, carrascos ou capangas. Como não existe propriedade privada entre eles, não há essa competição assustadora, essa guerra cruel de uma classe contra outra, de um indivíduo contra outro, que enfraquece o sentimento de solidariedade, tão forte nos animais da mesma espécie.

Pedro respira a plenos pulmões, um vasto horizonte se abre diante dele ao desmoronar, perante sua inteligência, o sombrio andaime de preocupações, preconceitos, atavismos que a sociedade burguesa cuida de fomentar para continuar existindo. Pedro foi ensinado que era essencial que houvesse senhores e servos, ricos e pobres, governantes e governados. Agora ele entende tudo: quem está interessado em que o atual sistema político, econômico e social continue a existir são aqueles que insistem em ensinar que a desigualdade política, econômica e social deve existir entre os seres humanos.

Pedro pensa, pensa, pensa. Coiotes, lobos, patos, cavalos selvagens, búfalos, elefantes, formigas, pardais, andorinhas, pombos e quase todos os animais vivem em sociedade, e essa sociedade se baseia na solidariedade praticada em um grau que a pobre espécie humana ainda não alcançou, apesar das conquistas da ciência, sendo a causa dessa

[1] Jamile Rai Gonçalves é do Teatro, das Letras e de outras paixões. Faz parte do Centro de Cultura Social.

verdadeira desgraça humana o direito da propriedade privada, que permite que os mais fortes, os mais inteligentes, os piores, monopolizem, para seu proveito exclusivo, as fontes naturais de riqueza e os produtos do trabalho humano, deixando os demais sem participação na herança social, e sujeitos a trabalhar por uma crosta de pão, quando têm o direito de tomar tudo o que precisam.

O sol do meio-dia bate forte e Pedro se refugia sob a folhagem de uma árvore, adormecendo. Insetos voam e revoam sobre ele, como joias que escaparam das lojas, ansiosas para brilhar ao sol.

Pedro dorme e sonha. Sonha que está em um campo tranquilo, onde se encontram milhares de companheiros trabalhando a terra, enquanto brotam de suas gargantas as notas triunfantes de um hino ao Trabalho e à Liberdade. Nunca, nenhum músico concebeu melodia de tal natureza. Como ninguém antes, ele se sentia livre e feliz de viver! Pedro trabalha e canta como os outros, e depois de cerca de duas horas, que para ele passam como segundos, ele e todos aqueles trabalhadores alegres partem para a vila, onde sorriem, rodeadas de jardinzinhos, casinhas bonitas, nas quais nada falta para tornar a vida agradável e bela. Todas elas têm torneiras de água quente e fria, tomadas elétricas, fogões elétricos, banheiro, pias, móveis confortáveis, cortinas, tapetes, piano, despensa cheia de provisões. Pedro, como todos, também tem sua casinha, e é feliz com sua companheira e seus filhos. Ninguém mais trabalha por um salário. Todo mundo é dono de tudo. Aqueles que gostam do trabalho agrícola se unem e realizam o trabalho do campo, aqueles que gostam do trabalho fabril se uniram como seus irmãos do campo, e todas as indústrias concordam em produzir de acordo com as necessidades da comunidade, colocando os seus produtos num vasto armazém, ao qual toda aquela população trabalhadora tem entrada livre. Cada um pega o que precisa, porque há abundância de tudo. Nas ruas, não se vê mendigo ou prostituta, porque todos têm suas necessidades atendidas. Nem mesmo um velho se vê nos trabalhos, porque trabalharam quando eram aptos, e agora vivem tranquilos, do trabalho dos fortes, esperando uma morte tranquila, cercados de afetos verdadeiramente sinceros; os deficientes gozam do mesmo privilégio que os idosos.

Para chegar a este resultado, os habitantes desta região começaram por ignorar toda a autoridade, ao mesmo tempo que declararam a terra e as máquinas de produção como propriedade comum. Os trabalhadores de cada indústria se reuniram para discutir como realizar a produção, a partir de uma estatística dos estoques da burguesia, que agora estavam à disposição de todos em um vasto armazém.

Muitas indústrias de mineração foram suprimidas, porque não se tratava mais de especular, e os braços que costumavam movê-las, assim como os braços dos guardas, dos soldados, dos funcionários de repartições públicas e privadas, aliviaram, com seu contingente, o trabalho que antes pesava apenas sobre os trabalhadores. Não havia mais parasitas de classe alguma, porque todos e cada um dos habitantes eram, ao mesmo tempo, produtores e vigias, pois eram, ao mesmo tempo, trabalhadores e proprietários. Para que era necessário o governo? Que necessidade essas pessoas tinham de se autodestruir quando todas sentiam que eram proprietárias? Ninguém poderia ser mais do que outro ali. Cada um produzia de acordo com sua força e inteligência, e cada um consumia até que todas as suas necessidades fossem atendidas. Que necessidade havia de acumular? Seria uma tarefa estúpida.

Pedro sente-se feliz e sorri enquanto dorme. Borboletas passam ao seu lado, como se fossem parte de seu sonho...

De repente, Pedro sente uma dor aguda na cabeça e acorda sobressaltado. É um guardinha, um representante da senhora Autoridade, sem a qual os tímidos acreditam que não podem viver. O capanga acaba de acordar com um pontapé na cabeça o boia-fria forte e espirituoso, a quem manda despoticamente que vá para sua casa dormir, senão o levará para a cadeia por ser vagabundo. Vagabundo! Quando o chefe lhe disse no dia anterior que ele não teria trabalho por dois dias!

Pedro estremece de indignação, vira as costas para o capanga e vai embora. Seu rosto reflete uma resolução suprema. Ele chega em sua casa, beija seus filhinhos e, emocionado, se despede de sua companheira e parte para onde os bravos lutam ao som de "Viva a Terra e a Liberdade!"

(Regeneración, 4ª época, n. 88, 4 de maio de 1912; pág. 1)

Viva a Terra e a Liberdade!

A tarde morre vulgarmente. O sol, preguiçoso, desta vez não quis espalhar seus cabelos dourados por todo o horizonte, como se enojado com a pequenez dos homens, que se matam por pequenices, sofrem por pequenices e desfrutam de pequenices, como pobres vermes.

Ao longo da estrada empoeirada, e ele mesmo empoeirado, caminha um homem de meia-idade. A jornada deve ter sido longa, a julgar pelo cansaço retratado em seu rosto e pela caminhada dolorosa. Nas costas, ele carrega uma mochila leve, com uma camisa, talvez um cobertor, e uma cueca surrada. Ele é um soldado orozquista científico-vazquista[2], que volta para sua casa.

O homem caminha, caminha, caminha contemplando as planícies povoadas por homens e mulheres ocupados no trabalho eterno, vestindo roupas muito humildes, com a tristeza e o desespero espreitando em seus rostos queimados pelo sol. Essas pessoas trabalham da mesma forma, vestem-se da mesma forma, têm a mesma aparência de antes da Revolução.

O revolucionário, parado para contemplar o quadro, se pergunta: "Por que a Revolução foi feita?"

E continua a sua marcha para a aldeia onde se encontram os seus, onde devem esperá-lo ansiosamente, depois da longa ausência, a companheira e os filhos.

A estrada, pouco a pouco, vai mergulhando na sombra. A seu lado passa um grupo de trabalhadores que marcham em direção aos seus barracos com o mesmo ar de aborrecimento, cansaço e até raiva, que neles observava antes de partir para a guerra, do que deduz que sofrem o mesmo, que são igualmente miseráveis.

O revolucionário olha todo o grupo e se pergunta: "Por que a Revolução foi feita?"

E continua a sua marcha para a aldeia onde se encontram os seus, onde devem esperá-lo ansiosamente, depois da longa ausência, a companheira e os filhos.

O latido dos cães denuncia a proximidade da aldeia, inteiramente submersa na escuridão. O vento chora pelos galhos dos freixos que margeiam a estrada. Nosso viajante caminha, caminha, caminha pensando nos seus...

No dia seguinte, o revolucionário tem que pegar no batente, como qualquer um, para ganhar de 20 a 50 centavos por dia, porque embora Vázquez Gómez[3] já esteja sentado na cadeira presi-

[2] Refere-se aos seguidores de Pascual Orozco. (1881-1915). Nasceu na Fazenda de Santa Isabel, Chih. Comerciante e almocreve; simpatizava com o PLM (Partido Liberal Mexicano), ao qual seu pai era filiado. Em outubro de 1910 aderiu ao maderismo (o primeiro dos movimentos que compuseram a Revolução Mexicana, dirigido pelo empresário e político Francisco I. Madero) e, em 19 de novembro, pegou em armas. Sua participação em combates como os de Pedernales e Sierra Mojada fez dele o chefe supremo das armas em Chihuahua. Participou da tomada de Ciudad Juárez em maio de 1911. Madero o promoveu a general de brigada e chefe da primeira zona rural. Em agosto de 1911, aceitou ser candidato ao cargo de governador, mas depois se retirou. León de la Barra o enviou para Sinaloa. Quando o plano de Ayala foi proclamado, ele foi nomeado chefe do movimento agrário na república. No início de março de 1912, os rebeldes de Chihuahua assumiram o comando e, em 25 de março, publicaram o Plano Empacadora, com reivindicações trabalhistas e agrárias. Aceitou financiamento da oligarquia chefiada por Enrique C. Creel. Ele também manteve ligações com os rebeldes liderados por Emilio Vázquez Gómez. Ferido em Ojinaga em setembro daquele ano, refugiou-se nos Estados Unidos, retornou ao México e liderou alguns grupos de guerrilheiros, alguns deles de origem magonista, como o de Inés Salazar. Em fevereiro de 1913, ele reconheceu Victoriano Huerta. Procurou convencer Zapata a reconhecer o governo usurpador. Lutou contra os constitucionalistas, após sua derrota, viajou para Veracruz. Quando Huerta caiu, refugiou-se novamente nos Estados Unidos e, enquanto negociava com Huerta para reiniciar o conflito, foi assassinado por fazendeiros texanos em agosto de 1915.

[3] Emilio Vázquez Gómez, (1858-1926). Advogado e político de Tula, Hidalgo. Ele começou sua carreira política à sombra de Evaristo Madero, em Coahuila. Desde 1892, tornou pública sua posição anti-reeleição. Em 1908 formou o Club Político Antireleccionista na Cidade do México, embora pouco depois tenha promovido a candidatura de Porfirio Díaz. Foi presidente do Centro Antirreeleccionista do México, que fundou junto com Francisco I. Madero, a quem acompanhou em sua viagem em 1910. Foi preso e, ao ser solto, exilou-se nos Estados Unidos. Foi Secretário do Interior no governo de Francisco León de la Barra. Após acusar Madero de não cumprir os princípios da Revolução, ele renunciou, a pedido de de la Barra. Seu dis-

dencial, os infelizes continuam sendo infelizes, os pobres continuam sendo humilhados pelos ricos e pela Autoridade.

O revolucionário reflete e se pergunta: "Por que a Revolução foi feita?"

Cansado, ele volta para seu barraco, onde havia chegado na noite anterior. Uma panela de feijão é o jantar, com algumas tortilhas. O cachorro boceja perto do fogo, os grilos cantam seus amores nos recantos, as crianças dormem quase nuas.

— Quem ganhou? — pergunta a companheira, que até então, feliz por ter mais uma vez abraçado o companheiro ausente, não tivera tempo de fazer tal pergunta. Após alguns instantes de reflexão, o revolucionário diz:

— Ora, nós.

— Mas você não ganhou um centavo com isso.

— Bem, seja o que for, nós vencemos. Derrubamos Madero.

— Mas nós ficamos abaixo "como de costume" — diz a mulher.

O revolucionário coça a cabeça, não sabendo o que dizer, e interiormente se pergunta: "Por que foi feita a Revolução?"

— Quando você se juntou à revolução, você tinha alguns centavos no bolso, um bom fuzil, uma boa roupa, e agora não tem nada. Como é que você está entre os vencedores? — pergunta a mulher.

O revolucionário coça a cabeça, não sabe o que responder. Ele sabe que seus chefes têm bons empregos, que Vázquez Gómez é presidente, mas para ele, assim como para todos aqueles que lutaram como soldados comuns, não mudou nada, exceto o pagamento de alguns pesos pela arma, que não foi suficiente nem para levá-lo para casa. E então, lembrando com amargura os dias de prova passados na montanha; do cansaço de uma campanha longa e desigual; do sacrifício de tantas vidas; da fome e da nudez dos seus durante sua ausência, ele sente um nó na garganta, ao mesmo tempo em que se faz, silenciosamente, esta pergunta: "Para que serviu a Revolução?"

— Para que serviu a Revolução? — pergunta a mulher.

E o revolucionário, surpreso que a mulher pense o mesmo que ele, não consegue mais conter a indignação que vinha fermentando em seu peito, e exclama:

— A Revolução foi feita para os "vivos", para os que querem ser governantes, para os que querem viver do trabalho dos outros! Insistimos em não querer ouvir os anarquistas do REGENERACIÓN que em todos os tons nos aconselhavam a não seguir os patrões, a tomar posse da terra, das águas, das montanhas, das minas, das fábricas, das oficinas, dos meios de transporte, e que fizéssemos de tudo isso propriedade comum para todos os habitantes da República Mexicana, e que se consumisse em comum o que se produzisse. Aqueles homens nos disseram que lutar para elevar indivíduos era uma tarefa criminosa. Não quisemos ouvi-los, porque eram pobres, porque eram da nossa classe e, como dizem, aqui se faz, aqui se paga. Nós merecemos, animais! Nossos chefes estão vivendo a grande vida no momento, enquanto nós, a bucha de canhão, os que realmente lutamos, os que mostramos nosso peito ao inimigo, estamos, agora, mais miseráveis do que antes.

Juan ouve o toque da corneta que convoca uma reunião, ele esfrega os olhos... Tinha sido um pesadelo! Ele pega seu fuzil, parabeniza-se por lutar nas fileiras dos libertários da bandeira vermelha e grita com voz estrondosa: Viva a Terra e a Liberdade!

(*Regeneración*, 4ª época, n. 87, 27 de abril de 1912; pág. 1.)

tanciamento com Madero chegou ao ponto de ruptura. Partiu para os Estados Unidos em novembro de 1911 para iniciar um movimento armado contra o regime maderista, para o qual procurou aliar-se a grupos tão díspares como os liderados por Bernardo Reyes, Pascual Orozco e Emiliano Zapata. Seu movimento falhou e ele foi preso pelo governo dos EUA acusado de violar as Leis de Neutralidade. De volta ao México, manteve atitudes ambíguas em relação a Victoriano Huerta e Venustiano Carranza, o que o levou de volta ao exílio. Ele morreu na Cidade do México

A Liberdade Burguesa

I

São onze e meia de uma noite de inverno no Vale do México, quando parece que, de um momento para o outro, o espetáculo prodigioso da magnífica queda de todas as estrelas em uma chuva de diamantes vai tomar lugar.

Os bairros da capital dormem o mesmo sono pesado de seus habitantes, gente trabalhadora que passa todas as horas dos belos dias mexicanos na penumbra das oficinas e fábricas, acumulando a riqueza do burguês, e as noites esplêndidas na escuridão de seus lares, mais do que humildes, miseráveis. Nem um único transeunte no bairro de Santiago Tlatelolco, com exceção da presença fugaz, por suas ruas empoeiradas, do vendedor que passa anunciando sua mercadoria em uma canção melancólica, cujas cadências parecem conter a tristeza, a amargura, os tormentos de uma raça mártir: "Paaatooo coooziiidooo, toortilha com chiii..."

Faz frio, nos cruzamentos piscam as lanternas dos "urubus". Um homem bate, ao que parece convencionalmente, na porta encardida de um anexo da rua Puente de Tres Guerras, a porta se abre como uma boca enorme que boceja na escuridão, e um cheiro de miséria vem de dentro, o homem entra resoluto e a porta se fecha atrás dele.

II

Aquele anexo é a casa de Melquíades, o operário tecelão, onde estão reunidos vinte e dois operários. Quando o recém-chegado entra, todos correm para apertar sua mão. Quanto tempo levou! Eles já estavam desesperados, alguns já tinham ido para casa. O recém-chegado explica da melhor forma possível o motivo do atraso: ele teve que deixar a cidade para resolver questões importantes para o sindicato, do qual é organizador. Em um canto, dois trabalhadores agachados, falam em voz baixa.

— Aposto com você, irmão, que passou esse tempo no bordel, e agora vem nos dizer que esteve fora da cidade a negócios com seu sindicato. Esse se veste bem, come melhor, não se acaba de trabalhar como nós, porque ganha um bom salário como organizador. Esse já está emancipado. O que pode importar para ele o nosso destino? Você acha que o funcionário de um sindicato pode se sentir como o trabalhador se sente? Ele sabia que questões muito importantes para o destino da classe trabalhadora seriam tratadas aqui e, no entanto, está atrasado. É claro que ele não tem pressa para a nossa emancipação, porque quando ela acontecer, ao diabo irá o sindicato, por desnecessário, e seus funcionários terão que trabalhar para viver, como qualquer mortal, quando conseguirmos derrubar o sistema que nos esmaga!

— Tem razão, irmãozinho — diz o outro —, o funcionário de uma união ou sindicato se sente um burguês e, portanto, tem interesse em retardar nossa emancipação.

Todos falam ao mesmo tempo, reanimados pela chegada do organizador. O tempo voa, é preciso resolver o problema que se tem em mãos. Melquíades levanta o braço direito como para indicar que tem algo a dizer. O silêncio cai. Melquíades aperta sua faixa na cintura, cospe e diz com uma entonação de voz que reflete a sinceridade de um nobre coração proletário:

— Companheiros: como lhes explicamos na circular que os membros do Grupo "Humanidade Consciente" lhes enviaram, o objetivo desta reunião é determinar qual atitude nós, trabalhadores, devemos assumir diante do descumprimento das promessas feitas a nós pelo Partido Constitucionalista[4], quando este aspirava ao Poder e precisava

[4] Refere-se aos seguidores de Pascual Orozco. (1881-1915). Nasceu na Fazenda de Santa Isabel, Chih. Comerciante e almocreve; simpatizava com o PLM (Partido Liberal Mexicano), ao qual seu pai era filiado. Em outubro de 1910 aderiu ao maderismo (o primeiro dos movimentos que compuseram a Revolução Mexicana, dirigido pelo empresário e político Francisco I. Madero) e, em 19 de novembro, pegou em armas. Sua participação em combates como os de Pedernales e Sierra Mojada fez dele o chefe supremo das armas em Chihuahua. Participou da tomada de Ciudad Juárez em maio de 1911. Madero o promoveu a general de brigada e chefe da primeira zona rural. Em agosto de 1911, aceitou ser candidato ao cargo de governador, mas depois se retirou. León de la Barra o enviou para Sinaloa. Quando o plano de Ayala foi pro-

de nossa ajuda. Ajuda que ele conseguiu, porque muitos membros da classe trabalhadora derramaram seu sangue nos campos de batalha pela bandeira constitucionalista, e muitos também foram às eleições para depositar sua cédula eleitoral a favor de Carranza. Pois bem, camaradas: temos um governo carrancista há muito tempo e tudo é como antes da Revolução, ou melhor, tudo está pior do que antes, porque agora não só a velha dívida nacional pesa sobre os ombros do trabalhador, mas também a nova dívida, aquela contraída com os banqueiros dos Estados Unidos para consolidar o governo carrancista, sem contar as centenas de milhões de pesos que estamos pagando como compensação aos burgueses nacionais e estrangeiros que sofreram prejuízos durante a Revolução. A miséria é extrema, a tirania é pior do que a que existia quando o odioso tirano Porfirio Díaz governava. Na concepção dos trabalhadores que compomos o Grupo "Humanidade Consciente", o que é preciso é apoiar o belo movimento daqueles que não abandonaram suas armas quando Venustiano Carranza chegou ao poder, e que lutam ao grito de "Terra e Liberdade!". Sim, companheiros, adotemos os princípios do Partido Liberal Mexicano e façamos nosso o Manifesto de 23 de setembro de 1911! Respondamos à tirania com a barricada, à fome, com a expropriação! Vamos nos rebelar!

A plateia estremece, alguns de medo, outros porque essa incitação direta à violência, como único meio de efetivação de um direito, responde a desejos e ideias acalentadas em segredo, mas ninguém materializa com um sim ou com um não sua aprovação ou desaprovação. O "urubu" na esquina imediata sopra seu apito de advertência ao vento, e esse apito é seguido por outro e outros de todos os "urubus" do bairro e de todos os seus colegas da cidade enorme. O cachorro do anexo vizinho, onde acontece um velório, uiva tristemente. Um vendedor de castanhas, com o rosto todo coberto, passa anunciando sua mercadoria com uma voz que revela a aguardente. Embora nossos irmãos no anexo não percebam, as estrelas sinalizam para nossa mãe Terra em um piscar de olhos teimoso. O organizador, pálido, convulsionado, não sabe se é pelo medo de perder sua posição privilegiada ou pelos efeitos de sua devoção à folia e à orgia, ou por ambas as causas ao mesmo tempo, exclama:

— Caramba! O que estou ouvindo? Juro, achei que você fosse mais sensato, Melquíades. A violência nunca deu outro fruto senão sangue, lágrimas, dor, luto. Aposto que você leu um maldito jornal chamado *Regeneración*, escrito por renegados, por trapaceiros, por maus mexicanos, por párias vis, por traidores da pátria, por exploradores, por malandros, por canalhas que estão engordando às custas dos imbecis que lhes enchem os bolsos de ouro, por covardes que não têm coragem de vir aqui publicar um jornal anarquista ou se juntar a qualquer uma dessas gangues de bandidos que eles afirmam, sem provar, que seguem seus princípios. Quem os conhece aqui?

Ninguém! Um barulho, como o produzido por uma folha de papel esfregando no chão, faz cerca de cinquenta olhos se voltarem para a porta. No chão há um pedaço de papel, um pedaço de papel que entra em cena para fazer o seu papel. Um dos presentes na reunião o toma nas mãos: é *Regeneración*! O jornal odiado por todos os caluniadores, a folha distinta temida por todos os tiranos, a publicação sublime que é, ao mesmo tempo, alimento para os bons, veneno para os maus. Uma mão abnegada enfiou o jornal por baixo da porta. Na capa do jornal pode-se admirar um desenho de Nicolás Reveles[5], o artista anarquista, modes-

clamado, ele foi nomeado chefe do movimento agrário na república. No início de março de 1912, os rebeldes de Chihuahua assumiram o comando e, em 25 de março, publicaram o Plano Empacadora, com reivindicações trabalhistas e agrárias. Aceitou financiamento da oligarquia chefiada por Enrique C. Creel. Ele também manteve ligações com os rebeldes liderados por Emilio Vázquez Gómez. Ferido em Ojinaga em setembro daquele ano, refugiou-se nos Estados Unidos, retornou ao México e liderou alguns grupos de guerrilheiros, alguns deles de origem magonista, como o de Inés Salazar. Em fevereiro de 1913, ele reconheceu Victoriano Huerta. Procurou convencer Zapata a reconhecer o governo usurpador. Lutou contra os constitucionalistas, após sua derrota, viajou para Veracruz. Quando Huerta caiu, refugiou-se novamente nos Estados Unidos e, enquanto negociava com Huerta para reiniciar o conflito, foi assassinado por fazendeiros texanos em agosto de 1915.

[5] Nicolás Reveles (? - 1947). Cartunista zacatecano radicado em Los Angeles, Califórnia. *Regeneración* publicou suas gravuras entre 8 de outubro e 11 de dezembro de 1915, entre outras, *La libertad burguesa, El azote del débil, Todo por la patria, La ley contra el derecho de vivir, El genio aprisionado y Los zánganos*. Ele também projetou os cenários para a peça de Ricardo Flores Magón, *Tierra y Libertad* (1916), e ilustrou *Verdugos y víctimas* (1918

to, talentoso, retilíneo em suas concepções porque não se desvia do ideal anarquista. A folha passa de mão em mão, todos admirando a inspiração de Reveles. O organizador arranca o jornal incendiário das mãos de um dos trabalhadores e, erguendo os olhos para o teto, de onde algumas aranhas observam o ato, variando entre medrosas e picadas pela curiosidade, exclama ainda mais pálido:

— Ainda há propagandistas de más causas! A aparição deste jornal aqui, neste momento, revela que há algum elemento magonista na cidade, que trabalha em troca do ouro que recebe de Los Angeles. Não acreditam agora? Esses homens são muito ricos, e o fato de que existem miseráveis que se atrevem a distribuir esta folha infame por alguns centavos prova isso. Companheiros: sem violência! Podemos conseguir tudo dentro da lei, por meios pacíficos. Quando houver três milhões de trabalhadores unidos em nossos sindicatos, poderemos adotar resoluções mais enérgicas. Além disso, a classe trabalhadora ainda não está capacitada para aproveitar as reformas que nosso Governo está trabalhando tanto para implementar. Mais ainda, companheiros: a atitude desses bandidos que ficaram com as armas na mão não dá ao Governo uma chance de fazer valer as reformas que ofereceu. Convido vocês a organizar uma manifestação pública que percorra as principais ruas de nossa cidade, pedindo, de forma pacífica e ordeira, a pronta implementação de todas as reformas oferecidas pelo movimento constitucionalista. Desta forma, demonstraremos ao mundo inteiro que o trabalhador mexicano é culto.

Todos, com exceção de Melquíades e os dois trabalhadores do canto, que murmuravam agachados, aplaudem furiosamente o organizador. A insurreição, como meio de arrancar o pão e a liberdade das mãos dos carrascos do povo, estava perdida, pelo menos por enquanto. Sentimentos pacifistas, ideias pacifistas predominam no ambiente, que ontem se caracterizava por rebelião e protesto. É o fluxo e o refluxo da Revolução, é a retirada momentânea da onda revolucionária, para voltar logo depois, eriçada, magnífica, para dar mais um golpe na rocha da costa até que ela desmorone.

Melquíades, indignado, ajeita a faixa da cintura, da qual uma das pontas já lhe chega aos calcanhares, ele lança um olhar de desprezo ao seu redor, um olhar que corresponde perfeitamente à ideia que ele formou daqueles homens, e que poderia ser traduzido assim: ovelhas! Cospe com raiva no chão e, tirando do rosto uma mecha de cabelo que o cobria, grita:

— Só encontrei uma classe de homens que odeiam o *Regeneración*, e esses são os patifes. Quem luta desinteressadamente pela emancipação humana ama o *Regeneración*. Os membros do Partido Liberal Mexicano não somos magonistas: somos anarquistas.

Todo mundo discute alto, e o tempo voa, voa, voa. São seis da manhã. O grito de "ge-lei-as!", dado por um homem que passa ao longo do muro da rua, faz aqueles homens parecerem surpresos. É demais, é preciso dissolver a reunião. Afinal, está tudo arranjado: em vez da barricada vingadora e redentora, as ovelhas protestam em forma de desfile ou procissão pelas ruas. Todos vão embora, com exceção de Melquíades e os dois trabalhadores que estavam agachados no canto murmurando. Os três anarquistas olham-se com tristeza, movem lentamente a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, enquanto esta ideia passa por suas cabeças: este é o lastro maldito que os trabalhadores avançados estamos condenados a arrastar e que atrasa tanto o triunfo do Ideal.

III

Conforme aprovado, realiza-se a manifestação. Desde as nove da manhã tem sido somente andar ruas e ruas. Não houve grandes incidentes: tudo se reduziu a olhares zombeteiros sobre os manifestantes, lançados pela burguesia de suas lojas, bancos e cassinos, olhares que sem dúvida diziam: pobres diabos! Podemos continuar tosquiando-os por algum tempo: estamos tranquilos!

IV

É meio-dia, o sol brilha em todo o seu esplendor, já que é o privilégio do céu mexicano estar feliz, sorridente, gentil, enquanto outros céus definham opacos, murchos, tristes como um coração faminto de amor e ternura.

A procissão é muito longa. A cabeça surge pela esquina norte do Portal de Mercaderes, e a ponta final, o rabo, ainda não emergiu da rotun-

da de Cuauhtémoc. Essa multidão é um rio caudaloso em marcha para quem sabe qual destino sombrio. O sol, em sua imensa bondade, brinca com as cores das bandeiras, o conjunto das coisas é alegre, mas os rostos dos manifestantes não revelam alegria. Não parece, pela expressão em suas faces, que esses trabalhadores vão conquistar algo de bom: é que talvez, no fundo desses corações, sintam que marcham, não para conquistar a vida, mas para enterrar uma ilusão.

A procissão marcha em frente à Catedral até chegar à porta Mariana del Palacio Nacional, então a cabeça vira para a direita e continua a marcha em frente ao Palácio, onde o crime se esconde na forma de um governo para emitir seus decretos de opressão e infâmia. A frente está prestes a alcançar a esquina da rua de Flamencos e o portal das Flores, quando alguns soldados a cavalo param em frente à procissão, interceptando seu caminho. Os manifestantes que vêm atrás colidem com os que vão à frente quando param sua marcha. Um murmúrio baixo de admiração e surpresa vem daquela cobra humana. O que aconteceu? O que aquilo significa? A fantasia dá vôo ao seu falso brilho, e as suposições se multiplicam como larvas em um lixão. É que Venustiano Carranza convidou os diretores operários para conversar com ele e conceder tudo o que se pede: esta é a suposição que a maioria faz. Mas vamos ver o que acontece na cabeça da procissão.

V

O oficial dos soldados pergunta aos que estão à frente quem lhes deu permissão para organizar aquela manifestação. Quem ouve a pergunta se alarma. Como? A Revolução não havia triunfado e com ela as liberdades políticas do cidadão? Por que eles precisavam de permissão se era o exercício de um direito protegido pela Constituição?

Os argumentos são inúteis, o oficial ordena que a manifestação seja dissolvida. Alguns protestam e rogam pragas à tirania; os balestreiros do Palácio Nacional são coroados de fumaça, e é ouvido o barulho de uma saraivada fechada sobre aquela multidão de trabalhadores. As descargas se sucedem rapidamente, como se houvesse uma sede de matar, de acabar com os produtores da riqueza social, os trabalhadores simples que não tiveram forças para erguer a barricada e morrer como leões, e se prestaram a uma farsa em que eles pereceram como carneiros.

A bandeira tricolor flutua orgulhosamente presa ao seu mastro, presidindo o massacre.

(*Regeneración*, 4ª época, n. 211,
6 de novembro de 1915, pág. 3.)

O pudim de pão

Da vitrine de uma padaria, o pudim de pão contempla o ir e vir da multidão anônima. Não são poucos os que, pela janela, lançam para ele olhares cobiçosos, pois sua crosta dourada parece um convite ao apetite, tentando os pobres a infringirem a lei.

Homens e mulheres, velhos e crianças, vão e vêm em frente à vitrine, e o pudim sente-se mordido pelos mil olhares ávidos, olhares de fome, que devoram até as pedras.

Às vezes o pudim estremece de emoção, um homem faminto para e olha para ele, a faísca da expropriação queimando em seus olhos. Ele estende a mão… mas para retirá-la rapidamente, o contato frio do vidro extingue a febre expropriadora, lembrando a Lei: não roubarás!

O pudim, então, treme de raiva. Um pudim de pão não pode entender como é que um homem faminto não ousa tomá-lo para devorá-lo, com a naturalidade com que um animal de carga morde o feixe de palha que encontra em seu caminho.

O pudim pensa:

— O homem é o animal mais imbecil com o qual a Terra é desonrada. Todos os animais tiram de onde há, exceto o homem. E assim ele se declara o rei da criação! Aqui estou eu, intacto, quando mais de um estômago ordena que a mão indecisa me pegue.

A multidão passa e volta a passar pela vitrine devorando com os olhos o pudim de pão. Alguns param na frente dela, lançam olhares furtivos para a direita e para a esquerda... e voltam para suas casas de mãos vazias, pensando na Lei: não roubarás!

Uma mulher — a imagem da fome — para, seus olhos acariciando a crosta dourada do pudim. Em seus braços esquálidos ela carrega uma criança, também esquálida, sugando ferozmente um seio que pende murcho como uma bexiga esvaziada. Esse pudim é o que ela precisa para devolver o leite que lhe falta aos seios…

Duas lágrimas tremem em seus lindos cílios, amargas como seu desamparo. Uma pedra, ao contemplar aquela mulher, se partiria em mil pedaços... mas não o coração de um oficial. Aproxima-se um guarda, robusto como uma mula, e, com voz imperiosa, ordena: "Circulando!", ao mesmo tempo que a empurra com a ponta do cacetete, seguindo-a com os olhos até que se perca, com sua dor, no meio da manada irresoluta e covarde…

O pudim pensa:

— Daqui a algumas horas, quando eu não passar de um pudim de pão velho, serei atirado aos porcos para que engordem, enquanto milhares de seres humanos apertam suas barrigas mordidas pela fome. Ah, os padeiros não mais deveriam fazer pão. Os famintos não me tomam porque esperam que um pedaço de pão amanhecido lhes seja jogado em troca de sua liberdade, trabalhando para seus senhores. Assim é o homem! Um pedaço de pão amanhecido para matar a fome é um narcótico que entorpece, na maioria das pessoas, a audácia revolucionária. As instituições de caridade, com as migalhas que dão aos famintos, são mais eficazes para matar a revolta do que a prisão e o cadafalso. O "pão e circo" dos romanos contém um mundo de filosofia castradora. Quarenta e oito horas de fome universal e hasteariam a bandeira vermelha em todos os países do mundo...

A mão do dono da padaria, que tomou o pudim para destinar aos porcos, deu um basta aos pensamentos subversivos do pão.

(*Regeneración*, 4ª época, n. 222, 22 de janeiro de 1916; pág. 2.)

Cobrando Méritos

O Presídio e a Igreja conversam confidencialmente, como dois camaradas que estão ligados mais pelos laços do crime do que pelos da amizade. Do primeiro escapam odores de gado podre, do templo sai um vapor carregado de desmaios, saturado de desfalecimentos, como da boca de um covil em cuja escuridão rastejam todas as fraquezas e se contorcem os braços de toda impotência.

— O povo me odeia — diz o Presídio, bocejando —, mas mereço a consideração e o respeito que me concedem pessoas ilustres, cujos interesses sou um escudo. Cada vez que o honrado guardião da ordem me traz um novo hóspede, eu tremo de emoção, e minha satisfação chega ao limite quando sinto o maior número de criminosos se agitando em meu ventre de pedra.

Há uma pausa. Pelas grades ouve-se o chiar das correntes, murmúrios de queixas, estalar de chicotes, vozes ásperas de comando em meio ao ofegar das feras caçadas, todos os horríveis ruídos que compõem a horrível música da prisão.

— Grande é a tua missão, amigo Presídio — diz a Igreja —, e reverencio minhas torres diante de ti. Também me sinto satisfeita por ser o escudo de gente ilustre, porque se você acorrenta o corpo do criminoso, eu quebro vontades, castro energias; e se você construir um muro de pedras entre as mãos do pobre e o tesouro do rico, eu invento as chamas do inferno para colocá-las entre a ambição do miserável e o ouro do burguês.

Há uma pausa. Pelas janelas e pelas portas, entre os aromas do incenso e a transpiração fétida do gado aglomerado, rumores de soluços, de súplicas, ruídos vis, formados por todas as fraquezas, por todas as renúncias, a música abjeta dos submissos e dos vencidos.

— Enquanto me mantenho em pé, a senhora dorme tranquila — diz o Presídio.

— Enquanto houver joelhos que toquem meus pisos, o poder do senhor permanecerá em

pé — diz a Igreja.

Há uma pausa. O presídio e o templo parecem meditar, o primeiro, satisfeito em acorrentar os corpos; o segundo, feliz de acorrentar as consciências; ambos orgulhosos de seus méritos.

No canto de uma caverna, a dinamite escuta, fazendo poderosos esforços para não explodir de indignação.

— Esperem! — diz para si mesma. — Esperem, monumentos da barbárie, não tarda chegar a mão audaciosa que vai desatar o raio que carrego no peito! No ventre da Miséria se agita o feto da Rebeldia. Esperem! Esperem o fruto de séculos de exploração e tirania, as negras falanges da humanidade bebem seus últimos goles de amargura e tristeza, o copo da paciência transborda, mais algumas gotas e toda a indignação também transbordará, toda a raiva escapará de sua prisão, toda a audácia ultrapassará seus limites. Espere, edifícios sombrios, cavernas de dor, pois brilha no grande calendário do sofrimento humano, com cores de fogo e sangue, uma flecha vermelha, um novo 14 de julho para todas as Bastilhas, as do corpo e as da consciência! O gado se ergue para se tornar homem, e logo o sol deixará de dourar os lombos do rebanho para iluminar as testas dos homens livres... Esperem! Vocês permanecerão de pé o tempo que eu durar neste canto.

(*Regeneración*, 4ª época, n. 223,
29 de janeiro de 1916; pág. 1.)

O Fuzil

Sirvo aos dois lados: ao lado que oprime e ao lado que liberta. Não tenho preferências, com a mesma raiva, com o mesmo barulho, atiro a bala que tirará a vida do soldado da liberdade ou do lacaio da tirania.

Trabalhadores me fizeram, para matar trabalhadores. Eu sou o fuzil, a arma liberticida quando sirvo aos de cima, a arma emancipatória quando sirvo aos de baixo.

Sem mim não haveria homens que diriam: "Eu sou mais do que você", e sem mim não haveria escravos que clamariam: "Abaixo a tirania!"

O tirano me chama de "apoio das instituições". O homem livre me acaricia com ternura e me diz: "instrumento de redenção". Eu sou a mesma coisa e, no entanto, sirvo tanto para oprimir quanto para libertar. Sou, ao mesmo tempo, um assassino e um justiceiro, segundo as mãos que me manuseiam.

Eu mesmo percebo as mãos em que estou. Essas mãos tremem? Não há dúvida sobre isso: são as mãos de lacaios. É um pulso firme? Digo sem hesitar: "são as mãos de um libertário".

Não preciso ouvir os gritos para saber a que lado pertenço. Basta-me ouvir o ranger de dentes para saber que estou nas mãos de opressores. O Mau é covarde, o Bom é corajoso. Quando o capanga coloca minha caixa no peito para me fazer vomitar a morte aninhada no cartucho, sinto seu coração bater violentamente. É que ele está ciente de seu crime. Ele não sabe quem vai matar. Ele foi ordenado: "fogo!" e lá se vai o tiro que talvez perfure o coração do pai, do irmão ou do filho, a quem a pretensa honra gritou "revolta!".

Eu existirei enquanto houver nesta Terra uma humanidade estúpida que insiste em se dividir em duas classes: a dos ricos e a dos pobres, a dos que gozam e a dos que sofrem.

Desaparecidos os últimos burgueses e dissipada a sombra da Autoridade, eu desaparecerei na minha vez, destinando os meus materiais à construção de arados e mil instrumentos, que manejarão, com entusiasmo, os homens transformados em irmãos.

(*Regeneracíon*, 4ª época, n. 64,
18 de novembro de 1911; pág. 1.)

O PLM E A QUESTÃO INDÍGENA NA REVOLUÇÃO MEXICANA

Rodrigo Thurler Nacif [1]

A relação mais direta que muitas vezes se faz sobre a questão indígena no seio do Partido Liberal Mexicano (PLM) está na própria origem de dois de seus expoentes em especial, Ricardo e Enrique Flores Magón, fundamentais, sobretudo, na constituição teórico-prática de um organismo e um plano estratégico revolucionário, anarquistas profundamente enraizados na realidade proletária e agrária mexicana. A tradição política e revolucionária da família Flores e suas raízes indígenas já vinha, no mínimo, desde Teodoro Flores, de origem possivelmente Mazateca, pai dos irmãos Magón. Teodoro foi um militar de carreira, e isso significava, naquele período, assumir um partido político, neste caso, o lado dos liberais, que agregava as forças progressistas.

O México já havia suportado a invasão dos Estados Unidos da América na década de 1840 e sofrido a Cessão, pela qual perdeu praticamente metade do seu território. Havia passado também pela Revolução de Ayutla, vencida pelos liberais, que promulgaram a Constituição de 1857, seguida pela eleição em 1858 de Benito Juárez e a Guerra da Reforma, empreendida contra os conservadores, que estabeleceram um governo paralelo durante três anos com Antônio López de Santa Anna, ditador militar deposto pelos liberais, e se desfecha com a invasão pela França em apoio à restituição da monarquia após o governo liberal de Benito Juárez rejeitar o reconhecimento e o consequente pagamento das supostas dívidas com as antigas metrópoles. A Tomada de Puebla, em 1867, na qual Teodoro Flores participou diretamente, foi a batalha crucial que deteve o retorno da monarquia, sob o jugo de Maximiliano de Habsburgo, apoiado por muitos conservadores.

A origem indígena dos irmãos Magón

Apesar de haver informações contraditórias sobre a etnia à qual pertenciam seus antepassados, o seu local de nascimento no então povoado de Mazatlán, no estado de Oaxaca, que foi rebatizado como Mazatlán Villa de Flores, em homenagem a Teodoro, aponta muito provavelmente para uma origem Mazateca da família. Isso não significava, no entanto, que Jesus, Ricardo e Enrique, filhos de Teodoro Flores e Margarita Magón, tivessem estabelecido laços identitários especificamente com essa etnia indígena em particular. É importante ressaltar que eles deixaram Oaxaca ainda na infância, tinham o espanhol como idioma doméstico e em algumas ocasiões se identificaram como descendentes de astecas, um fenômeno comum no México como fator identitário.

Sobre Ricardo, o irmão mais conhecido, por exemplo, não é mencionado se conhecia o idioma Mazateco, da família linguística otomangueana, a mesma do Mixteco e do Zapoteco, mas curiosamente havia aprendido ou estudado um pouco do idioma Náhuatl, da família Uto-asteca, que chegou a ser uma língua franca do Reino da Nova Espanha, como eram no Brasil a Língua Geral Paulista e o Nheengatu, no antigo estado do Maranhão e Grão-Pará, falada até hoje na bacia do Rio Negro, no oeste do Amazonas, ambas desenvolvidas a partir de línguas do tronco Tupi-Guarani.

Destarte, convencionou-se relacionar o Náhuatl a uma identidade indígena comum mexicana, e não específica, de forma semelhante ao que aconteceu no Brasil sobre uma identidade genérica Tupi, que reverbera até hoje pela influência romântica indianista, com a diferença de que há muito maior presença indígena proporcionalmente à população mexicana e esta ser um elemento fundamental, e não ocasional, da sua identidade nacional. O campesinato mexicano está profun-

[1] Rodrigo Thurler Nacif - Antropólogo Indigenista.

damente vinculado a uma origem indígena, seja a uma etnia em particular, seja a uma identidade comum mexicana, motivo pelo qual Armando Bartra (2011) utiliza o termo campesíndios.

Os liberais e a questão indígena no século XIX

No contexto de diversos países da América Latina, os liberais aglutinavam diferentes interesses políticos e grupos sociais, alguns inclusive de caráter mais progressista, em oposição às forças conservadoras, sendo que especificamente no México alguns militantes liberais já defendiam ideias sociais mais avançadas que dialogavam justamente com a defesa do campesinato e do modo de vida das populações originárias. Um revolucionário emblemático neste sentido é Melchor Ocampo, um descendente de indígenas de Michoacán bastante instruído, leitor e tradutor de Pierre-Joseph Proudhon, que estudou as línguas indígenas de sua região e defendia as reivindicações dos camponeses, em sua maior parte indígenas e descendentes como ele, que por suas ideias radicais foi, inclusive, executado pelos conservadores.

Outro exemplo dos que foram chamados de liberais puros ou radicais foi o pensador social e advogado militante dos direitos indígenas e camponeses Ponciano Arriaga, considerado o pai da Constituição de 1857, que defendia o direito à terra para as populações indígenas através do confisco das grandes propriedades dos *hacendados*. Além disso, os liberais estavam organizados em torno de um indígena Zapoteca, o advogado de família campesíndia Benito Juárez, nascido em Oaxaca, assim como Teodoro Flores e seus filhos, os irmãos Magón.

Contradições do "liberalismo social"

Para os chamados liberais puros, parecia claro que a liberdade só poderia ser alcançada de fato com a promoção da igualdade. Apesar de mais avançado seguramente que os conservadores e que os liberais de outros países na questão social, o liberalismo mexicano estava, no entanto, contaminado pelo individualismo, o que entrava em contradição com o modelo indígena e camponês do uso da terra, da posse coletiva, e ignorava os traços étnicos específicos de cada povo, que eram invizibilizados inclusive nos documentos históricos e registros públicos. Priorizavam-se, por conseguinte, referências genéricas às comunidades e pessoas indígenas. O reconhecimento jurídico das coletividades era negligenciado em nome dos direitos individuais e familiares.

A questão indígena era marginalizada por essa ideologia alóctone das liberdades individuais e por uma ideia distorcida de progresso e de modernidade que atribuía ao indígena uma relação apenas com o passado, negando-lhe as capacidades técnicas para o desenvolvimento de forma autônoma e tolhendo-lhe uma perspectiva própria de futuro. Além disso, não se deve esquecer que as ideias de Auguste Comte e Émile Durkheim influenciaram através do positivismo tanto a Benito Juárez como a Porfírio Díaz, que de aliado se tornou seu grande rival e implementou uma ditadura vitalícia no México. O positivismo reforçava as bases filosóficas desta visão evolucionista de cunho eurocêntrico em nome de uma pseudociência, reforçada pelos assessores de Díaz, que eram emblematicamente chamados de científicos.

Os anarquistas e a rebelião indígena agrária de 1869

O anarquismo chegou primeiro no México através do grego Plotino Rhodakanaty, que viveu o levante húngaro de 1848 contra os Habsburgo da Áustria, depois do qual se aproximou das ideias falansteristas de François Charles Fourier e foi a Paris conhecer pessoalmente a Pierre-Joseph Proudhon. Em 1861, foi atraído pela possibilidade da aplicação dessas ideias nas Américas com o estabelecimento de colônias agrícolas e a promessa de cidadania aos estrangeiros pelo governo do México. Logo de início, Rhodakanaty já observou a semelhança entre o modo de vida dos indígenas e as ideias mutualistas proudhonianas, porém, feria-lhe a forma como eram oprimidos pelos *hacendados*.

Este importante anarquista grego lançou, então, uma carta na tentativa de organizar uma colônia autogestionária, mas não conseguiu reunir adeptos suficientes para a empreitada, de forma que, não desistindo na divulgação de seus ideais, fundou a Escola do Raio e do Socialismo no Chalco, vale do México, voltada para os camponeses e indígenas da região. Ele esteve também à frente

da criação, junto com outros companheiros, do Grupo de Estudantes Socialistas, em 1865, a partir do qual, junto com Francisco Zalacosta, Santiago Villanueva e Hermenegildo Villavicencio, formaram uma seção secreta da Internacional batizada de *La Social* e vieram a ser conhecidos como os "bakuninistas mexicanos".

Entre 1867 e 1868 um especulador de terras decidiu drenar o Lago do Chalco, afetando inúmeros camponeses e indígenas, dentre os quais, Júlio López Chávez, originário de Texcoco e descendente de indígenas, que havia estudado na escola e adotado as ideias anarquistas. Júlio se tornou o principal líder de uma rebelião contra os *hacendados*, lançando, em 1869, um manifesto que é um marco do agrarismo mexicano (HART, 2015). Depois de haver se espalhado por Texcoco, Morelos e outros estados mexicanos, a rebelião, que teve uma expressiva participação indígena, sofreu intervenção federal, e López Chávez foi executado. Durante o período que se seguiu, o anarquismo no México se tornou mais urbano e se voltou mais para as questões trabalhistas, enquanto Rhodakanaty realizava duras críticas ao governo porfirista e aos chamados científicos, que era o seu grupo de conselheiros liberais positivistas.

A reorganização do Partido Liberal Mexicano (PLM)

Jesus, Ricardo e Enrique, cresceram, portanto, em um ambiente de profundas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Eles se mudaram junto com a família para a cidade do México no início da década de 1880. Gaspar Jesús se formou advogado e Ricardo ingressou na Escola Nacional de Jurisprudência, tendo participado das ações estudantis contra a terceira reeleição seguida de Profírio Días, que já havia ocupado o cargo desde a década de 1870, e de maneira ininterrupta desde 1884. Os dois irmãos fundaram o jornal *"Regeneración"* em 1900 e a crítica ao sistema judiciário era, pela trajetória de ambos, uma marca registrada nessa primeira fase, para além da oposição política ao porfirismo.

Mais que isso, resgatando os ideais de revolucionários como Melchor Ocampo e Ponciano Arriaga, que lutaram por um México mais igualitário, completamente diferente do que havia se tornado, o espírito da Constituição de 1857 foi reivindicado pelos irmãos Magón e outros militantes na reorganização do Partido Liberal Mexicano (PLM), em 1905. O Programa do PLM publicado pelo jornal *"Regeneración"* em 1906, propunha diversas reformas avançadas para a época, relacionadas à educação laica, salários dignos aos professores primários, expropriação de bens do clero, direitos trabalhistas como oito horas de jornada, salário mínimo, regulamentação do trabalho doméstico e indenizações por acidentes de trabalho.

O PLM e os direitos indígenas e camponeses

O Programa aponta, entre as mudanças constitucionais pretendidas, várias medidas protetivas para meeiros e diaristas rurais (boias-frias), em sua maioria campesíndios, como a anulação imediata das dívidas dos diaristas, indenização das benfeitorias feitas pelos meeiros ao deixar a propriedade, proibição de outras formas de remuneração que não sejam em dinheiro, proibir multas, descontos, atrasos, igualdade de salários entre mexicanos e estrangeiros (europeus e estadunidenses eram favorecidos) e obrigar o descanso dominical (JOPLM, 1906).

Há diversas medidas ainda relacionadas à terra que favorecem diretamente os campesíndios, como a obrigação do *hacendado* em tornar a terra produtiva, ou a mesma estaria sujeita à expropriação. Além disso, o dever do Estado em prover a terra a todo mexicano que a solicite com a única condição de lavrá-la e não vendê-la, assim como criar uma política de crédito para os agricultores pobres. Destaca-se também a medida de número 48, que trata especificamente da proteção dos povos indígenas (JOPLM, 1906).

O desenvolvimento de um anarquismo autóctone

Com exceção do importantíssimo evento que foi a rebelião indígena agrária de 1869, há um intervalo de quase quarenta anos entre a chegada do anarquismo no México e o seu desenvolvimento por meios bastante próprios no interior mexicano, com a radicalização do movimento liderado, sobretudo, pelos irmãos Ricardo e Enrique Magón, Librado Rivera, Práxedis Guerrero e Anselmo Figueroa. A aproximação entre o PLM

e o anarquismo não se deu, portanto, apenas pelo contato com organizações internacionais como a International Workers of the World (Trabalhadores Industriais do Mundo - IWW) e os textos de Kropotkin, Malatesta e outros pensadores, ou pela importante presença de organizações anarquistas no próprio México, no meio operário e estudantil, mas pela inserção de indígenas no próprio PLM desde a sua reorganização, constituindo a maioria em algumas seções, que haviam se constituído na militância a partir de uma luta de base comunalista e agrarista com fortes características anarquistas.

Talvez por isso, mais importante que o texto do Programa em si, foi como ele foi recebido pelas diferentes seções do partido, principalmente, para a questão indígena, como os pontos que tratam da expropriação das terras ociosas e sua devolução para as comunidades locais, que trabalham a terra, e a medida de proteção legal dos povos originários. Por exemplo, Esteban Baca Calderón, líder do PLM de Sonora, pronunciou que era necessário "declarar a devolução das terras roubadas dos povos Yaqui e Mayo e dos grupos indígenas em geral espalhados pelo país" (CIENFUEGOS apud CHACÓN, 2021).

O PLM na greve da Cananea de 1906

No ano de 1906, a Junta Organizadora articulava os núcleos secretos entre si e se tornou capaz de mobilizar rapidamente a classe trabalhadora em torno de demandas concretas. Haviam se formado agrupamentos do PLM em campos de mineração em Santa Barbara, estado de Chihuahua e Cananea, estado de Sonora, ambos na fronteira com os EUA, setor onde havia grande presença indígena entre os trabalhadores mexicanos. A greve dos mineiros de Cananea coincidiu com o empenho neste mesmo ano do jornal *"Regeneración"*, órgão oficial do partido, em se dirigir diretamente aos trabalhadores para organizarem sindicatos e núcleos do PLM, reunindo esforços também para o lançamento do Programa.

A greve estourou em junho contra a empresa estadunidense Cananea Consolidated Copper Company S.A. (CCCC), que explorava cobre em Sonora, em uma primeira grande demonstração de força do operariado mexicano contra o Estado e o Capital internacional. O *"Regeneración"* teve um papel de organização e agitação fundamental tanto para se tornar um divisor de águas na luta proletária no México, como na consolidação das bases do PLM e do anarcossindicalismo nas minas de cobre com grupos organizados dos dois lados da fronteira.

A militância indígena nas fileiras do PLM

A proximidade entre as reivindicações do PLM e os anseios da população indígena e camponesa em geral era ímpar e não tinha qualquer outro grupo político que naquele tempo erguesse tão claramente a voz em favor dos direitos territoriais e políticos dos povos indígenas no México. Isso resultava na forte presença não apenas de militantes indígenas ou descendentes de comunidades indígenas, mas na adesão e aliança com alguns grupos indígenas em especial. O povo Yaqui, que tinha segmentos de grupos armados aliados ao PLM, tinham organizado um levante em 1896 e haviam sofrido processos recentes de remoção, além de se encontrarem em permanente estado de guerra com o modelo de exploração e o roubo de suas terras.

Fernando Palomares era um dos exemplos da presença indígena no partido, um trabalhador de Sinaloa, da etnia Mayo, que ajudou a organizar pelo PLM, desde 1903, outros indígenas Yaqui e Mayo nos campos de mineração (CHÁVEZ, 2021). Inúmeros indígenas Yaqui e Mayo aderiram ao PLM, e diversos deles eram líderes de seus povos ou se tornaram líderes do partido, como Javier Buitamea, indígena Yaqui, e o próprio Fernando Palomares, fundamental na greve de Cananea de 1906, ambos atuando em Sonora, no norte do México. Os idiomas Yaqui e Mayo pertencem a um mesmo grupo linguístico e como o idioma Náhuatl estão agrupados na família Uto-azteca.

Durante a tomada da Baixa Califórnia pelos pelemistas, Pedro Ramírez Caule, indígena de origem Rarámuri, e o mesmo Fernando Palomares participaram da tomada de Mexicali, em 29 de janeiro de 1911, junto com os indígenas do povo Cucapá (MUÑOZ, 2012). As forças pelemistas seguiram tomando outras cidades pelo estado com o apoio também de indígenas Paipai e Kiliwa em suas fileiras, liderados por Camilo Jiménez, indígena Cucapá.

O foco principal da luta era a retomada de suas terras, privatizadas tanto por mexicanos como para empresas estadunidenses. Contavam também com o apoio internacionalista de militantes da IWW. Receberam o apoio ainda dos indígenas Kumeyaay, em especial na região de Tecate, atuando como guias na fronteira. Os idiomas Cucapá, Paipai, Kiliwa e Kumeyaay são todos da família Yuman-Cochimí e são considerados ameaçados. O reconhecimento dos *ejidos* após a revolução foi fundamental para que alguns desses povos retomassem seu modo de vida tradicional.

Aliança com o Exército Libertador do Sul

Além destes acontecimentos nos quais o PLM esteve envolvido diretamente, a partir da década de 1910, houve duas vias de aproximação e se pode dizer até mesmo uma aliança entre o PLM e o Exército Libertador do Sul (ELS), uma força pronunciadamente indígena em Morelos, liderada por Emiliano Zapata. Uma primeira se dá pelo estreitamento das relações entre Ángel Bárrios, icônico militante do PLM de Oaxaca, e os combatentes do ELS, a partir de 1911, até que esse se integrou totalmente à luta dos zapatistas, aproximadamente em 1913, sem deixar o PLM, mas pelo contrário, em fidelidade ao seu Programa.

Ángel Bárrios foi um dos militantes do PLM com maior conhecimento em estratégia militar, tendo se formado engenheiro justamente quando estava nas forças armadas, que abandonou por questões presumivelmente ideológicas. A sua capacidade de organização e comunicação das diretrizes da Junta Organizadora entre os diferentes núcleos eram tão valorizadas por seus companheiros quanto a sua persistência na propagação das ideias do PLM entre os indígenas de Oaxaca.

Outra aproximação ocorre pela via ideológica, intermediada pelos pelemistas Teodoro Gaitán e Blas Lara, entre a Junta Organizadora e o ELS. A consigna "Terra e Liberdade", adotada em 1907 pelo PLM, passou a ser o lema também dos zapatistas de Morelos, sobretudo após o encontro entre Emiliano e o pelemista José Guerra, em 1913. Emiliano lia com entusiasmo o *"Regeneración"* e tentava entender o contexto no norte do país (TREJO MUÑOZ, 2020). O *"Regeneración"*, por sua vez, passou a divulgar maiores informações sobre as ações do ELS e pronunciamentos de Emiliano Zapata à medida que estes se percebem traídos pelos governistas e radicalizam sua própria luta por justiça e liberdade, com raízes profundamente econômicas e culturais.

Ao mesmo tempo em que estava cercado de moderados, Zapata não confiava nas promessas governistas, dizendo que os camponeses não estariam satisfeitos apenas trocando os governantes, mas somente quando alcançassem a igualdade completa, acabando com os privilégios dos ricos e as autoridades. Naquela mesma ocasião enviou apoio financeiro ao jornal do PLM e solicitou que sempre lhes fossem enviados mais números.

O legado do PLM no movimento indígena mexicano

Além de haver criado laços importantes com os zapatistas, e especialmente formado uma estreita aliança político-militar com os indígenas Yaqui e Mayo, na luta direta pelos direitos trabalhistas dos mineiros e por seus territórios, e com os Cucapá, Paipai, Kiliwa e Kumeyaay na Baixa Califórnia, por meio de seus militantes de Sonora e daqueles que combatiam nos dois lados da fronteira, como Jesús María Rangel, o PLM também realizou um trabalho de longa data com os indígenas de Oaxaca, através de Bárrios, com os povos Mixteco e Mazateco, por exemplo, que reverbera ainda hoje.

É importante mencionar, ainda, a trajetória do líder indígena Primo Tapia, líder Purépecha do povoado de Naranja, no estado de Michoacán, no sul do México, hoje povoado conhecido como Naranja de Tapia, em sua homenagem. Este foi bastante influenciado pelas ideias de Magón e pelos pelemistas e tendo sofrido o exílio chegou a ser filiado da IWW. Quando voltou para o México, liderou uma revolta indígena em meados da década de 1920, movimento que daria origem à Liga Nacional Camponesa.

Para concluir, talvez a maior referência atual da profunda integração entre o pensamento e a ação incansável do PLM seja, muito possivelmente, a organização chamada Conselho Indígena Popular de Oaxaca Ricardo Flores Magón (CIPO-RFM), que postula um anarquismo autóctone, forjado pela luta dos povos indígenas de Oaxaca e o seu modo de vida, não de forma segregada do anarquismo de raiz europeia, reconhecidamente

importante na história da luta também contra o Estado colonialista e o Capital imperialista, mas de forma própria, privilegiando a perspectiva dos povos originários. O CIPO-RFM é uma organização declaradamente anarquista e indígena totalmente inspirada na tradição histórica do PLM e no pensamento de Ricardo Flores Magón, que é um exemplo na América Latina da proximidade entre a questão indígena e o anarquismo.

Bibliografia consultada

BARTRA, Armando. *Campesíndios: aproximaciones a los campesinos de un continente colonizado*. Equador: Ediciones La Tierra, 2011.

CHACÓN, Justin Akers. Magonismo and the roots of revolutionary internationalism. *International Socialist Review* #101 Socialism In the Air September 1, 2021. Disponível em: https://isreview.org/issue/101/magonismo-and-roots-revolutionary-internationalism/index.html Consulta em: 05 de maio de 2022

CHÁVEZ, Javier Gámez. *Pacarina del Sur - Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano.* Yaquis y Magonistas: una alianza indígena y popular en la Revolución Mexicana año 12, núms. 46-47, enero-diciembre de 2021. Mexico. Disponível em: http://pacarinadelsur.com/nuestra-america/oleajes/88-yaquis-y-magonistas-una-alianza-indigena-y-popular-revolumexicana?tmpl=component&print=1&layout=default Consulta em: 05 de maio de 2022.

HART, John M. Agrarian Precursors of the Mexican Revolution: The Development of an Ideology. Published online by *Cambridge University Press*: 11 December 2015. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/90927A933E8B6680555889801781C3A3/S0003161500071467a.pdf/agrarian-precursors-of-the-mexican-revolution-the-development-of-an-ideology.pdf Consulta em: 05 de maio de 2022.

JOPLM, Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano. Programa del Partido Liberal y Manifiesto a la Nación. *Regeneración* Año I - 3ª Epoca Tomo IV n°11, Julio 1° de 1906, Saint Louis, MO, EUA, 1906. Disponível em: https://web.archive.org/web/20091127085448/http://www.archivomagon.net/Periodico/Regeneracion/TerceraEpoca/PDF/e3n11.pdf Consulta em: 05 de maio de 2022.

MUÑOZ, Gabriel Trujillo. La utopía del norte fronterizo: La revolución anarcosindicalista de 1911. San Ángel, Del. Álvaro Obregón, México, 01000, D. F: *Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México,* 2012. Disponível em: https://www.inehrm.gob.mx/work/models/inehrm/Resource/455/1/images/utopia.pdf Consulta em: 05 de maio de 2022.

OWEN, Roger C. Indians and Revolution: The 1911 Invasion of Baja California, Mexico. *Ethnohistory* 10 (4) (Autumn, 1963), 373–395 Disponível em: https://www.jstor.org/stable/480336 Consulta em: 05 de maio de 2022.

SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana.* Tradução: Rodrigo Thurler Nacif "Jaguanharõ". São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé/Faísca/FARJ, 2006.

TREJO MUÑOZ, Rubén. Vínculos entre los zapatistas y los magonistas durante la Revolución Mexicana. Universidad del Zulia, Venezuela: *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 25, núm. 90, 2020. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/279/27965038006/27965038006.pdf Consulta em: 09 de maio de 2022.

MULHERES, ANARQUISTAS E O APAGAMENTO HISTÓRICO NA REVOLUÇÃO MEXICANA

Bárbara Maria Baltazar de Jesus [1]

Emiliano Zapata, Pancho Vila, Ricardo Flores Magón; nomes conhecidos quando a temática é Revolução Mexicana. Em filmes, livros didáticos e no imagético internacional, graças à luta dos povos indígenas nas áreas do território autônomo de Chiapas, comandado pelo EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional).

E as mulheres? O apagamento histórico da participação feminina no processo revolucionário do início do século XX permanece. Os personagens históricos citados acima são homenageados em museus, descritos como heróis nacionais, ao mesmo tempo em que o protagonismo feminino é relegado a um papel secundário da revolução, preso aos pré-conceitos tantas vezes repetidos da falta de interesse feminino em assuntos políticos. Mas será mesmo que essa visão é correta? O que nos comprovam as fontes históricas e as novas análises sobre a Revolução Mexicana é exatamente o contrário.

Havia grupos como o "Consejo Feminista" e a "Liga feminista mexicana", ambos oriundos da burguesia, que conseguiram se destacar, mas sem causar rupturas na estrutura tanto social quanto política da época.

O foco do artigo em questão é na participação das mulheres: trabalhadoras fabris, campesinas, indígenas, mães, intelectuais, anarquistas e revolucionárias, muitas desconhecidas do público em geral.

Adelita no Museu da Revolução Mexicana

A participação dessas mulheres perpassa todos os aspectos da sociedade mexicana, na denúncia das arbitrariedades do governo porfirista, depois no de Madero, assim como no de Huerta e no auxílio para o trajeto de suprimentos dos campos de batalha, da propaganda política e da ação direta. Nesse contexto, havia as coronelas e as soldaderas, muitas de origem campesina. Como os exércitos revolucionários não usavam de patentes formais, os termos foram adaptados. Era frequente a participação das mulheres nas fileiras de batalha, apesar de manter um olhar romantizado sobre a figura das soldaderas, também conhecidas como Adelitas. Mesmo sendo consideradas corajosas, ficavam entre as mais baixas fileiras em

[1] Membra da CAFI (Coletiva Anarcofeminista Insubmissas), professora de História e Pedagogia das redes pública e particular do estado de São Paulo.

Dolores entre Emiliano Zapata e Pancho Villa.

comparação aos soldados, muitas vezes seguindo à pé, em detrimento daqueles que seguiam à cavalo, por exemplo.

E afinal, quem foi "Adelita" e porque permaneceu sua figura no imagético da mulher da revolução mexicana? Há diferentes versões sobre quem foi, se é que ela existiu dessa forma. Trataremos aqui de duas dessas visões. Pesquisas indicam que seja Adela Velarde Pérez, que se aliou às tropas de Pancho Villa, e manteve relacionamento com Antonio Gil del Río, um tenente villista. Diz-se que Antonio fazia canções de amor para Adela, e que na batalha de Torreón, em 1914, sofre inúmeros ferimentos à bala e que morreu nos braços de Adela.

Há outras versões, uma delas diz que na verdade seu nome era Altagracia Martínez, e que pertencia à elite na Cidade do México e foi rebatizada de Adelita por Pancho Villa. Outra afirma que seu nome seria Marieta Martinez e que foi assassinada.

Independente das possibilidades e das versões, o imagético da mulher que luta, mas que está na batalha por amor, uma visão romanceada da realidade foi o que permaneceu por muito tempo. O que podemos tirar dessas versões é que as soldaderas não ficavam em equidade com os soldados tanto do norte quanto do sul do México revolucionário. Mas não podemos deixar de compreender que ser soldadera era romper com a estrutura daquela sociedade.

Algumas se destacaram além da "patente" soldadera, foram coronelas. Uma coronela de destaque foi Dolores Jiménez y Muro, professora e revolucionária mexicana nomeada pelo general Emiliano Zapata como coronela do Exército Libertador do Sul. Sua participação política antecede a revolução mexicana, fundou jornais, ajudou a organizar sindicatos, escreveu vários de seus textos na cadeia e cunhou a frase: "É tempo de que as mulheres mexicanas reconheçam que seus direitos e obrigações vão mais além da casa".

María Quinteras de Meras foi outra coronela que se juntou ao exército Pancho Villa, e ganhou inúmeras batalhas. Seu marido, que servia no mesmo exército, ficou em patente inferior a sua.

Mas, nem tudo era visto como "aceitável" no exército de Villa; Petra Herrera é este caso: vestiu-se de homem e adotou o nome de Pedro, para ingressar no exército revolucionário. Masculinizar-se foi a forma de poder entrar no exército e de se proteger contra violências. Teve sua identidade descoberta e assumiu a identidade feminina. Diz-se pelos relatos que foi sua ação que garantiu o triunfo ao cerco da cidade de Torreón, e que Villa não queria que uma mulher assumisse o crédito de tal feito. Petra deixou as tropas de Villa e formou sua própria, se aliou à Venustiano Carranza.

Petra Herrera

Amelio Robles Ávila, "El güero", foi soldado do Exército Revolucionário do Sul que acabou se tornando coronel da Cavalaria Legionária. Conhecido como o primeiro general transgênero da revolução mexicana, lutou de 1913 a 1918 nas frentes zapatista, conhecido como "el coronel Robles". Permaneceu com sua identidade até o fim de sua vida, aos 95 anos de idade.

Vemos que, na prática, a participação das classes minorizadas, são constantemente apagadas da história, mas que a história não existiria sem a participação delas.

Desta forma, conhecer a participação de mulheres anarquistas na revolução mexicana não é tarefa simples. Vejamos o caso de Maria Tavalera Brousse, também conhecida como María Broussé, María Talavera, ou María B. Magón. Foi integrante do Partido Liberal Mexicano (PLM), fundado em 1906 por Ricardo Flores Magón e seu irmão

Amelio Robles

Enrique; além de Juan Sarabia, Manuel Sarabia, Rosalío Bustamante, entre outros, era força atuante como oposição ao governo de Porfirio Díaz e, antes da Revolução Mexicana , foi o mais influente movimento de oposição existente.

As ideias libertárias eram difundidas pelo "*Regeneración*", semanário cuja publicação chegou a elevada quantidade de 21 mil exemplares. Ações de levantes armados, greves, fortalecimento do movimento sindical, criação de braço armado para enfrentamento do governo, são algumas das práticas que os membros do PLM realizavam.

Maria Tavalera Brousse, mulher, mãe, anarquista. Destaco essas informações, para colocarmos no contexto do início do século XX e melhor entendermos o quanto vivenciar a prática do amor sem rotulações e dos rompimentos das relações sociais da época, e que até hoje persistem pelo olhar do conservadorismo que varre a América Latina, são marcos importantes de análise e conhecimento.

Maria Tavalera escreveu inúmeros textos libertários no "*Regeneración*". Sua filha, Lucia Norman, também era membra do PLM, escritora no mesmo periódico e anarquista; teve com Magón uma relação paterno-filial até o fim de sua vida.

Além dos textos do periódico, as correspondências trocadas por Maria Tavalera e Magón (enquanto ele estava preso e exilado), que foi seu companheiro, demonstram a importância e o comprometimento de ambos com a luta, o amor e a revolução. São trechos das cartas2:

"Sólo tengo fe en las dos cosas que amo: tú y la Revolución. Sí, María: fuera de ti y de la Revolución, nada hay para mí ni nada quiero" [3]

"Y nosotros somos pobres mexicanos. Somos revolucionarios y nuestros ideales son avanzadísimos; pero somos mexicanos. Ése es nuestra falta. Nuestra piel no es blanca y no todos son capaces de comprender que también debajo de una piel oscura hay nervios, hay corazón y hay cerebro." (Magón em carta para Maria Tavalera)[4]

Após a morte de sua filha Lucia Norman, e de seu companheiro Ricardo Magón, Maria Tavalera continuou a escrever e propagar os ideais anarquistas até sua morte, em 1946.

Duas mulheres anarquistas de destaque por suas vidas dedicadas à ação direta são: Margarita Ortega Valdés e sua filha Rosaura Gortari. Muito do que se encontra delas é sobre a égide de serem magonistas; mas Margarita e Rosaura são mais que isso. Citando o próprio Magon: "Não sou magonista, sou anarquista. Um anarquista não tem ídolos".

Oriunda de uma família abastada, Margarita Ortega, nascida em 1871, em Sonora, estado localizado na região noroeste do México, na fronteira com os estados do Arizona (EUA), tinha uma re-

Ricardo Flores magón e Maria Tavalera Brousse

[2] Citações retiradas do texto: "María y revolución, eso es lo que ocupa mi corazón": *Love and Liberation in the Prison Writings of Ricardo Flores Magón*

[3] "Só tenho fé nas duas coisas que amo: você e a revolução. Sim, Maria, para além de ti e da Revolução, nada há para mim e eu não quero nada." (Tradução nossa.)

[4] "E nós somos pobres mexicanos. Somos revolucionários e os nossos ideais são altamente avançados; mas somos mexicanos. Isso é a nossa culpa. A nossa pele não é branca e nem todos são capazes de compreender que mesmo sob uma pele escura há nervos, há coração e há cérebro." (Tradução nossa.)

lação tortuosa com sua família, visto que sempre se interessou pela questão da injustiça social e da luta dos trabalhadores. Casou-se e dessa relação teve uma filha, Rosaura.

Foi durante a infância da mesma que Margarita se uniu ao movimento anarquista para enfrentar o governo porfirista. Em pouco tempo, criou laços de confiança e se tornou guia para transporte de armas, medicamentos e informações entre os grupos armados isolados das áreas montanhosas e nas cidades e vilas. Atuante na ação direta, foi propagandista, escritora, enfermeira, combatente revolucionária. Transmitia sua força, coragem e fé no anarquismo com suas ações e seus artigos no *Regeneración*. Como combatente, decidiu unir-se à luta armada para enfrentar as tropas porfiristas. Seu marido recusou-se a ir, mas sua filha, Rosaura, seguindo o ideário de liberdade, foi com sua mãe. E ambas integraram grupos de combate armado.

Com a queda do governo porfirista, logo chega ao poder Francisco Madero, opositor de Porfírio mas não menos oportunista e oriundo da elite agrária mexicana. Como esperado, seu governo não cumpriu as demandas das trabalhadoras e trabalhadores como a reforma agrária no campo e salários e condições dignas de trabalho nas cidades. Com isso, a perseguição aos opositores deste governo rapidamente se inicia. Margarita e Rosaura são alvos, e precisam se exilar. Nisto, são perseguidas e correm risco de fuzilamento. A única saída para ambas foi atravessar o deserto buscando refúgio nos Estados Unidos. Sofrem perseguição da imigração norte-americana, e com a rede de apoio magonista conseguem novas identidades: Margarita seria Maria Valdés e Rosaura se torna Joselita.

Com sequelas das privações sofridas ao atravessar o deserto, Rosaura morre. Apesar da perda da filha, Margarita não esmorece das ações revolucionárias e segue organizando grupos armados do PLM.

No ano de 1913, Margarita foi presa junto com sua companheira Natividade Cortes na fronteira de Sonora. Foram torturadas para que delatassem outros membros e ações futuras dos grupos de combate. Como os torturadores não conseguiram seus intentos, Natividad foi fuzilada, Margarita foi transferida para Baixa Califórnia, no México, e assassinada por ordem de Victoriano Huerta, que liderou o golpe de estado contra Madero e assumiu o governo. O corpo de Margarita Ortega foi fuzilado em 24 de novembro de 1913, mas seus atos, que transpassam mais de século, não.

Quando pesquisamos sobre o anarquismo e a revolução mexicana, ainda vemos a mesma linha de análise patriarcal. Claro que isso está diretamente ligado ao fato de quem as escreve, das disponibilidades das fontes e principalmente do apagamento proposital que ocorre na sociedade. Este artigo tem como intuito inspirar novas buscas, novos olhares e, quem sabe, poderemos ver com a mesma quantidade as leituras e propagação dos textos escritos por essas mulheres, quanto as dos homens anarquistas. Assim como vê-las estampadas nas camisas, nos muros, e no coração dos que almejam uma sociedade sem classes, com liberdade, respeito e dignidade.

Encerro este texto com as palavras de Margarita, impressas em 1913, pouco antes de seu assassinato, e eternizadas no "*Regeneración*", quando da morte de Madero.

"Y yo, la madre, tu víctima que ha sufrido tanto por la separación de aquel ángel que me servía de guía y consuelo en mis soledades, te mando mis maldiciones hasta la asquerosa fosa que cubre tus inmundos despojos. Bien muerto seas. Todo lo que se opone a la libertad, la igualdad y la fraternidad, debe desaparecer. ¡Viva la Anarquía!"[5]

Fontes Pesquisadas:

Amelia Robles

BROOKS, Dario. *O general transgênero que lutou com exército de Zapata na Revolução Mexicana.* BBC, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59431864>

[5] "E eu, a mãe, sua vítima que tanto sofreu com a separação daquele anjo que foi meu guia e consolo na minha solidão, envio-vos as minhas maldições para o poço imundo que cobre os vossos restos imundos. Que bem morto estejas. Tudo o que se opõe à liberdade, igualdade e fraternidade, deve desaparecer. Viva a Anarquia!" (Tradução nossa). Margarita Ortega, *Regeneración*, núm. 139, 3 de maio de 1913

Adelitas

*Historia de la Adelita***.** Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, 2020. Disponível em: <https://www.serfadu.com/2020/11/17/historia--de-la-adelita/>

Soldaderas

Soldadera. Stringfixer. Disponível em:<https://stringfixer.com/pt/Soldadera>

TOSI, Marcela de Castro. *Las Soldaderas: mulheres na revolução mexicana de 1910***.** Revista Outras Fronteiras, Cuiabá-MT, vol. 3, n. 1, p.142, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/184>

Margarita Ortega

GENOFONTE, M. *Margarita Ortega. A grande luta por Terra e Liberdade no México*. 1998. Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/04margaritaortega.htm>

ESTRADA, Nayeli Morquecho. *Margarita Ortega Valdés, Revolucionária Anarcomagonista.* Jornal de Borda, São Paulo, n. 6, p.31, 2019. Disponível em: <http://tendadelivros.org/jornaldeborda/wp-content/uploads/2019/06/borda-6-baixa-simples.pdf>

Ricardo Flores Magon

SANTOS, F. B. dos. *O Magonismo e a Revolução Mexicana: um Balanço Político e Ideológico*. Revista de História, [S. l.], n. 166, p. 285-309, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/48647.>

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. *O Magonismo e a Revolução Mexicana: um balanço político e ideológico.* https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/48647

PÉREZ, Alejandro Wolbert. *"María y revolución, eso es lo que ocupa mi corazón": Love and Liberation in the Prison Writings of Ricardo Flores Magón.* 2008. NACCS Annual Conference Proceedings. Disponível em: <https://scholarworks.sjsu.edu/naccs/2008/Proceedings/7/>

Todas as imagens deste artigo foram retiradas da internet.

Emma Goldman também realizou várias ações de apoio à luta dos revolucionários mexicanos. No artigo do jornal *Regeneración*, (nº 87, de 18/05/1911, p.4) reproduzido abaixo, o próprio Ricardo Flores Magón relata uma festa organizada por ela para arrecadar fundos:

¡VIVA TIERRA Y LIBERTAD!

Las cobardes negociaciones de paz entre Madero y el Dictador fueron á dar al cesto de los papeles inútiles; pero no por la altivez de Madero, sino por el valor y la energía de los soldados.

Ciudad Juárez está en poder del movimiento revolucionario y el primer paso que deben dar esos rebeldes, es poner á Francisco I. Madero de este lado de la línea, para que no se apropie ese triunfo que no se debió á él, sino á la saludable desobediencia de sus tropas.

Como es bien sabido, Madero regateaba con Díaz la suma de veinte millones de pesos. Esos veinte millones de pesos iban á parar á los bolsillos del farsante politicastro, dando por resultado que todos los sacrificios que el pueblo había hecho, toda la sangre derramada, todas las lágrimas vertidas por las viudas de los héroes desaparecidos ya, y el hambre y desamparo de los niños, todo ese sufrimiento, todo ese dolor, estaban á punto de ser convertidos en monedas contantes y sonantes, no para llevar un pedazo de pan á las boquitas de los huérfanos ni para hacer obra alguna de redención, sino para hacer más rico á Francisco I. Madero.

Ese verdadero regateo de mercachifles, llevó el ampuloso nombre de negociaciónes de paz. Este indecente chalaneo de dos bandidos, Madero y Díaz, suspendió las hostilidades contra Ciudad Juárez, hasta que indignados los soldados insurgentes, avergonzados esos dignos luchadores de la indecisión y la cobardía y la mala fé del llamado "Presidente Provisional de la República Mexicana." le dieron la espalda, y, desobedeciendo la orden de suspensión de las hostilidades, se avalanzaron como leones contra las trincheras de Juárez á perder la vida ó á conquistar la plaza. La plaza cayó en sus manos después de fuerte lucha, durante la cual dormía dulce siesta el payaso de la boleta electoral, según los telegramas de la prensa.

Este notable triunfo sobre las fuerzas de la Dictadura es no solo un triunfo material, sino un triunfo moral. Por él se ve, que el pueblo no necesita amos ó mandones para rebelarse y aplastar la tiranía. Madero dijo á sus soldados que no disparasen un solo tiro sobre Juárez. Los soldados dispararon sobre Juárez y tomaron la plaza á sangre y fuego, contra la voluntad del negrero, y esto quiere decir que el espíritu de rebeldía va echando raíces en las masas populares.

La vergonzosa actitud de Madero ha sido criticada severamente por la prensa americana.

Ya nadie, en Ciudad Juárez, grita ¡Viva Madero! Ahora se grita ahí: ¡Viva Orozco! ó Viva Blanco! Bien pronto, al orientarse las conciencias, se lanzará en esa ciudad este grito formidable: ¡Viva Tierra y Libertad! que es el grito de los liberales.

Rebeldes de Ciudad Juárez: no vale la pena perder la vida por un cambio de amos. No esperéis que ningún gobierno haga la felicidad del pueblo mexicano, porque la felicidad no se obtiene por medio de decretos gubernamentales. Cualquier hombre, por bueno que sea, no puede hacer nada en beneficio de la humanidad cuando llega al poder, y, tiene, por fuerza, que ser malo, desde luego que, como gobernante, está obligado á velar por los intereses de la clase capitalista, y, esos intereses, oídlo bien, rebeldes, son absolutamente antagónicos respecto de los intereses de la clase pobre. Así, pues, si deseáis luchar para el beneficio de la clase pobre, no luchéis por echaros encima un nuevo gobernante, sino por conquistar, durante esta Rebelión, bienes materiales y eso se consigue arrebatando, oídlo bien, arrebatando de las garras de los ricos, la tierra y la maquinaria para el uso y disfrute de todos y cada uno de los habitantes de México, sin distinción de sexo. De ese modo es como se da muerte á la miseria y no por medio de la boleta electoral. La boleta electoral solamente sirve para elevar tiranos y mantener á ese ejército de holgazanes que se llaman funcionarios ó empleados.

Abrazad resueltamente la bandera igualitaria del Partido Liberal Mexicano, que es la hermosa Bandera Roja, la bandera de todos los desheredados del mundo, y en cuyos pliegues pueden leerse estas hermosas palabras: *Tierra y Libertad.*

Es necesario que comprendáis que lo que necesita el pueblo mexicano es matar la miseria, matar la ignorancia, matar el despotismo. Los gobiernos, desde hace muchos miles de años, no han podido matar ni la miseria ni la ignorancia, porque los gobiernos son los sostenedores de este despotismo: el Capital, que se os ha enseñado á ver con religioso respeto. Pues bien, sabedlo, el Capital es el producto del robo. El Capital está formado de vuestro trabajo. Vosotros sudáis en los campos, en las fábricas, en los talleres, en las minas, no para enriqueceros, sino para enriquecer á vuestros patrones. Es preciso que ahora lo hagáis para enriqueceros todos, pues siendo el Capital el producto de los esfuerzos de los trabajadores de todos los tiempos, debe pertenecer á todos los trabajadores del presente y pasarlo después á los trabajadores del futuro.

No sé si habré hablado con entera claridad para que me entendáis; pero si no he logrado hacerme entender desde luego, leed con toda atención el contenido de este articulejo, y creo que así, lograréis entenderlo. He escrito esto, para que abráis los ojos. La humanidad ha tenido muchas revoluciones, y, sin embargo, es todavía esclava, y eso se debe á que no se ha atrevido á reducir á cenizas las leyes y todos esos papelotes en que se prescribe que hay que respetar el Derecho de Propiedad individual. No aspiréis á haceros ricos individualmente, sino á que ya no haya pobres, pues no habiendo pobres, todos serán ricos, y los capitalistas se verán entonces forzados á ganarse la vida como lo hacéis vosotros, trabajando.

Conque, poned á Madero de este lado de la línea, porque no quiere otra cosa que llegar á ser Presidente para que las cosas sigan lo mismo de siempre: el trabajador sudando para que los ricos se den la gran vida. Nada de eso; ahora, que suden también ellos para que mantengan á sus familias.

Enarbolad sobre los edificios de Ciudad Juárez la Bandera Roja y gritad ¡Viva Tierra y Libertad!

RICARDO FLORES MAGON.

(Viene de la primera página.)

no pudiendo atenderlos, por orden de sus jefes les cortaron una oreja que guardaban en grandes "chiquihuites (cestos). Al fin de la jornada los Jefes Xochimilcas presentaron sus prisioneros y el Rey de ellos viendo á distancia que los Aztecas no tenían ni uno, llamó al Jefe Azteca y duramente le preguntó por ellos. Entonces éste mandó á sus guerreros que vaciaran los "chiquihuites" y mostrando al Rey Xochimilca el cerro de orejas le manifestó que habían hecho tantos prisioneros que no queriendo entretener gran parte de su gente cuidándolos, había optado por cortarle una oreja á cada Chalca prisionero; lo cual hizo que el Rey Xochimilca espantado ante la bizarría de los Aztecas, los dejara libres y los colmara de presentes, temeroso de que se les ocurriera cortar también orejas xochimilcas.

Ese pasage de la Historia Antigua de México se me vino á la memoria al leer una telegrama de la Ciudad de Puebla que dice: "Se ignora absolutamente lo que haya sucedido últimamente en Izúcar de Matamoros. Ayer (2 de Mayo) llegaron tres carretadas de schacots y mochilas que se supone pertenecieron á soldados federales muertos en recientes acciones contra los insurgentes. Eso hace creer que las tropas del Gobierno han sido derrotadas en aquella plaza."

Tres Poblaciones Más.

Santa Cruz, Tepeyahualco y Agatzingo están en poder de la revolución.

SAN LUIS POTOSI.

Se los Va á Comer.

Hermenegildo Gutiérrez, burgués y esclavista, "dueño" de la Hacienda de Illescas, está armando hasta los dientes á 25 hombres con los que dice que va á arrojar á los atrevidos revolucionarios que han cometido el desacato de posesionarse de "su" hacienda.

Nuevo Levantamiento.

Un nuevo movimiento de insurrección acaecido en las cercanías de Río Verde hizo salir, aunque temblando á pesar de que ya hace calor, á 50 soldados del 3o y 20 rurales del 7o de la guarnición de la Capital del Estado.

Se Aguó el "Tianguis."

Cuando más quitados de la pena estaban los habitantes de San Ciro en un animado "tianguis" (una feria popular), una pequeña guerrilla bien armada cayó sobre el pueblo sembrando el espanto consiguiente en las pobres autoridades que del susto ni hallaban como meterse bajo las camas.

Pedro Morales, Presidente Municipal, fué ejecutado.

Escaramuza.

Cerca de Salinas hubo un choque entre la guerrilla de Nicolás Torres y fuerzas federales al mando del Prefecto Político.

No se precisa el número de las bajas por ambos lados.

Otra Nueva Partida.

Visitó la hacienda Aguadulce, en número de 500, marchando después á las montañas vecinas á esperar á otra partida á las ordenes del Dr. Zepeda, que anda por Galeana reclutando voluntarios.

Tráfico Cortado.

Lo ha sido entre San Luis Potosí y Saltillo, sobre la línea del Nacional.

SINALOA.

Esbirro Fusilado.

Los rebeldes que tomaron Limón pasaron por las armas al oficial Evaristo Bastida. Bien hecho.

Como en su Casa.

Después de tomar el pueblo de Quila, donde recogieron los fondos del Correo y otras oficinas públicas, se instalaron cómodamente los revolucionarios sin que nadie se atreva á molestarlos.

¡Guerra á los Papelotes!

Por la mayor parte de la República donde llegan los rebeldes están éstos haciendo autos de fé con los papelotes de los archivos públicos, de las Prefecturas y Municipalidades y quemando también los Registros de la Propiedad Rural y Urbana, así como los de los Juzgados y Cárceles.

Los rebeldes que tomaron Elota ultimamente no olvidaron practicar esa buena costumbre, á más de imponerles préstamos forzosos á los ricachos de la localidad. Noticia que hará torcer el gesto al Provisional Enano, porque él practica la costumbre de los préstamos en personas de pobres, á quienes les quita el único caballito que tienen ó la montura ó el rifle que por tanto tiempo ahorraron para comprarlo, pero nunca se atreve á que tomen un caballo perteneciente á un rico y hasta castiga al que lo haga; lo cual demuestra que el Provisional no busca el beneficio del pobre sino el del rico, que es su casta, la casta maldita de los sinverguenzas burgueses y explotadores.

Más Lugares Tomados.

También han caido en poder de los rebeldes, quienes también han quemado los papelotes de las oficinas públicas que han hallado á su paso, los siguientes puntos: Agua Nueva, Bacubirito, Palmar de los Sepúlvedas, La Noria, Las Chicuras, San Lorenzo y Santa Cruz.

Un Puerto Más Tomado.

El de San Blás cayó también en poder de los rebeldes, quienes recogieron ahí, según los partes telegráficos, la cantidad de $3,000 y algunos miles de cartuchos.

SONORA.

Siempre Cayó.

A pesar de que el Mayor Luis Barrón salió de Agua Prieta al frente de 300 cosacos á batir á los rebeldes de Nacozari, esta plaza cayó en las manos de la revolución sin resistencia.

Derrotados.

El Capitán Luis Estrella y su fuerza cayeron en una emboscada en Los Otates y solo tres soldados quedaron con vida, heridos, y Estrella prisionero.

Los maussers, parque, municiones y provisiones de los federales quedaron en poder de los rebeldes.

TEPIC.

Triunfo Completo.

Lo obtuvieron Romero y sus guerrilleros en Amatlán de las Palmas.

Después de derrotar por completo al destacamento de rurales hicieron prisioneros al Jefe de los rurales y al Presidente Municipal.

Esta fuerza incendió el archivo.

VERACRUZ.

Nuevo Grupo.

Sesenta individuos se levantaron en armas en Santa Ana Atxcan dirigiéndose á Zacatla con objeto de engrozar las fuerzas rebeldes que operan en aquel lugar del Cantón de Córdoba.

Otro Esbirro Menos.

El Juez de Paz de Alcapongo fué fusilado por una fuerza insurrecta que tomó aquel lugar y que después tomó el de Capozalco.

Sin Disparar un Tiro.

Así fué tomada Banderilla por Ignacio Garrida Huerta y su guerrilla. Tomaron los fondos públicos, impusieron préstamos y se marcharon.

45 rurales salieron á alcanzar á los 27 insurrectos y se trabó combate en el punto llamado Boquerón. Los rurales dicen haber derrotado á los insurgentes, pero si non e vero. . . . .

Otro Nuevo Grupo.

Se levantó últimamente en Los Naranjos, donde se hicieron de caballos y otros elementos.

ZACATECAS.

Recaptura de Tlaltenango.

Luis Moya, aprovechándose de la circunstancia de que los federales desalojaron Tlaltenango, regresó á dicha población, reocupándola.

No Hay Más Sueldos.

El mismo Gobernador del Estado confiesa que ya no puede dominar la situación, declarando que la revolución impide cobrar las contribuciones y que por lo mismos se ve precisado á suspender el pago de sueldos á los empleados.

Nieves.

Esa cabecera de Partido está en poder de Luis Moya y sus 300 rebeldes.

Fueron destruidos los archivos públicos. También se impusieron préstamos forzosos á los ricos.

¡Bien por los Peones!

Despertando al fin los pobres esclavos de las haciendas, por cientos se están uniendo á las bandas rebeldes para ayudar á hacer justicia.

El primer paso está dado: entrar en acción. La acción le enseñará al esclavo que es fuerte y la Idea le mostrará el camino verdadero hacia la Libertad.

Hermanos conscientes: á nosotros nos toca enseñarles la Idea.

No olvidar que en esta revolución cada Liberal no debe limitarse á ser un soldado: debe ser también un apóstol.

Acción y Propaganda, Compañeros, y conquistaremos para todos Pan, Tierra y Libertad.

ENRIQUE FLORES MAGON.

¡Muera el Orden!

¡Ah, el orden! Así gimen, en estos momentos, todos los partidarios de lo que se llama orden. El orden, para esas pobres gentes, solo puede subsistir estando la humanidad sometida á la férula del polizonte, del soldado, del juez, del carcelero, del verdugo y del gobernante.

Pero eso no es el orden. Yo entiendo por orden: armonía, y la armonía no puede ni debe existir mientras haya sobre la superficie del planeta seres humanos que tienen qué comer en abundancia, y seres humanos que no tienen un pedazo de pan que llevarse á la boca.

Si todas las cosas estuvieran bien arregladas, si toda criatura humana tuviera qué comer, tuviera dónde resguardarse de la intemperie sin tener que pagar alquileres de casas, en una palabra, si todos, con un rato de saludable trabajo al día tuvieran lo necesario para vivir con decencia y sin incertidumbres por el porvenir, entonces no habría nadie que se atreviera á decir: yo soy más qué tú, ¡obedéceme!

Entonces habría orden porque habría armonía. Nadie tendría qué disputar á otro, nadie tendría envidia de nadie. Todos seríamos hermanos y saldrían sobrando el polizonte, el soldado, el juez, el carcelreo, el verdugo y el gobernante. Saldrían sobrando, porque conquistada la armonía entre los seres humanos por la conquista de la libertad económica el parasitismo de los funcionarios públicos no tendría ya razón de ser.

Los funcionarios públicos no son, como se cree, los guardianes del orden. El orden, que es la armonía, no necesita guardianes, precisamente porque es orden. Lo que sí necesita guardianes es el desorden, y desorden escandaloso, vergonzoso y humillante para los que no nacimos para esclavos, es el que reina en la vida política y social de la humanidad.

Desorden es que una clase social pese sobre otra clase social, pues no debe existir más que una sola clase: la de los productores, esto es, la de los trabajadores. La humanidad se convertirá en clase trabajadora, cuando la tierra y la maquinaria pertenezcan á todos, pues entonces todos tendrán que trabajar para comer.

Para mantener el desorden, esto es, para mantener la desigualdad política y social, para mantener los privilegios de la clase alta y tener sometida á la clase baja, es para lo que se necesitan los gobiernos, las leyes, los polizontes, los soldados, los carceleros, los jueces, los verdugos y toda una caterva de altos y pequeños funcionarios que chupan las energías de los pueblos de la tierra. No es para protejer á la humanidad para lo que existen esos funcionarios, sino para tenerla sometida, para tenerla esclavizada en beneficio de los que se han dado maña para retener hasta hoy la tierra y la maquinaria.

¡Ah, el orden! Así gimen en estos momentos los partidarios del desorden, esto es, los partidarios de la desigualdad social y política de la especie humana.

No; el orden no es la esclavitud de una parte de la humanidad por otra parte de ella, sino la libertad de toda la especie humana. Al orden burgués, los mexicanos contestamos con nuestra rebeldía. ¡Contra ese orden gritamos: ¡muera el orden! Porque es un orden que maniata la libre iniciativa del ser humano, porque es un orden de cuartel ó de presidio. ¡Muera el orden!

RICARDO FLORES MAGON.

A LOS COMPAÑEROS.

El Grupo REGENERACION de San Gabriel, Cal., instalado el 1o de Febrero pasado, ha tenido sus asambleas todos los domingos á pesar de los múltiples obstáculos que ha tenido que vencer, siendo entre otros la falta de un salón para reunirnos y los groseros insultos de borrachines estultos que no teniendo valor para asistir á nuestras reuniones á rebatir nuestras ideas, ni teniendo argumentos con qué apoyar su estúpida actitud hostil al movimiento proletario que defendemos, se emborrachan hasta embrutecerse más de lo que están ya para cobrar ánimo y llenarnos de improperios.

Pero á pesar de todo, nuestro Grupo sigue adelante con el fin que se ha propuesto de ayudar en la grandiosa obra de conquistar Pan, Tierra y Libertad para Todos colectando fondos para el fomento de la obra educadora de REGENERACION, fondos que son enviados semanariamente á la Junta Organizadora del Partido Liberal; habiéndose colectado hasta la fecha la cantidad de $39.40. Lo que hago saber á los miembros de este Grupo y al público en general.

TIERRA Y LIBERTAD, San Gabriel, Cal., Abril 30 de 1911.

TOMAS MATA, Srio.

COMPAÑEROS CARPINTEROS.

Por encargo del Comité de Carpinteros Huelguistas de St. Louis, Mo., os hacemos saber que en aquella Ciudad están en huelga todos los obreros del Ramo de Carpintería desde el 1o del pasado Abril, luchando por aumento de salarios y una jornada de ocho horas.

Los burgueses de St. Louis tratan de ocultar la huelga para que vayan de fuera otros obreros á quebrar la huelga.

No os dejéis sorprender, compañeros, ni tampoco aceptéis servir de esquirol, es decir de quiebra-huelgas. Volved las espaldas á quien os proponga ir á trabajar á St. Louis, Mo., en el oficio de carpintería.

Ser quiebra-huelgas es tan sucio y odioso como ser esbirro.

Compañeros Carpinteros: No vayáis á St. Louis, Mo. Sed honrados.

Aspecto Social de la Lucha Contra la Tuberculosis

Conferencia pública dada por el Dr. Queraltó, Presidente de la Sección de Medicina del Primer Congreso Español Internacional de la Tuberculosis, el 19 de Octubre de 1910, ante el mismo Congreso.

(Recomendamos á los lectores de REGENERACION lean con todo detenimiento este sincero trabajo que demuestra con claridad que bajo el actual sistemá social y político que impera en el mundo entero, la humanidad no puede esperar otra cosa que su degeneración y su desgracia.)

(Continúa.)

Hemos aprendido á curar á los ricos, á quienes cuentan con recursos para tratarse. Dimos el goce de la naturaleza á tristes infaustos recluídos en pestíferas alcobas. Olvidada la cura en pleno aire, la recomendada por Hipócrates, y Galeno, y los árabes, y Baglivi, se secuestraba á los tuberculosis en cámaras calafateadas. "No sé nada, decía Peter, más asquerosamente fétido que el cuarto de dormir de un tísico rico. Es un sitio cuidadosamente cerrado, donde se priva el entrar al aire y á la esperanza; acolchados en las puertas, acolchados en las ventanas; espesas cortinas cubriendo la cama, donde el desgraciado tísico se cuece en estofado en su humedad y en su aire veinte veces respirado, veinte veces ya sucio por el contacto de sus pulmones alterados." Miss Nightingale se atrevió á afirmar que nada tan sano como un buen fuego y la ventana abierta; Bennet, condenado por tísico en Londres á cuarto ocluso, caldo de pollo y tisanas tibias, escapó á Menton, en cuyas rocas abrió el pecho al aire y se extendió al sol; y Brehmer, rompiendo con los añejos prejuicios, colocó á sus enfermos en galerías abiertas. De súbito, la *natura medicatrix* obraba en toda su grandeza. Dethweiler repetía: "mi cocina es mi farmacia." Así ideado el sanatorio, su fama se extendió muy velozmente. Los resultados fueron admirables; en muchos enfermos se detuvo el proceso, en otros retrocedió sobremanera, algunos curaron del todo, pocos sucumbieron. Sus estadísticas, en extremo halagueñas, propalaron las cifras de curaciones. El entusiasmo las acreció en sumo grado: se habló de tantos por ciento portentosos. El 26 por 100 de Gorbersdorf, el 24 por 100 de Falkenstein, fueron rezagados: había el 36 por 100 de Bad-Rehburg, el 39 por 100 de Hohenhonnef, el 67, el 89 y el 95. ¡Poco faltó para el 100 por 100!

Así, en poder de una arma excelsa, era lógico que se pensase en utilizarla para los pobres. Concibieron el proyecto ilustres médicos alemanes, y emprendieron á su favor por su patria una activisima campaña. Con artículos y folletos, en reuniones y conferencias, divulgaron sus propósitos y estimularon la opinión amortecida; y por su impulso se crearon ligas y comités para realizar sus fines, como prenda de amor á los menesterosos. Al fin, en 1891, un sanatorio popular estuvo en funciones; cinco años después, otro; y un año mas tarde, en 1897, la idea adquirió tal poderío, que el estado, adoptándola, se decidió á intervenir eficazmente. Hay en Alemania las cajas de seguros contra las enfermedades y contra la invalidez y la vejez; sus fondos provienen del patrono, del obrero y del Estado, y se destinan, como su nombre indica, al socorro de las dolencias de los proletarios. Mas se daba el caso de que lo que más motivaba la aplicación del socorro era el daño tuberculoso. En gran número de oficios, este mal figuraba como uno de los más nocivos. Según la estadística imperial de seguros, de todos los obreros viriles de las minas y altos hornos, de la construcción y de la industria, que se vuelven inválidos, los dos tercios de veinte á veinticuatro años, y más de la amitad hasta los treinta y cinco, lo son por este proceso. De esta suerte, por término medio, los obreros tuberculosos costaban de 35 á 40 millones de francos, y en algunas cajas acaparaban más de la mitad del recaudo. Es más: con ser esta proporción tan crecida, iba en aumento sin tregua; en alguna caja, como en la de Westphalia, pasó el número de auxiliados tísicos de 9.47 por 100 en 1892 á 12.45 en 1895; duplicó en otras, como en la de Turinga, y aun triplicó, como en Mecklemburgo. La cuestión dejaba de ser sólo filantrópica para ofrecerse como problema financiero: si con parte de las rentas á los tísicos mortales pudiese detenerse el afecto, claro está que esto involucraría una economía extraordinaria; si aun suponiendo que la cura no fuese definitiva, permitía que el obrero pudiese trabajar más años, la riqueza social del país se aumentaba con el valor de su salario. Modificóse la ley sobre el seguro y permitióse á las cajas que introdujeran un procedimiento de curación preventiva. Muy luego, por toda Germania, brotaron los sanatorios populares. En 1899, en el Congreso de Berlín, fué tal la satisfacción de sus defensores, que, como dice Cheinisse más que miembros de una asamblea, parecían los congresistas simples invitados á admirar el progreso y la supremacía alemanas; triunfaba el concepto del sanatorio como el supremo medio terapéutico. En el de París, hicieron gala del desarrollo de su obra; y es preciso declarar que á todos nos impresionó sobremanera la grandeza del esfuerzo. Además de dichas cajas, la misma Cruz Roja interviene en el movimiento, y es en verdad admirable la organización del mismo. Palacios sobre palacios, colonias sobre colonias; de cien sitios admirables surgen las mansiones de salud para el exhausto: desde Konisberg hasta Wenrawald, hay un bello semillero de institutos.

(Continuará.)

EMMA GOLDMAN

Antes de irse nuestra estimada compañera Emma Goldman nos dijo: estoy con Uds. en favor de la verdadera Revolución en *México:* la que se ha emprendido por Tierra y Libertad.

Emma Goldman dedicó dos noches á favor de los revolucionarios liberales de la Bandera Roja. La noche del sábado pasado se celebró bajo sus auspicios una reunión social en el Burbank Hall. Casi todas las razas humanas estaban representadas en la simpática fiesta de los iguales. Con gusto vimos que no faltaron representantes de nuestra raza.

Hubo cortos discursos en diferentes lenguas á favor del Partido Liberal Mexicano y en contra del maderismo y del porfirismo. Explicaron los oradores en inglés, italiano y hebreo la diferencia que hay entre una revolución netamente política y una revolución social. La de Madero es una revolución política porque no trata más que de un cambio de amos, quedando el proletariado en la misma condición en que se encuentra actualmente. Por el contrario la Revolución que representa el Partido Liberal Mexicano, es una Revolución Social porque tiende á aniquilar el llamado derecho de propiedad con el fin de que todo lo que existe quede en poder de todos y cada uno de los habitantes de México, comenzando por desconocer á los ricos el derecho de retener para ellos la tierra y tomarla virilmente junto con la maquinaria para que ya no haya brazos que se alquilen.

Emma Goldman no estaba preparaba para hablar, pues se trataba simplemente de pasar unas cuantas horas de alegría; pero invitada á que lo hiciera, accedió gustosa. En su notable discurso á favor de la Revolución Social en México, criticó duramente la actitud de ciertos socialistas que permanecen indiferentes en estos momentos en que hay libertarios que enarbolan gallardamente la Bandera Roja del proletariado en los campos de batalla de México. Espléndida estuvo Emma y fué aplaudida con entusiasmo.

En esta fiesta hubo música, hubo baile, hubo recitación de poesías. Los simpáticos compañeros I. W. W. cantaron coros obreros que hacían vibrar de entusiasmo á todos los asistentes. El nombre de William Stanley, el soldado del proletariado que tan heroicamente supo morir en Mexicali, fué saludado con aplausos. Botoncitos con el retrato del héroe Praxedis G. Guerrero, eran arrebatados de las manos de las niñitas mexicanas que los vendían.

Compañeras mexicanas atendieron á los que tenían apetito y se acercaban á las mesas á saborear los ricos tamales y el espléndido café con que se contaba, ó bien á apurar algunos vasos de buena cerveza. Unos bailaban, otros platicaban, comían ó bebían. La mejor armonía reinó durante la fiesta que produjo para la causa la suma de treinta y dos pesos, treinta y un centavos.

El domingo en la noche, en el Mammoth Hall, habló Emma Goldman sobre "El Espíritu Eterno de la Revolución." Sentimos no disponer de espacio suficiente para dar una idea siquiera de esta notable conferencia. El salón estaba lleno á reventar. El Grupo "Regeneración" de esta ciudad, suspendió su sesión ordinaria en el Labor Temple, para asistir al Mammoth Hall á oír á la camarada Emma. Nunca se había pronunciado un discurso á favor de la Revolución Mexicana, como el que Emma dijo esa memorable noche. El negrero Madero fué tratado de ladrón al igual que Díaz, logrando convencer la compañera al auditorio de que la verdadera Revolución en México es la que está representada por la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano y que tiene por lema: Tierra y Libertad, las dos grandes necesidades del pueblo mexicano.

Emma excitó á la concurrencia á que se contribuyera para el fomento de la Revolución en México, y la colecta que se hizo arrojó la suma de cincuenta pesos, sesenta centavos que nos fué entregada en el acto. La compañerita Lucía Norman vendió tres pesos, cincuenta centavos de ejemplares de REGENERACION.

Felicitémonos, compañeros: la causa generosa del Partido Liberal Mexicano, cuenta ahora con la valiosa ayuda de la talentosa anarquista Emma Goldman. Esta brillante oradora, cuyo talento es reconocido en todo el mundo aun por los enemigos de la causa del proletariado, nos ha ofrecido su ayuda y lo está cumpliendo. No solo va á hablar en favor de la Revolución, sino que va á reunir fondos para el fomento de la misma. En su periódico "Mother Earth" (Madre Tierra) que se publica en Nueva York, va á abrir una subscripción para los rebeldes de la Bandera Roja, y, por dondequiera que ella vaya, con su voz prestigiosa, ensalzará los sacrificios de nuestros hermanos que luchan en México por Tierra y Libertad.

No estamos solos en la lucha. Con nosotros están todos los corazones bondadosos de la tierra.

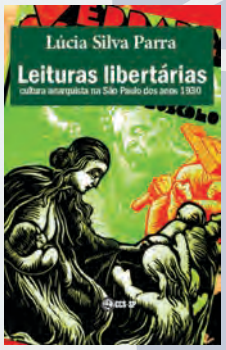
RICARDO FLORES MAGON.

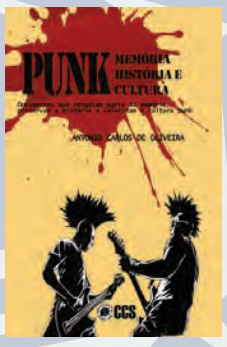
DEFUNCION.

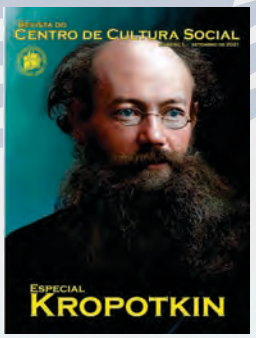
Nuestro buen compañero, Aniceto Moreno, de San Antonio, Texas, nos participa el fallecimiento de su anciano padre, en Seguin, Texas, el 17 de Febrero del presente año. Fué uno de los buenos hijos de México que prestó sus servicios á la patria desde la edad de 16 años, cuando la Intervención Francesa y promulgación de las Leyes de Reforma, y más tarde militó bajo el Sr. Lerdo de Tejada, y por fin disfrutó de los beneficios que el actual Gobierno de México concede á sus hijos. Paso á descansar á la edad de 71 años. Paz á sus restos. Nuestra sincera condolencia á nuestro compañero Moreno, quien por estas líneas da las más expresivas gracias á las personas que le acompañaron hasta depositario en el sepulcro.

MORNING STAR RESTAURANT
H. DOMINGUEZ, Prop.
Home Phone 1245
702 Third St., San Bernardino, Cal.
Agente "REGENERACION."

Mexico Barbaro
$1 EN INGLES $1
Por John Kenneth Turner
Explicando el por que de la
Revolucion Mexicana
El Precio de Este Libro Famoso es $1.50
Por Algunos Dias Podemos Darlo en
UN PESO
Direccion "Regeneracion," 519½ E. 4th Street
Los Angeles, Calif., E. U. de A.







visite http://ccssp.com.br/livrariaccs

www.ccssp.com.br

ccssp@ccssp.com.br

facebook.com/centrodeculturasocialSP

instagram.com/centro_de_cultura_social

youtube.com/centrodeculturasocial